

# ESTUDOS

Lingüísticos e Literários

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS

REITOR

José Rogério da Costa Vargens

VICE-REITOR

Nadja Maria Valverde Viana

DIRETOR

Suzana Helena Longo Sampaio

COORDENADOR DO MESTRADO

Serafina Pondé

EDITOR

Celina Scheinowitz

CO-EDITOR

Evelina Hoisel

CONSELHO EDITORIAL

Antonia Herrera (UFBA)  
Heloísa Prata e Prazeres (UFBA)  
Luiz Antonio Marcuschi (UFPE)  
Regina Zilberman (PUC/RS)  
Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA)  
Sumaia Sahade Araújo (UFBA)

ASSESSORAMENTO EDITORIAL

Ana Maria Oliveira (UFBA)  
Celeste Aída Galeão (UFBA)  
Lúcia Mattos (UFBA)

Programa de Apoio a Publicações Científicas

SCV/PR  CNPq  FINEP

Publicação semestral do Curso de Mestrado em Letras  
da Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras - Campus de Ondina  
40.210 Salvador-Bahia-Brasil

E S T U D O S

L I N G Ü Í S T I C O S E L I T E R Á R I O S

Estudos

Salvador

nº 11

p. 1-195

agosto/1991

ESTUDOS  
LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO	
O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil: antecedentes e desenvolvimento em Salvador Jacyra Mota e Vera Rollemberg.....	9
ESTUDOS	
<u>Eu, você et alia</u> em três diálogos Maria del Rosário Albán e Judith Freitas.....	25
A pessoa e a não-pessoa em discursos de informantes do Projeto NURC/Salvador Carlota Ferreira, Judith Freitas, Maria Eline Men- des, Jacyra Mota e Vera Rollemberg.....	39
Os pronomes pessoais sujeito e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador Cláudia Andrade, Cássia Lopes, Cassandra Matos e Vera Rollemberg.....	53
<u>Nós ou a gente?</u> Maria del Rosário Albán e Judith Freitas.....	75
<u>Nós e a gente</u> em elocuições formais Judith Freitas.....	91
<u>Nós e a gente</u> : uma sondagem na norma culta brasilei- ra Maria del Rosário Albán, Rosineide R.da Cruz, Ivo nete Oliveira, Franceline Passos e Carola Rapp....	103
O Projeto NURC e o ensino do 1º grau (Dialeto do alu- no e descrição gramatical) Judith Freitas .....	117
Os pronomes pessoais na norma culta e nos textos pe- dagógicos Judith Freitas .....	133
A norma culta brasileira e as prescrições gramati- cais: colocação dos pronomes átonos Tânia Lobo, Dante Lucchesi e Jacyra Mota .....	147

ESTUDOS: lingüísticos e literários,  
nº 11, agosto 1991. Salvador,  
Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras, 1991, 195 p.  
22 cm.

1. Letras - Periódicos I. Uni-  
versidade Federal da Bahia, Institu-  
to de Letras.

CDU 8(05)

Análise de variáveis sociolingüísticas na colocação dos pronomes átonos Dante Lucchesi e Jacyra Mota .....	159
---	-----

ENTREVISTA

Estudos: Lingüísticos e Literários encontra Bernard Pottier Entrevista concedida a Celina Scheinowitz.....	179
---	-----

APRESENTAÇÃO

*Estudos*: lingüísticos e literários, no seu número 11, reúne alguns dos trabalhos produzidos pela equipe do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta em Salvador (Projeto NURC), subscritos por professores da Universidade Federal da Bahia (Instituto de Letras e Faculdade de Educação), estudantes bolsistas dos Programas de Iniciação Científica e de Aperfeiçoamento do CNPq e alunos regulares dos cursos de graduação em Letras.

O conjunto de artigos, apesar da vinculação de seus autores ao Projeto NURC/Salvador, traz uma abordagem de caráter nacional que decorre, por um lado, do fato de além de fundamentar-se no **corpus** recolhido em Salvador também utilizar segmentos do que se constitui no acervo das demais cidades comprometidas com o Projeto no Brasil — Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre; por outro lado, da extensão das conclusões preliminares a que se tem chegado em cada tópico tratado.

*Estudos*: lingüísticos e literários nos permite, assim, uma incursão pela realidade oral do português do Brasil, trazendo ao leitor enfoques não encontrados em textos fixados pela tradição gramatical, ao apresentar uma série de estudos-piloto sobre a classe sintática dos pronomes, examinados e considerados numa perspectiva sociolingüística e à luz de conceitos gramaticais redimensionados. Os dez trabalhos que compõem este número descrevem os pronomes pessoais, estabelecem o confronto entre o que se documenta no segmento da norma culta brasileira analisado e a realidade apresentada em textos didáticos e examinam a relevância das variáveis sociolingüísticas consideradas. Precedendo-os, um

<i>Estudos</i>	Salvador	nº 11	p.1-195	agoato / 1991
----------------	----------	-------	---------	---------------

texto introdutório fornece informações sobre o Projeto NURC no Brasil e seu desenvolvimento, especialmente em Salvador.

A seleção, organização, revisão crítica e/ou reelaboração desses estudos-piloto ao projeto "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no **corpus** do Projeto NURC" são da responsabilidade de Judith Freitas, Jacyra Mota e Vera Rollemberg, professoras integrantes da equipe que vem desenvolvendo esse projeto.

Por fim, em meu nome e no dos colegas do Projeto NURC/Salvador registro congratulações ao Mestrado em Letras pela continuidade na publicação de *Estudos: lingüísticos e literários*, o que revela, de fato, a implantação de um trabalho editorial sistemático, permitindo, assim, maior circulação do que se tem produzido na área das Letras.

Suzana Cardoso

I N T R O D U Ç Ã O

O PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGÜÍSTICA URBANA CULTA NO BRASIL:  
ANTECEDENTES E DESENVOLVIMENTO EM SALVADOR

Jacyra Mota  
Vera Rollemberg  
Universidade Federal da Bahia

1 O PROJETO NURC NO BRASIL

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) vem-se desenvolvendo desde 1969 em cinco cidades brasileiras — Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — e visa a proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior em cada uma dessas cidades.

O Projeto NURC vincula-se, quanto à inspiração e metodologia, ao Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica, proposto no II Simpósio do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (PILEL, depois PILEI), em Bloomington, Estados Unidos, em agosto de 1964 por Juan Lope Blanch, da Universidad Nacional Autónoma de México. A sua introdução no Brasil deve-se à proposta apresentada por Nelson Rossi — coordenador geral do Projeto no Brasil em vários períodos e coordenador do Projeto em Salvador, do seu início até 1985 — ao IV Simpósio do PILEI, realizado em 1968, no México.

Em relatório solicitado pela Comissão de Lingüística Iberoamericana, Nelson Rossi considera de alta conveniência a participação do Brasil neste Projeto, por serem

*tantos, tão evidentes e tão relevantes os pontos comuns à problemática do espanhol na América e do português no Brasil.*

Tendo em vista a extensão territorial do país e a existência de cen=  
*Estudos* (11): 9-22, ago, 1991

tros de cultura bastante distanciados, propõe que sejam cinco as cidades selecionadas, escolhendo-as entre as fundadas no século XVI (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo) ou no século XVIII (Porto Alegre), com população aproximada de um milhão de habitantes ou mais e

*distribuídas harmoniosamente por nossa extensão territorial mais densamente povoada,*

com o que se teria

*uma amostra relativa a uma população urbana estimada em 1967 para doze milhões e meio de habitantes a proximadamente, o que equivale a cerca de um sétimo da população atual do país<sup>1</sup>.*

Em sua primeira fase, o Projeto NURC no Brasil desenvolveu-se nas cinco cidades sob a orientação de coordenadores locais<sup>2</sup>, ficando a coordenação nacional, sucessivamente, a cargo de cada um deles.

Para a manutenção do seu caráter conjunto e coordenado foram realizadas, periodicamente, reuniões nacionais, em cada uma das cidades participantes<sup>3</sup>.

Na VI Reunião Nacional, realizada em Porto Alegre, em abril de 1973, foram aprovados como objetivos para o Projeto NURC no Brasil:

- 1 *Disponer de material sistematicamente levantado que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua portuguesa em seus aspectos fonético, fonológico, morfosintático, sintático, lexical e estilístico.*
- 2 *Ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade lingüística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do país.*
- 3 *Superar o empirismo na aprendizagem e ensino da língua-padrão pelo estabelecimento da norma culta real.*
- 4 *Basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados lingüísticos cientificamente estabelecidos.*
- 5 *Conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas a fim de não sobrecarregar*

*o ensino com fatos lingüísticos inoperantes.*

- 6 *Corrigir distorções do esquema tradicional da educação brasileira, entravado por uma orientação acadêmica e beletrista.*

Os informantes do Projeto NURC são de ambos os sexos, distribuídos por três diferentes faixas etárias — a faixa 1 (de 25 a 35 anos), a faixa 2 (de 36 a 55 anos) e a faixa 3 (de 56 em diante) — e preenchem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo ou nela terem residido desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e aí cursado o 1º e o 2º grau; possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferentemente nascidos na cidade em exame.

O **corpus** constituído em cada cidade se distribui por três diferentes categorias de texto: elocuições em situações formais (EF), diálogos entre informantes e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2), as duas primeiras com duração prevista de quarenta minutos e a última de uma hora e vinte minutos.

Os diálogos do tipo DID e D2 versam sobre vinte e uma áreas semânticas previamente estabelecidas.

As gravações foram realizadas sob controle rigoroso com vistas a garantir a proporcionalidade das variáveis contempladas e a assegurar uma relativa uniformidade dos dados no plano nacional para possibilitar a intercomparabilidade entre eles.

O **corpus**, em âmbito nacional, perfaz um total de 1870 inquéritos — sendo 241 elocuições formais, 1143 diálogos entre informante e documentador e 486 diálogos entre dois informantes — recolhidos a 2356 informantes, atingindo, aproximadamente, 1570 horas de gravação.

Com vistas à desejável descrição intercomparável das normas lingüísticas das cinco cidades, por decisão conjunta de caráter nacional, selecionou-se em cada uma delas uma amostra constituída de dezito inquéritos que atende proporcionalmente às variáveis categoria de texto, sexo e faixa etária do informante.

A amostra resultante dessa seleção — que se convencionou identificar como "corpus compartilhado" — constitui-se de um total de noventa inquéritos e, depois de devidamente multiplicada<sup>4</sup>, encontra-se arquivada nas universidades em que se desenvolve o Projeto<sup>5</sup>.

Através de acordo celebrado, em 1988, com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, estabeleceu-se o intercâmbio desse material com o de um corpus do português europeu falado — o recolhido para o Projeto do Português Fundamental.

## 2 O PROJETO NURC EM SALVADOR

Em seu desenvolvimento o Projeto NURC compreende duas etapas: a de constituição do corpus e a de análise linguística do corpus.

### 2.1 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

A etapa de constituição do corpus só reuniu em Salvador condições materiais de viabilizar-se a partir de maio de 1973, quando se realizaram os primeiros inquéritos. Essa etapa consistiu na seleção dos informantes, na realização dos inquéritos e em sua catalogação, além de sua posterior duplicação e no cadastramento das variáveis linguísticas e sociolinguísticas sob controle<sup>6</sup>.

O corpus constituído em Salvador compreende 307 horas e 20 minutos de registro magnetofônico que documentam o desempenho linguístico de 461 informantes de ambos os sexos e das três diferentes faixas etárias em 360 inquéritos que cobrem as três categorias de texto previstas: 58 são elocuições em situações formais (EF), 201 são do tipo diálogo entre informante e documentador (DID), sendo 101 os diálogos entre dois informantes (D2).

Os informantes são naturais de Salvador, portadores de diploma de curso superior de diversas áreas do conhecimento, filhos de falantes nativos do português, 327 com ambos os pais também nascidos

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

em Salvador e 93 em que um dos pais tem essa naturalidade.

As gravações originais, também em fitas magnetofônicas em rolo, têm cópia em fita cassete e se encontram devidamente catalogadas no Arquivo Sonoro do Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

As informações que identificam os inquéritos e os informantes constituem um banco de dados — que permite facilmente recuperar as diferentes variáveis, combinando-as nos cruzamentos necessários ou reagrupando inquéritos e/ou informantes em função delas — e encontram-se cadastradas no Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal da Bahia.

2.1.1 A execução dessa primeira etapa motivou a elaboração de trabalhos apresentados a reuniões científicas em que ora se apreciavam certas variáveis socioculturais do grupo cujo desempenho linguístico se ia documentando, ora se destacava a relevância do Projeto NURC no delineamento de uma política linguística para o Brasil. Estão nesse caso:

ROSSI, Nelson. Norma urbana, participación de generaciones y dia lecto profesional. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 4, 1975, Lima, *Actas...* Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1978. p. 584-590.

ROSSI, Nelson; SILVA, Myrian; SILVA, Rosa Virgínia. O Projeto NURC e o Nordeste. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE O NORDESTE, 2, 1975, Salvador. CASTILHO, A.T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 15-22.

ANDRADE, Nadja; ROLLEMBERG, Vera. Política (hoje) do Projeto NURC. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980, Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n.6, p. 846-849, jun. 1981.

2.1.2 Outros trabalhos se ocupam de aspectos referentes ao armazenamento codificado de dados relativos às variáveis sob controle, como o fazem

CARDOSO, Suzana; NASCIMENTO, Ary do; ROSSI, Nelson. Cadastramento

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

do **corpus** NURC/SSA. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980, Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n.6, p. 849-852, jun. 1981.

ALBÂN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. Bairros de Salvador: um problema do cadastramento do Projeto NURC/SSA. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 33, 1981, Salvador.

## 2.2 A ANÁLISE LINGÜÍSTICA DO **CORPUS**

A segunda etapa, a de análise lingüística do **corpus**, compreende a prévia transcrição grafemática e datilográfica de inquéritos e a análise dos dados selecionados e vem sendo desenvolvida em Salvador, como em outras cidades integrantes do Projeto NURC, por professores<sup>7</sup> e estudantes bolsistas.

Essa análise tem fornecido elementos para numerosos trabalhos apresentados sob a forma de comunicações a congressos e reuniões científicas, relatórios, artigos, dissertações e teses de pós-graduação que têm suas principais vertentes na morfossintaxe e na fonética/fonologia e propicia o desenvolvimento de três projetos: "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no **corpus** do Projeto NURC", "Consoantes implorativas na norma culta brasileira" e "Vogais pretônicas em dialetos brasileiros".

O Projeto NURC vem ainda fornecendo material lingüístico para o desenvolvimento de cursos na graduação e na pós-graduação<sup>8</sup>, com o que se tem fomentado o gosto pelos estudos lingüísticos e estimulado a formação de novos pesquisadores: a partir de 1985 estudantes de Letras da UFBA vêm sendo contemplados com bolsas de Iniciação Científica e de Aperfeiçoamento concedidas pelo CNPq e com bolsas do Programa Estudantil de Pesquisa da UFBA<sup>9</sup>.

2.2.1 Alguns trabalhos, realizados como uma sondagem inicial, versam especialmente sobre itens da morfossintaxe e utilizam amostras do **corpus** recolhido em Salvador, em alguns casos em confronto com amostras dos constituídos nas quatro outras cidades brasileiras em que se desenvolve o Projeto, e têm sobretudo focalizado a classe tradicio-

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

nalmente identificada como a dos pronomes.

2.2.1.1 A maioria analisa a expressão da categoria de pessoa através de pronomes pessoais sujeito, tomando por base a proposta teórica de BENVENISTE (1976)<sup>10</sup>. Estabelece-se o elenco das formas pronominais pessoais sujeito em uso na norma culta de Salvador e registram-se certas relações entre formas de expressão e formas de conteúdo ausentes das abordagens tradicionais dessa classe de palavra. Examinam-se esses pronomes entre os recursos documentados no **corpus** para a indeterminação do sujeito, muitos deles ainda não registrados pela tradição gramatical. Em outros trabalhos é a colocação dos pronomes oblíquos átonos na norma culta que é focalizada, em alguns em confronto com a prescrição constante das gramáticas normativas.

Nesses estudos estabelece-se a relação entre o fato lingüístico apreciado e variáveis lingüísticas — contextos de ocorrência, por exemplo — ou sociolingüísticas — diversidade diatópica, categoria de texto, sexo e faixa etária do informante.

A abordagem de amostras do **corpus** em confronto com o modelo da norma padrão obtido de prescrições que constam de gramáticas pedagógicas e de livros destinados ao ensino da língua portuguesa no 1º grau revela, em alguns trabalhos, o anseio por um ensino mais coerente e efetivo da língua materna em sua variedade oral, a partir de descrições exatas e atualizadas.

Esses estudos-piloto ao projeto "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no **corpus** do Projeto NURC" vão enumerados a seguir, em ordem cronológica de apresentação:

ALBÂN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. *Eu, você et alia* em três diálogos. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980, Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n.6, p.855-858, jun. 1981.

ALBÂN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. *Nós ou a gente?* In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 37, 1985, Belo Horizonte. *Estudos: lingüísticos e literários*, Salvador: UFBA/Instituto de Letras,

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

n.5, p. 179-194, dez. 1986.

FREITAS, Judith. O Projeto NURC/SSA e o ensino do 1º grau: dialeto do aluno e descrição gramatical. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, 9, 1985, Salvador. *Boletim*, Salvador: UFBA/Faculdade de Educação, v.3, n.3, p. 49-67, abr/jun. 1988.

ALBÂN, Maria del Rosário et al. Nós e a gente: uma sondagem na norma culta brasileira. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 147-155.

FREITAS, Judith; FRANCO, Dione; CARDOSO, Ricardo. Nós e a gente na escola. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 227-236.

FREITAS, Judith; SILVA, Alba. Tu e você na escola. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 237-246.

LOBO, Tânia; LUCCHESI, Dante; RAPP, Carola; MOTA, Jacyra (orientador). Colocação dos pronomes átonos na norma urbana culta de Salvador. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 183-204.

LOBO, Tânia. Os livros didáticos de português e a colocação dos pronomes oblíquos átonos. *Boletim*, Salvador: UFBA/Faculdade de Educação, v.2, n.2, p. 1-68, abr./jul. 1987.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MENDES, Maria Eline; MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. A pessoa e a não-pessoa em discursos de informantes do Projeto NURC/SSA. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ: Discurso e ideologia, 1, 1987, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1989. p. 359-360.

LOBO, Tânia; LUCCHESI, Dante; MOTA, Jacyra (orientador). Gramática e ideologia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ: Discurso e ideologia, 1, 1987, Rio de Janeiro. *Sitientibus*: revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, ano 5, n.8, p. 73-81, 1988.

FREITAS, Judith. Pesquisa e ensino: reflexos nos cursos de 1º, 2º e 3º grau. In: SEMINÁRIO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DE DOCENTES DA UFBA/LETRAS, 2, 1987, Salvador.

LOBO, Tânia. A sínclise pronominal: sondagem na norma culta do Brasil. Orientação de Jacyra Mota, 1988. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq.

LUCCHESI, Dante. Análise de variáveis sociolingüísticas na colocação dos pronomes átonos. *Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

colocação dos pronomes átonos. Orientação de Jacyra Mota, 1988. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq.

ANDRADE, Cláudia; LOPES, Cássia; MATOS, Cassandra; ROLLEMBERG, Vera (orientador). A indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UFBA, 8, 1988, Salvador.

FREITAS, Judith. Os pronomes pessoais sujeito na norma culta de Salvador: alguns resultados iniciais. In: SEMINÁRIO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DE DOCENTES DA UFBA/LETRAS, 3, 1988, Salvador. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMÂNICAS, 19, 1989, Santiago de Compostela, Espanha.

FREITAS, Judith. Nós e a gente em elocuições formais. In: REUNIÃO NACIONAL DO PROJETO NURC, 15, 1989, São Paulo.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado. In: SEMINÁRIO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DE DOCENTES DA UFBA/LETRAS, 4, 1989, Salvador.

FREITAS, Judith. Descrição da norma lingüística culta e sua aplicação pedagógica. *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, Lisboa: Associação de Universidades de Língua Portuguesa, n. 4, p. 59-69, jan. 1991.

2.2.1.2 O desenvolvimento do projeto sobre a classe sintática dos pronomes deu ainda ensejo à elaboração dos seguintes estudos que levam em conta os princípios da análise da conversação:

LUCCHESI, Dante; MOTA, Jacyra (orientador). Análise da conversação, perspectiva funcionalista e gramática: a colocação dos pronomes átonos. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 11, 1988, Rio de Janeiro. *Anais...* RJ:PUC, 1988, p. 196-206.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Os pronomes nos marcadores conversacionais em Salvador. Colaboração de Andréia Café, Cassandra Matos e Dulciene Silva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA, 9, 1990, Campinas, São Paulo.

CAFÉ, Andréia; SILVA, Dulciene; FERREIRA, Carlota (orientador). Os pronomes pessoais sujeito em marcadores conversacionais de um diálogo entre dois informantes do Projeto NURC/Salvador. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UFBA, 10, 1990, Salvador.

CARVALHO, Cristina; GOMES, Kleber; SANTOS, Ana Cláudia; FREITAS, Judith (orientador). Marcadores conversacionais — estudo pre

*Estudos* (11): 9-22, ago 1991

liminar ao levantamento do **corpus** NURC/Porto Alegre. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UFBA, 10, 1990, Salvador.

2.2.1.3 Focalizam outros itens da morfossintaxe os trabalhos:

CARDOSO, Suzana. Ter/haver no português do Brasil. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. Atas... Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p.223-226.

BARRETO, Therezinha. Para onde vão os relativos? In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. Atas... Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p.157-166.

COSTA, Sônia. Tempo e aspecto em *já* e *ainda*. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. Atas... Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 175-182.

COSTA, Sônia. A categoria de aspecto em português: proposta de classificação. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGÜÍSTICA, 2, 1987, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, 1987. p. 140 (resumo).

2.2.2 Dentre os estudos que se ocupam de itens de fonética/fonologia alguns examinam as consoantes implósivas, outros analisam as vogais pretônicas.

No primeiro caso estão os estudos-piloto ao projeto "Consoantes implósivas na norma culta brasileira":

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Constrictivas implósivas na norma culta brasileira: alveolares ou palatais? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMÂNICAS, 19, 1989, Santiago de Compostela, Espanha.

OLIVEIRA, Josane; ROLLEMBERG, Vera (orientador). Consoantes implósivas e faixa etária. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UFBA, 9, 1989, Salvador.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Consoantes implósivas na norma culta de Salvador. In: SEMINÁRIO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DE DOCENTES DA UFBA/LETRAS, 4, 1989, Salvador.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Consoantes implósivas na norma culta brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIO-

NAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGÜÍSTICA, 5, 1990, Recife.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera; OLIVEIRA, Josane. Constrictivas implósivas: o processo de posteriorização na norma culta de Salvador. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 9, 1990, Campinas, São Paulo.

No segundo encontram-se os que se relacionam ao projeto "Vogais pretônicas em dialetos brasileiros":

SILVA, Myrian. Ainda sobre a natureza vocálica da semivogal em português. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. Atas... Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 217-222.

SILVA, Myrian. Um traço regional na fala culta de Salvador. Entregue para publicação a revista *Organon*, Porto Alegre, UFRS.

2.2.3 Analisam ainda dados do **corpus** do Projeto NURC/ Salvador trabalhos que versam sobre outros aspectos lingüísticos, como é o caso de

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra. Léxico urbano e faixa etária. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980, Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n.6, p. 852-855, jun. 1981. CASTILHO, A.T.de (Org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 149-156.

CARDOSO, Suzana. Discurso e ideologia: Rio de Janeiro, década de 70. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE LETRAS DA URFJ: Discurso e ideologia, 1, 1987, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1989. p. 261-263.

2.2.4 Algumas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em Letras utilizam amostras do Projeto NURC/Salvador. São elas, em ordem cronológica:

FONTOURA, Norma. *Fatos de regência no dialeto culto de Salvador*, Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1981. Dissertação de Mestrado.

SOUZA, Constância Maria de. *Concordância sujeito-verbo no diale-*

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

to culto de Salvador. Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1981. Dissertação de Mestrado.

COSTA, Sônia Borba. *O aspecto em português: reflexão a partir de um fragmento do corpus do Projeto NURC*. Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Myrian. *Vogais pretônicas no dialeto culto de Salvador*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1989. Tese de Doutorado.

MONTEIRO, José de Lemos. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1991. Tese de Doutorado.

LEITE, Ângela. *Colocação pronominal nas normas popular e culta de Salvador (título provisório)*. Dissertação de Mestrado a ser apresentada à UFBA (em andamento).

LOBO, Tânia. *O sinclitismo pronominal português no século XVI e na norma culta brasileira: confronto. (título provisório)*. Dissertação de Mestrado a ser apresentada à Universidade de Lisboa (em andamento).

2.2.5 Esse número monotemático de *Estudos: lingüísticos e literários* reúne uma seleção de trabalhos dentre os estudos-piloto ao projeto "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no **corpus** do Projeto NURC" em que os dados são examinados ora de um prisma exclusivamente lingüístico, ora à luz de variáveis sociolingüísticas, ora estendendo a aplicação dos dados ao ensino da língua materna.

#### NOTAS

1. ROSSI, Nelson. "El Proyecto de Estudio del Habla Culta y su ejecución en el dominio de la lengua portuguesa". In: *PILEI, El Símpoio de México* (1968). Actas, Informes y Comunicaciones. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1969. p. 248-254. Reproduzido em *Projeto de estudo da norma lingüística culta de algumas das principais capitais do Brasil*. Marília: Conselho Municipal de Cultura, 1970. p. 47-56.

2. Foram coordenadores do Projeto nas demais cidades: José Brasileiro

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

ro Vilanova e, posteriormente, Maria da Piedade Moreira de Sá (Recife), Celso Cunha (Rio de Janeiro), Isaac Nicolau Salum, Ataliba Teixeira de Castilho e, posteriormente, Dino Preti (São Paulo) e Albino de Bem Veiga (Porto Alegre).

3. Até o momento foram quinze as Reuniões Nacionais: I, Porto Alegre/nov. 1969; II, Capivari, São Paulo/ago. 1970; III, Recife/abr. 1971; IV, Rio de Janeiro/set. 1971; V, Salvador/jul. 1972; VI, Porto Alegre/abr. 1973; VII, São Paulo/jul. 1974; VIII, Recife/dez. 1974; IX, Rio de Janeiro/ago. 1975; X, Rio de Janeiro/set. 1977; XI, Salvador/abr. 1981; XII, Rio de Janeiro/out. 1984; XIII, Campinas/dez. 1985; XIV, Porto Alegre/dez. 1987; XV, São Paulo/jul. 1989.
4. A multiplicação foi possível graças a financiamento obtido da FINEP pelos coordenadores responsáveis pela execução do Projeto em São Paulo.
5. São elas: Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
6. Participaram como documentadores do Projeto NURC em Salvador: Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Maria da Conceição Hackler, Maria del Rosário Albán, Myrian Silva, Nadja Andrade, Rosa Virgínia Silva, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg, Nelson Rossi (coordenador até 1985) e estudantes de disciplinas cujo programa incide sobre o Projeto NURC.
7. Constituem atualmente a equipe responsável pela execução do Projeto em Salvador: Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Myrian Silva, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg.
8. Integram o currículo dos cursos de graduação em Letras na UFBA as disciplinas complementares "Estudo da norma lingüística urbana do Brasil" e "Aspectos da morfossintaxe em normas urbanas brasileiras".
9. Já participaram como bolsistas do Projeto NURC/Salvador: Dante Lucchesi, Tânia Lobo, Carola Rapp, Ricardo Cardoso, Thelma Freitas, Alba Silva, Cláudia Andrade, Cassandra Matos, Cássia Lopes, Kleber Gomes, Dulciene Silva. Presentemente, participam do desenvolvimento do projeto "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no **corpus** do Projeto NURC" os bolsistas Andréia Café, Ana Cláudia Santos, Cristina Carvalho, Silvana Ribeiro e Mayrant Gallo; do desenvolvimento do projeto "Consoantes implosivas na norma culta brasileira" os bolsistas Josane Oliveira e Irenilza Oliveira e do desenvolvimen-

*Estudos* (11): 9-22, ago. 1991

to do projeto "Vogais pretônicas em dialetos brasileiros" os bolsistas Ana Rita Espírito Santo e Lucília Araújo.

10. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p. 247-259 e 277-283

ESTUDOS

## EU, VOCÊ ET ALIA EM TRÊS DIÁLOGOS\*

Maria del Rosário Albán  
Judith Freitas  
Universidade Federal da Bahia

### R E S U M O

A partir de três inquéritos do tipo diálogo entre dois informantes recolhidos para o corpus do Projeto NURC/Salvador, estabelece-se o elenco dos pronomes pessoais sujeito em uso na norma culta dessa cidade para expressão dos conteúdos EU e NÃO-EU — pessoas do discurso — e registram-se certas relações entre expressão e conteúdo não presentes nas abordagens tradicionais.

### 1 PRELIMINARES

Este estudo é o resultado de um exame preliminar da categoria de pessoa nas formas pronominais sujeito em três discursos programaticamente dialogados do tipo diálogo entre dois informantes (D2) que constituem uma seção do corpus organizado para o Projeto NURC/Salvador<sup>1</sup>, com a característica comum de reunirem locutores do sexo masculino das faixas etárias 1 (25 a 35 anos) e 3 (56 anos em diante)<sup>2</sup>. Nesse exame pretendemos relacionar as formas que expressam a categoria de pessoa com os diversos graus de pessoalização decorrentes do maior ou menor envolvimento / descomprometimento do locutor com o enunciado de um discurso que se planejou o mais possível informal.

Os resultados, como fatos empíricos, foram limitados ao âmbito dos textos examinados. São sobretudo pro

postas iniciais destinadas a abrir caminho para um estudo mais amplo.

Adotando a perspectiva de BENVENISTE (1976)<sup>3</sup>, procedemos ao levantamento dos pronomes nos textos — incluindo formas explícitas e implícitas — distribuindo-os de acordo com a categoria de pessoa, em duas classes: a das formas que representam as pessoas do discurso — EU (o emissor) e NÃO-EU (o receptor) — e a das que representam a NÃO-PESSOA, que estamos chamando ALIA. Estas, que se relacionam com a representação do mundo objetivo, foram excluídas do presente estudo. Só se incluiu sistematicamente o elemento ALIA quando faz parte da ampliação do conceito da pessoa EU — EU AMPLIADO, — em formas como nós, a gente.

## 2 OS PLANOS DO DISCURSO: CONCRETO E ABSTRATIZADO

O discurso dos informantes examinados apresenta-se em dois planos: o plano concreto — sempre que o locutor coloca fatos reais — e o plano que estamos considerando abstratizado — quando o locutor se sobrepõe à realidade, colocando o discurso em plano hipotético.

Como exemplo do plano concreto do discurso, temos

*Hoje, uma criança de dez anos dispõe de um elenco de conhecimentos que a gente, aos quinze, talvez não tivesse.* (Inf. F3, Inq. 156)

ou

*Quanto à casa, ainda hoje nós moramos em casa ra... razo... razoavelmente ampla.* (Inf. F3, Inq. 156).

Quando o plano é o abstratizado, as formas eu e você parecem ter diminuída sua referência ao locutor (pes-  
*Estudos* (11):25-38, ago. 1991

soa EU) ou ao interlocutor (pessoa NÃO-EU) do diálogo. Na verdade, o seu significado adquire nesse caso uma abrangência equivalente à do conteúdo EU + NÃO-EU + ALIA, de certo modo ilimitada.

No exemplo que se segue — uma das seis ocorrências com eu — o informante, que não tem filhos, ao discorrer sobre relações entre pais e filhos, comenta, colocando-se em situação hipotética:

*O que é que a gente pode fazer? Eu aconselhei, orientei, indiquei, apontei os caminhos certos, ela não aceitou.* (Inf. F3, Inq. 156).

A forma você apresenta uma incidência mais expressiva (40 vezes) e ocorre em exemplos do tipo:

*Eu separei minha tevê, em boto no... lá dentro do quarto... Bota aqui, a televisão aí, você não conversa com os amigos nem vê a televisão e fica para cá e para lá.* (Inf. F3, Inq. 208)

*Primeiro, a... a gente trabalha... você sai de manhã de casa... Normalmente quem trabalha numa cidade almoça lá no trabalho.* (Inf. F3, Inq. 208).

## 3 FORMAS PRONOMINAIS E SEU CONTEÚDO

As formas pronominais sujeito não apresentam uma relação biunívoca entre conteúdo e expressão. Cada conteúdo é representado por uma gama variada de formas de expressão, assim como estas correspondem a variados conteúdos.

O quadro a seguir é uma tentativa de registrar estas correspondências.

QUADRO I - OS CONTEÚDOS EU, NÃO-EU, EU AMPLIADO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

CONTEÚDO	EXPRESSÃO	OCORRÊNCIAS
EU	<u>eu</u>	941
	∅ + 3ª pes. sing. (?)	4
NÃO-EU	<u>você, vocês</u>	116
	( <u>tu</u> )	10
	<u>o senhor, a senhora</u>	13
	<u>as senhorinhas</u>	1
	<u>as senhoritas</u>	1
	<u>se</u> (?)	1
EU AMPLIADO	<u>nós</u>	125
	<u>a gente</u>	114

3.1 Do rol das formas inventariadas no discurso desses seis informantes algumas só ocorrem excepcionalmente. Sobre estas daremos algumas informações preliminares, uma vez que a escassez de dados e o caráter inicial deste estudo não nos permitiram interpretações passíveis de generalização.

a) Merecem ser mencionadas as ocorrências da forma ver

bal não-marcada, a chamada 3ª pessoa do singular, quando em contexto frásico em que era previsível a forma marcada de 1ª pessoa do singular. Aparecem apenas no Inq. 156, em falas de ambos os informantes:

- *Que é que você toma (para a gripe)?*  
(DOC)
- *Toma nada, deixa ela passar. Ela volta por si só...* (Inf. F1)

*... mas quem sempre mais atende essa família é minha mãe, não é? porque às vezes estou ocupado, não dá para ver, ou às vezes está dormindo também.* (Inf. F1)

*Quando chega em casa à noite, quando eu chego em casa, assisto um pouco de televisão...* (Inf. F3).

- b) Nas dez ocorrências da chamada 2ª pessoa do singular, com o pronome sempre implícito, a única forma registrada é a de um imperativo - olha<sup>4</sup> - usada oito vezes por informantes F3.
- c) Também só ocorrem nas falas de informantes F3 as formas as senhorinhas (Inq. 156) e as senhoritas (Inq. 234).
- d) O único exemplo de se entre os que representam o NÃO-EU, e ocorrendo onde seria previsível uma forma de 2ª pessoa, tanto pode ser visto como um uso sui-generis quanto como um lapso:

- *Eu não sei se vocês conhecem uma coisa interessante, a... a... lenda dos abarés, dos índios abarés, conhecem?* (Inf. F3).

- Não, *conheço não*. (Inf. F1).
- *Permita-se, já que querem ...* (Inf. F3, dirigindo-se aos documentadores) (Inq. 234).

3.2 Todo enunciado tem como ponto de partida um locutor que o emite e que, inevitavelmente, é o centro gerador do processo de comunicação. Em muitas situações, ele pode escolher a maneira de se colocar no discurso: se opta por assumir o discurso como indivíduo isolado, usa a forma eu; se se situa juntamente com outro indivíduo ou com um grupo — quer especificado, quer indeterminado —, prefere nós / a gente como expressão do EU AMPLIADO, ou outras formas.

Os trechos que se seguem parecem exemplos de ocasiões em que os locutores puderem optar por sua colocação no discurso:

*Eu sempre morei em Salvador, sempre em casa, sabe? e... eu creio que casa atualmente seja melhor que apartamento... Até agora, atualmente, não morei em apartamento e não pretendo.* (Inf. F1, Inq. 156).

e

*Quanto a casa, ainda hoje nós moramos em casa ra... razo... razoavelmente ampla ... nós moramos em casa de três apar... de três pisos.* (Inf. F3, Inq. 156).

O quadro a seguir mostra sinteticamente as opções dos seis locutores examinados.

QUADRO II - POSICIONAMENTO DO LOCUTOR NO DISCURSO:  
EU OU NÓS - A GENTE

PRONOMES PESS.		eu		nós - a gente	
		INQ./INF.			
156	F3	148	(66%)	78	(34%)
	F1	159	(96%)	6	(4%)
208	F3	171	(83%)	35	(17%)
	F1	192	(73%)	71	(27%)
234	F3	251	(87%)	36	(13%)
	F1	26	(67%)	13	(33%)
TOTAL		947	(80%)	239	(20%)

No inquérito anteriormente mencionado, o 156, a posição assumida por cada locutor revela atitudes opostas: em relação à utilização de formas de expressão do EU AMPLIADO, o F3, bastante envolvido na vida familiar, utiliza com muita frequência as formas nós e a gente (78 vezes), enquanto que o F1, que não manifesta o mesmo tipo de envolvimento, quase não usa essas formas (6 vezes). Já no que se refere à utilização do EU EXCLUSIVO (eu), o número de ocorrências se equivale: cento e quarenta e oito para o primeiro mencionado e cento e cinquenta e nove para o segundo.

Provavelmente a natureza da elocução — diálogo — e do relacionamento entre os participantes — que não se conheciam ou tinham grau de intimidade médio — pode ter influenciado no posicionamento individual no discurso, o que se

Estudos (11): 25-38, ago. 1991

nota mais acentuadamente no informante F3 do inquérito 234, homem de atividade profissional muito variada, que opta decididamente pelo eu (251 ocorrências) para expor sua experiência pessoal. É o informante que mais emprega essa forma em números absolutos. Reunidas as formas de expressão do EU e do EU AMPLIADO, o maior percentual de uso do eu está com o informante F1 do inquérito 156 (96%). Na verdade, todos estes seis informantes, independentemente da faixa etária, nesses inquéritos, se situaram sempre bem mais com o EU EXCLUSIVO que com o EU AMPLIADO.

Além de observarmos a seleção da forma pronominal pessoal pelo seu conteúdo intrínseco, tentamos relacioná-la com seu contexto imediato, quase sempre o verbo, e às vezes também o complemento. Nesse sentido procuramos uma classificação semântica dos verbos ou expressões verbais que nos permitisse verificar, por exemplo, como se relacionavam com esses conteúdos pronominais os verbos referentes a fatos do mundo objetivo e do mundo subjetivo. Essa verificação teve de ser, porém, adiada.

Mas essa tentativa deixou um saldo positivo: o exame das estruturas do tipo "eu acho que", "não sei se"<sup>5</sup>, que expressam certeza, dúvida, etc. e todas que veiculam o conteúdo de asserção mental explícita, vistas, mais uma vez, quanto à opção entre o EU EXCLUSIVO (eu) e o AMPLIADO (nós - a gente) nos mostrou que nesses três diálogos, quando os locutores preferiram a asserção mental explícita, utilizaram principalmente o sujeito eu (132 ocorrências ou 13,92% num total de novecentas e quarenta e sete formas da pessoa EU). Ao lado disso, como aliás seria de esperar, foi reduzido o uso de nós - a gente com essa estrutura (3 ocorrências ou 1,25% num total de duzentas e trinta e nove formas do EU AMPLIADO). Duas dessas três ocorrências estão em falas do informante F3, inquérito 156, já referido pelo seu sentimento

de grupo, como em:

*... nós achamos que a família hoje é algo muito diferente daquela família dos nossos tempos de criança. (O nos pelo contexto mais amplo parece envolver o locutor e sua geração).*

Dentre os seis informantes, a preferência por esta maneira de expressão varia, tendo como extremos o informante F1, inquérito 208 (26,56% das 132 ocorrências de asserções mentais explícitas presentes nos enunciados construídos com eu) e o seu interlocutor, o informante F3, cuja porcentagem desse uso é de 5,25%.

A posição diante dos fatos enunciados no discurso, conforme seja menos ou mais categórica, foi uma hipótese aventada para a diferença de uso entre esses dois informantes, mas a loquacidade de cada informante e a sua maior ou menor participação no diálogo são também fatores a considerar. Na verdade, não foi possível controlar essas variáveis pela sua complexidade nem interpretar sua possível interferência para uma análise coerente dos dados que se referem a esse fato.

3.3 Quanto à seleção entre nós e a gente, seja a preferência do informante por uma ou por outra, essa escolha não se relaciona com a amplitude que ele atribui à pessoa EU. O EU AMPLIADO pode abranger, além da combinação do EU com o NÃO-EU, também o elemento ALIA. Assim, equivale a

a) EU + NÃO-EU:

*Eu acho que isso... se meu pai ou o seu fosse um cara desses, eu acho que a gente seria ignorante. (Inf. F1, Inq. 208)*

ou

*Mudamos completamente de assunto. (Inf. F3,*

Inq. 234) (no momento em que o informante se deu conta de que tinha, juntamente com seu interlocutor, se afastado do tema proposto).

Essa é a situação das que menos ocorre nos três inquéritos, possivelmente por ser na maioria das vezes nulo o grau de relacionamento entre os informantes<sup>6</sup>.

b) EU + ALIA:

*Fui companheiro de caça de meu pai... Nós, quando armávamos um... uma armadilha...* (Inf. F3, Inq. 234).

ou

*Nós viemos do rio Pô. (do mesmo informante, ao falar de si e de sua família).*

Essa categoria do conteúdo envolvendo EU e ALIA é possivelmente a que está mais vezes representada e nos seis locutores.

c) EU + NÃO-EU + ALIA:

Esta terceira categoria é a que constitui o grau máximo de ampliação do EU representado por nós e a gente. Ocorrem tais formas poucas vezes, como nos dois exemplos que se seguem, em que ambos os professores pertenciam à mesma unidade universitária:

*Assim, eu não poderia dizer de outras unidades. Aqui na Escola... nós não temos esse problema.* (Inf. F3, Inq. 156)

e

*... nós vivemos em paz com os nossos estudantes, não é? Não há esse conflito que se diz... .* (Inf. F3, Inq. 156)

ou ainda

*... querendo que nós, os estudiosos - per*

*mita-me que reúna vocês nesse trecho - não fiquemos como...* (Inf. F3, Inq. 234).

Essas três categorias de abrangência do conteúdo das formas nós e a gente não apresentam marcas formais que as distingam, sendo evidenciadas apenas a partir do contexto mais amplo, do enunciado, ou mesmo do discurso.

3.4 Um menor comprometimento do locutor com o discurso vem também expresso pela estrutura "3ª pessoa do singular" + se, quando o contexto inclui a presença do EU, juntamente com ALIA, como em:

*Nós ceávamos mesmo. Ceia com sopa, com... prato, coisa doce etc. Bebia-se a champagne característica da meia-noite e tal ...* (Inf. F3, Inq. 208).

A participação do EU só pode ser determinada a partir do enunciado, pois a forma se não especifica a sua abrangência através de nenhuma marca.

Das setenta e oito ocorrências, vinte e cinco parecem cobrir as diversas combinações dos conteúdos de PESSOA e NÃO-PESSOA, como se vê no exemplo:

*Normalmente quem trabalha numa cidade dessas almoça lá no trabalho. A gente trabalha, depois almoça naquele mesmo lugar aquela comida miserável, geralmente o que se encontra.* (Inf. F1, Inq. 208).

Em ambos os exemplos acima, o se + "3ª pessoa do singular" aparece em contexto em que alterna com a forma nós ou a forma a gente, o que parece confirmar a interpretação dada a seu conteúdo semântico.

Das ocorrências restantes, dezenove foram interpretadas como representativas exclusivamente do ALIA, como em:

*Esse pôlo aqui da Bahia... o outro dia eu ouvi uma comparação, que o que está se invertendo... em construções, em obras, aí em Camaçari daria para construir um Meridien por dia. (Inf. F1, Inq. 208).*

3.5 Ocorre também nos três diálogos examinados, embora apenas vinte e sete vezes, a forma verbal da chamada 3ª pessoa do singular não acompanhada de pronome, ou seja,  $\emptyset$  + "3ª pessoa do singular". Algumas poderiam ser comutadas com a estrutura mencionada anteriormente: "3ª pessoa do singular" + se

*Diz que é assim. (Inf. F3, Inq. 234)*

ou

*E eu não vejo maneira de se conseguir reverter... inverter essa tendência de fazer o pessoal sair da cidade para o campo. Não vai conseguir nunca. (Inf. F1, Inq. 208).*

Serão as ocorrências de  $\emptyset$  + "3ª pessoa do singular" formas verbais desvinculadas da noção de pessoa? É o que nos perguntamos e que deixamos para ser observado num **corpus** mais amplo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, na emissão do discurso o locutor pode optar por situar-se individualmente como EU (maior grau de comprometimento com o discurso) ou ampliar o EU associando-o ao NÃO-EU e/ou ao ALIA. Isso atenua o seu comprometimento? E quando se situa no discurso através de formas de expressão como se + "3ª pessoa do singular" ou  $\emptyset$  + "3ª pessoa do singular", seria então o grau maior do descomprometi-

mento?

Na verdade, durante o desenvolver deste trabalho, nos deparamos com muitas dúvidas e interrogações que te mos esperança de ver discutidas.

#### RÉSUMÉ

À partir de trois enquêtes de type dialogue entre deux informateurs recueillies pour le corpus du Projet NURC/Salvador, on établit l'inventaire des pronoms personnels sujet en vigueur dans la norme cultivée de cette ville pour exprimer les contenus JE et NON-JE — personnes du discours — et on met en évidence certains rapports entre expression et contenu qui ne sont pas présents dans les approches traditionnelles.

#### NOTAS

- \* Este trabalho em sua primeira versão, foi apresentado à 32ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, 1980 e publicado na revista *Ciência e Cultura*, v.33, n.6, de junho de 1981. A versão atual foi reelaborada pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos*.
- 1. O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) de que participam cinco capitais brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — visa proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior.
- 2. O **corpus** do Projeto NURC/Salvador documenta o desempenho lingüístico de 461 informantes em 360 inquéritos, num total de 307 horas. O segmento deste **corpus** utilizado no presente trabalho foi constituído dos três inquéritos de número 156 — informantes 197 (F3) e 198 (F1), 208 — informantes 273 (F3) e 274 (F1) e 254 — informantes 305 (F3) e 306 (F1).

3. BENVENISTE, Émile. Problemas de lingüística geral. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p.247-59 e 277-83.
4. Formas como olha e outras, quando fáticas, são classificadas pela análise da conversação como marcadores conversacionais.
5. "Eu acho que" ou "não sei se", quando modalizadores, são melhor entendidos quando se adota a sua classificação como marcadores conversacionais, segundo a análise da conversação.
6. Cf. CARDOSO, Suzana, NASCIMENTO, Ari, ROSSI, Nelson. Castramento do corpus NURC/SSA. Ciência e Cultura, São Paulo, v.33, n.6, p.849-52, jun. 1981.

## A PESSOA E A NÃO-PESSOA EM DISCURSOS DE INFORMANTES DO PROJETO NURC/SALVADOR\*

Carlota Ferreira  
Judith Freitas  
Maria Eline Mendes  
Jacyrá Mota  
Vera Rollemberg  
Universidade Federal da Bahia

### RESUMO

Estabelecendo-se a relação entre formas de expressão e formas de conteúdo dos pronomes pessoais sujeito em inqueritos do Projeto NURC/Salvador, constata-se uma multiplicidade na relação expressão/contéudo não registrada pela tradição gramatical. Observa-se a pertinência das variáveis categoria de texto (elocuições formais e diálogos) e faixa etária do informante para as diversas possibilidades de uso dessas formas.

### 1 PRELIMINARES

Analisamos neste trabalho a classe dos pronomes pessoais em um segmento do corpus do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC), documentado em Salvador<sup>1</sup>.

O exame da categoria de pessoa expressa pelos pronomes pessoais tem como base a teoria de BENVENISTE (1976)<sup>2</sup>, segundo a qual essa categoria sô abrange os participantes do diálogo — por ele considerados como o EU e o NÃO-EU — identificando-se como a NÃO-PESSOA o que não é emissor nem receptor, isto é, a chamada 3ª pessoa do discurso. A chamada 1ª pessoa do plural é tida como uma manifestação do EU AMPLIADO, ou seja, um EU ao qual é somado ou o NÃO-EU ou a NÃO-

*Estudos* (11): 39-51, ago. 1991

PESSOA ou ambos.

Estão assim formadas duas correlações: a de pessoalidade, a mais ampla das duas, estabelecendo oposição entre a PESSOA (EU e NÃO-EU) e a NÃO-PESSOA e a de subjetividade, que se restringe à PESSOA, onde se situam o EU e o NÃO-EU.

A PESSOA, no plural, não expressa multiplicação, apresentando-se ampliada e difusa. Apenas a NÃO-PESSOA admite verdadeiramente o plural.

Na análise da PESSOA e da NÃO-PESSOA abordamos, do ponto de vista lingüístico:

- a) o conteúdo da PESSOA — emissor e/ou receptor — e suas formas de expressão;
- b) o conteúdo da PESSOA e da NÃO-PESSOA — emissor e/ou receptor e outro(s) — e suas formas de expressão;
- c) o conteúdo da NÃO-PESSOA — outro(s) — e suas formas de expressão.

Aos dados lingüísticos relacionamos os seguintes dados sociolingüísticos:

- a) a variação diafásica — a partir do confronto entre inquiridos do tipo elocuições formais (EF) e do tipo dialógico (diálogos entre informante e documentador — DID — e diálogos entre dois informantes — D2);
- b) a variação geracional — a partir da análise do discurso de informantes de duas faixas etárias (a primeira, entre 25 e 35 anos — faixa 1 — e a outra, a partir de 56 anos — faixa 3)<sup>3</sup>.

A amostra analisada é constituída de seis inquiridos: duas EFs, uma de mulher de faixa etária 1 (M1) e outra de homem de faixa etária 3 (H3); dois DIDs, um de mulher de faixa etária 1 (M1), outro de homem de faixa etária 3 (H3); dois D2, um entre dois homens de faixa etária 1 (H1 X H1) e outro entre um homem e uma mulher, ambos de faixa etária 3 (H3

X M3)<sup>4</sup>.

## 2 A EXPRESSÃO DA PESSOA E DA NÃO-PESSOA NO CORPUS

2.1 No segmento do corpus em análise, as duas pessoas do discurso (EU e NÃO-EU) são expressas, respectivamente, pelas formas pronominais eu e você.

O NÃO-EU comporta, além disso, a forma de expressão vocês, utilizada quando o informante se dirige a mais de um receptor na interlocução, como em

- . *O que é que vocês acham sobre a prevalência da doença?* (EF, M1),

ou para abranger o conjunto constituído pelo NÃO-EU mais a NÃO-PESSOA, como em

- . *Aqui perto mesmo, onde vocês estão construindo o emissário, tem um... ahn... o Meridien, né?* (D2, H1, inf. 110).

A forma você é também documentada em contextos em que deve ser interpretada como expressão de um conteúdo mais genérico, de um conjunto constituído das duas pessoas do discurso mais a NÃO-PESSOA, figurando como um dos recursos utilizados pelos informantes para o que aqui estamos considerando a indeterminação do sujeito. É o que podemos observar em exemplos do tipo

- . *... então se você vê no ser que gerou uma maior similitude consigo, você se torna mais vaidoso; é quando você faz duas pinturas e acha que uma tem um tom mais do seu agrado, não é por isso que você acha que a outra pintura você fez com menos amor ou com mais desamor, não.* (D2, H3),

em que o informante fala sobre a maior ou menor semelhança entre pais e filhos.

2.2 Nós, forma de expressão para o que BENVENISTE (1976) considera o EU AMPLIADO, isto é, quando o falante se coloca no discurso conjuntamente com um ou mais indivíduos, apresenta-se com diferentes conteúdos.

A forma pode referir-se ao EU mais o NÃO-EU, como na seqüência

- ... hoje nós teremos o assunto relacionado com o arquiteto e a proteção dos bens culturais. (EF, H3),

utilizada pelo informante ao dar início à aula.

Em sua amplitude pode incluir a NÃO-PESSOA, com exclusão da pessoa do interlocutor, como nos trechos a seguir, em que o informante faz referência ao local em que residiu com sua família

- ... era uma baixada em que nós morávamos. (D2, H1, inf. 111),

ou relata uma viagem

- ... nós fomos a Paris, mas, na verdade, passamos sete dias visitando fábricas. (D2, H1, inf. 111).

Representando a amplitude do EU em seu mais alto grau, pode abranger ainda simultaneamente o NÃO-EU e a NÃO-PESSOA. Constitui-se esse uso de nós em mais uma marca de indeterminação do sujeito quando não há referente explícito para essa NÃO-PESSOA, como nos exemplos

- Os bens culturais, tal como entendemos hoje, representam realmente uma conquista recente da cultura universal. (EF, H3)
- Se Champollion não houvesse decifrado os hieróglifos egípcios, nós continuaríamos até hoje desconhecendo a civilização egípcia. (EF, H3).

Além de comportar as três citadas possibilidades de ampliação do EU, a forma pronominal nós foi também empre-

gada para exprimir exclusivamente o EU, quando o falante se coloca isoladamente no discurso, como em

- Já tivemos oportunidade de dizer que, qualquer que seja a atividade humana, são os recursos e pessoas, qualitativa e quantitativamente capazes, que asseguram ou não o êxito de um empreendimento. (EF, H3)
- Daí a ênfase que nós temos dado (...) a esse problema no nosso curso. (EF, H3),

exemplos registrados no curso da aula em que o informante al-ternou o uso das formas pronominais nós e eu.

No exemplo

- É uma doença conhecida desde o tempo antigo, desde a idade antiga, porque em múmias do Egito nós já encontramos lesões ósseas com mal de Pott. (EF, M1),

poderíamos ser levados a excluir do raio de alcance da forma nós as pessoas envolvidas naquela situação de discurso — o professor e seus alunos — se atribuirmos ao verbo encontrar seu valor básico, não metafórico. Nesse caso seu emprego valeria apenas para a expressão da NÃO-PESSOA.

2.3 A forma a gente concorre com a forma nós para a expressão de alguns dos citados valores do EU AMPLIADO.

Frases como

- Então a gente vestia um capote, mas quando a gente chegava na costa a umidade aumentava (...) mas o que a gente viu (...) foi bastante animado; nós estávamos em lua-de-mel. (D2, H1, inf. 111)

demonstram o uso de a gente como expressão do EU mais a NÃO-PESSOA.

Por outro lado, em ocorrências do tipo

- Já em Salvador, a gente pode observar, por exemplo, que existem casas assim de épocas bem anteriores, não é? (DID, M1)

- . Talvez em Brasília a gente só encontraria casas assim bem modernas, porque toda construção é realmente nova. (DID, M1)

a forma a gente se documenta como mais uma possibilidade de que dispuseram os informantes para indeterminar o sujeito.

2.4 Ele, ela e seus plurais são a expressão regular para a NÃO-PESSOA, sendo utilizados ora com referente explícito, como em

- . ... e o construtor de esgotos não tem alternativa, ele tem que enfrentar o que vem. (D2, H1, inf. 111)
- . O governo desapropriou a faixa (...) comercial, em Bogotá, pra fazer uma avenida de seis pistas (...). Desapropriou e tal, estava pra indenizar e fez a concorrência da demolição. (D2, H1, inf. 111),

ora sem referente, como podemos observar nos exemplos

- . Existe um espaço aberto, sem coisíssima nenhuma, aonde recentemente estavam fazendo um abrigo subterrâneo para estacionamento de automóvel. (EF, H3)
- . E como era só uma parada de avião, eles não deixaram a gente saltar. (D2, H1, inf. 111).

2.5 Outra forma de expressão para o conjunto constituído pelo EU mais o NÃO-EU mais a NÃO-PESSOA é a forma pronominal se, como nos exemplos

- . Leva-se um dia sem água. (D2, H1, inf. 111)
- . ... desde que se começou a pensar em proteger os monumentos arquitetônicos. (EF, H3),

a forma mais parcimoniosamente utilizada pelos informantes para a indeterminação do sujeito. A maior frequência registra-se para as formas você e nós, seguindo-se de perto as o-

corrências de a gente.

2.6 Ao seu lado, registramos a construção tradicionalmente considerada passiva sintética, de largo uso na EF do informante de faixa 3 e de utilização bem mais reduzida pelos demais informantes, de que servem de exemplos

- . Qualquer trabalho de restauração de qualquer tipo de bem cultural deve ser acompanhado do competente registro de tudo que se fez, utilizando-se os diferentes processos de comunicação gráfica... (EF, H3)
- . Na Bahia já se começa a fazer isso. (DID, M1).

2.7 Recolhemos ainda casos do tipo

- . Primeiro lugar que tinha água, se deixasse tudo aberto, era lá. (D2, H1, inf. 111),

anotados, sobretudo, aos informantes de faixa etária 1, do D2.

Essa construção com forma verbal da chamada 3ª pessoa do singular com sujeito não explícito sem referente poderia ser interpretada quer como expressão do conjunto genérico constituído pelo EU mais o NÃO-EU mais a NÃO-PESSOA — mais uma forma de indeterminação do sujeito —, quer como a tradicionalmente considerada passiva sintética, apresentando-se, entretanto, com ausência do se.

### 3 A EXPRESSÃO DA PESSOA E DA NÃO-PESSOA E OS TIPOS DE DISCURSO

Os três tipos de discurso que constituem o segmento de **corpus** analisado podem ser reunidos, do ponto de vista do tipo de interação verbal neles desenvolvida, em dois grupos: as elocuições formais (EF) e os diálogos (DID e D2). Do

confronto entre esses dois tipos resultam as observações a seguir.

### 3.1 Constatamos nas elocuições formais:

a) menor frequência da forma de expressão eu e, em contrapartida, maior frequência de nós do que nos diálogos, observando-se que nós representa em discurso do tipo EF a opção do informante em se colocar como o EU dentro do conjunto abrangente também do NÃO-EU (os ouvintes presentes às aulas) e/ou da NÃO-PESSOA;

b) a ocorrência quase nula da forma de expressão você com relação ao receptor, como seria de esperar, sendo grande a frequência da forma de expressão com marca de plural (vocês) — especialmente na EF da informante de faixa etária 1 — condicionada pela presença dos vários receptores;

c) baixa frequência da forma você para expressar o conjunto genérico EU mais NÃO-EU mais NÃO-PESSOA;

d) ocorrência da forma de expressão a gente, surpreendentemente no discurso do informante de maior grau de formalidade dentre os oito do segmento de **corpus** analisado; a forma ocorre já na parte final do inquérito para expressar o conjunto que inclui as duas pessoas do discurso e a NÃO-PESSOA:

*... tornando, às vezes, um livro antigo ou um documento, um tijolo inteiramente sólido, que a gente não pode de jeito nenhum virar qualquer página, sob pena de destruir (EF, H3);*

e) alto índice da construção sintática tradicionalmente identificada como passiva sintética no discurso do informante da faixa etária 3, como reflexos do tratamento objetivo dado ao tema, em textos do tipo EF.

### 3.2 Nos diálogos (DID e D2) verificamos:

a) muito maior número de ocorrências da forma de expressão eu do que nas EFs, como já vimos, observando-se, além disso, grande diferença na frequência de uso dessa forma entre DIDs e D2 — nos últimos se encontra aproximadamente o triplo do número de ocorrências registradas nos DIDs, fato bastante significativo, ainda que observada a diferença de duração entre esses dois tipos de inquérito<sup>5</sup>;

b) baixa frequência da forma de expressão você, referente ao receptor, tanto nos DIDs quanto nos D2;

c) o emprego do plural vocês, quer com relação a mais de um receptor presente, quer referindo-se ao conjunto NÃO-EU mais NÃO-PESSOA não se registra nos DIDs, verificando-se poucos casos nos D2;

d) a utilização da forma você com o conteúdo EU mais NÃO-EU mais NÃO-PESSOA, como indeterminador do sujeito, tanto nos DID quanto nos D2.

3.3 A grande frequência de eu nos textos dialógicos, especialmente do tipo D2 (que se aproxima mais da situação de diálogo espontâneo), pode explicar-se por características pessoais dos informantes em causa, pela maneira através da qual o entrevistador conduziu o inquérito ou pela própria natureza do texto.

Por outro lado, a baixa incidência de você/vocês nos D2 em relação à alta ocorrência de eu será uma característica dos inquéritos aqui analisados ou se configurará como uma constante num segmento de **corpus** mais amplo?

#### 4 A EXPRESSÃO DA PESSOA E DA NÃO-PESSOA E A FAIXA ETÁRIA

A partir do confronto entre os dados lingüísticos fornecidos pelos quatro informantes de faixa etária 1 e pelos quatro de faixa 3, depreendem-se as características que a seguir se enumeram.

##### 4.1 De referência à faixa etária 1 observamos que

a) você como forma de expressão para o conjunto que compreende o próprio emissor (EU), o receptor (NÃO-EU) e a NÃO-PESSOA é muito mais freqüente no discurso dos informantes de faixa etária 1 do que nos de faixa 3; as ocorrências registradas a um dos informantes de faixa 3 (a informante feminina do D2), no entanto, evidenciam que o uso de você para indeterminar o sujeito vem-se estendendo a essa faixa etária, documentando-se em discursos pouco formais;

b) a forma de expressão a gente ocorre aproximadamente seis vezes mais no discurso de informantes de faixa etária 1 do que nos de faixa 3; essa maior ocorrência é fato já observado em trabalhos anteriores<sup>6</sup>;

c) a construção do tipo sujeito não explícito, sem referente, mais forma verbal da chamada 3ª pessoa do singular aparece também como característica etária, registrando-se sobretudo no D2 de informantes de faixa 1.

4.2 Como característica de faixa etária 3 temos a utilização freqüente da construção que se identifica tradicionalmente como passiva sintética, ao contrário do que ocorre no discurso de informantes de faixa 1. Vale ressaltar, no entanto, que o alto índice de ocorrência dessa construção em informantes de faixa etária 3 está estreitamente relacionado com o caráter de maior formalidade da EF, onde, como vimos,

ela foi largamente utilizada.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exame da relação entre formas de conteúdo e formas de expressão dos pronomes pessoais sujeito nos seis inquéritos analisados, queremos ressaltar:

a) a multiplicidade da relação conteúdo/forma, depreensível do contexto e condicionada por determinadas variáveis. A forma de expressão você, por exemplo, representa não apenas o NÃO-EU mas pode adquirir a abrangência de conteúdo de EU mais NÃO-EU mais NÃO-PESSOA; a forma nós, ao contrário, não corresponde somente ao conteúdo EU mais NÃO-EU e/ou NÃO-PESSOA, podendo ocorrer para exprimir apenas o EU ou, quem sabe, apenas a NÃO-PESSOA.

b) a preferência de uso, levando-se em consideração o tipo de texto examinado, opondo-se o registro formal das aulas (expositivas) ao coloquial dos diálogos.

Nas aulas, a apresentação do assunto não afasta a possibilidade da presença da categoria de pessoa, que se verifica de duas maneiras distintas: a) o locutor introduz a si próprio (EU) e os outros (NÃO-EU e/ou NÃO-PESSOA) através do EU AMPLIADO, ou seja, nós; b) o locutor utiliza a forma vocês, introduzindo no seu discurso a NÃO-PESSOA. São diferentes formas de envolvimento das pessoas do discurso e só a análise de um **corpus** mais amplo indicará sua relação com outras variáveis.

Nos diálogos, a presença da forma eu ultrapassa muito a da forma você. Será esta uma tônica dos diálogos do Projeto NURC ou dos diálogos de nossa contemporaneidade?

O prosseguimento da investigação da classe dos pronomes com base no corpus do Projeto NURC poderá esclarecer melhor as peculiaridades no uso das formas pronominais aqui examinadas.

#### RÉSUMÉ

Le constat d'une multiplicité dans le rapport expression/contenu qui n'est pas observé dans la tradition grammaticale est établi en déterminant le rapport entre formes d'expression et formes de contenu des pronoms personnels sujet dans des enquêtes du Projet NURC/Salvador. On remarque la pertinence des variables catégorie de texte (élocutions formelles ou dialogues) et tranche d'âge de l'informateur concernant les divers possibilités d'emploi de ces formes.

#### NOTAS

\* Este trabalho, em sua primeira versão, foi apresentado ao I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ: Discurso e ideologia (Rio de Janeiro, 1987). Uma versão reduzida foi publicada nos *Anais* do referido congresso (Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1989). A presente versão foi revista pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.

1. O PROJETO NURC desenvolveu-se simultaneamente em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). O corpus de mais de 300 horas de registro magnetofônico em cada uma das cinco cidades encontra-se devidamente arquivado, e vem sendo analisado parceladamente.
2. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p.247-259 e 277-283.
3. Os informantes do Projeto NURC estão distribuídos por três faixas etárias: faixa 1, de 25 a 35 anos; faixa 2,

de 36 a 55 anos e faixa 3, a partir de 56 anos.

4. Esses inquiridos e os informantes são assim identificados no corpus: a) EF - M1: inq. 046, inf. 046; H3: inq. 020, inf. 020; b) DID - M1: inq. 173, inf. 224; M3: inq. 159, inf. 203; c) D2 - H1 x H1: inq. 095, infs. 110 e 111; H3 x M3: inq. 357, infs. 453 e 454.
5. A duração dos DIDs é de 40 min., a dos D2 é de 1h 20 min.
6. Esses trabalhos focalizam outros segmentos do corpus do Projeto NURC. São eles: (a) ALBÁN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. Eu, você et alia em três diálogos. In: *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 855-858, jun. 1981; (b) IDEM, Nós ou a gente? In: *Estudos: lingüísticos e literários*, Salvador: UFBA/Instituto de Letras, n. 5, p. 179-193, dez. 1986; (c) ALBÁN, Maria del Rosário et al. Nós e a gente: uma sondagem na norma culta brasileira. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 147-155, também publicados neste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.

OS PRONOMES PESSOAIS E A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO  
NA NORMA CULTA DE SALVADOR\*

Cláudia Andrade  
Cássia Lopes  
Cassandra Matos  
Bolsistas do CNPq

Vera Rollemberg  
Universidade Federal da Bahia

R E S U M O

A partir de uma amostra do **corpus** do Projeto NURC/Salvador, descrevem-se alguns dos recursos usuais em falantes da norma culta para a indeterminação do sujeito, constatando-se sua ausência na abordagem da gramática tradicional. Examina-se sua relação com as variáveis categoria de texto e faixa etária do informante.

1 PRELIMINARES

As formas pronominais pessoais são focalizadas neste estudo como recursos utilizados por informantes do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC)<sup>1</sup> para o que se considera a indeterminação do sujeito.

Após o exame de como a gramática tradicional aborda o processo da indeterminação, procuramos caracterizá-lo. Descrevemos alguns recursos indeterminadores do sujeito documentados no **corpus** constituído em Salvador para o Projeto NURC e, a seguir, os relacionamos com duas das variáveis sociolingüísticas contempladas quando de sua recolha: a categoria de texto e a faixa etária do informante.

A amostra analisada é um segmento do que se convencionou chamar o "**corpus** compartilhado"<sup>2</sup> e seleciona quatro inquéritos que se distribuem por dois tipos de texto — dois são elocuições formais (EF) e dois são diálogos entre informante e documentador (DID) —, com

informantes das duas faixas etárias extremas — dois se incluem entre os da faixa 1, com idade de 25 a 35 anos, outros dois têm acima de 55 anos e representam a faixa 3<sup>3</sup>.

A abordagem das formas pronominais se faz de acordo com o entendimento de BENVENISTE (1976) para a categoria de pessoa. Admitindo que o elo existente entre emissor e receptor no processo de comunicação é o enunciado, o discurso, estabeleceu o autor que o eixo comunicativo comporta duas pessoas: num extremo tem-se a primeira pessoa, o EU (o emissor); no outro, a segunda pessoa, o NÃO-EU (o receptor). Isto equivale a dizer que as pessoas do discurso são apenas duas, e não três, como ensina a tradição gramatical. A chamada terceira pessoa, que representa o mundo objetivo e comporta tanto seres quanto objetos, é considerada a NÃO-PESSOA (de quem ou de que se fala), aqui identificada ainda como ALIA<sup>4</sup>.

O EU e o NÃO-EU se opõem à NÃO-PESSOA pela correlação de pessoalidade, isto é, são marcados quanto à pessoa do emissor e do receptor, o que não acontece à NÃO-PESSOA. Por outro lado, o EU e o NÃO-EU possuem entre si uma correlação de outra natureza, mediada pelo tema da conversação: a correlação de subjetividade. Ela opõe o EU ao NÃO-EU e possibilita a ambos a oportunidade de alternarem numa situação dialogal, a depender de quem produza o enunciado.

As duas pessoas do discurso, dada sua unicidade específica, não são passíveis de multiplicação (plural) mas de ampliação: seu conteúdo ou abrangência aumenta. Assim, a chamada primeira pessoa do plural, por exemplo, é uma manifestação do EU quando passa a abarcar o NÃO-EU e/ou a NÃO-PESSOA, constituindo-se no EU AMPLIADO. Apenas a NÃO-PESSOA admite pluralização: sua multiplicação é possível por não ser ela marcada pela unicidade das pessoas do discurso.

## 2 A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NA GRAMÁTICA NORMATIVA

As gramáticas normativas apontam, de modo geral, apenas duas maneiras de se indeterminar o sujeito em português<sup>5</sup>. Uma delas se

*Estudos* (11): 53-74, ago. 1991

constitui na utilização do verbo na terceira pessoa do plural, sem um referente anteriormente expresso, como em

*Dizem que ele é injusto.*

*Bloquearam todas as estradas.*

A outra, no emprego da forma verbal na terceira pessoa do singular, acompanhada do pronome se, aí denominado índice de indeterminação do sujeito. São exemplos:

*Come-se bem naquele restaurante.*

*Precisa-se de auxiliares mais competentes.*

*Não se é ministro, se está ministro.*

Este segundo recurso, chamam a atenção alguns autores, ocorre com verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, diferenciando-se, assim, do que se considera a voz passiva sintética, quando no singular, constituída de verbo transitivo direto na terceira pessoa mais o pronome se ("Vende-se leite"), construção que possuiria sujeito determinado (leite).

Ao lado disso, CEGALLA (1978:216) menciona o uso do infinitivo impessoal como outro recurso de indeterminação, exemplificando:

*Era penoso carregar aqueles fardos enormes.*

*É triste assistir a estas cenas.*

Apesar de indicar que se indetermina o sujeito "de duas maneiras diferentes", BECHARA (1987:200) acrescenta a possibilidade de utilizar-se o "verbo na 3ª pessoa do singular (...) sem referência a pessoa determinada", como em

*Diz que eles vão bem.*

aludindo, entretanto, ao emprego mais freqüente da terceira pessoa do plural, e dando as duas construções como equivalentes.

Finalmente, vem ainda apontado em MELO (1968:194) um "sujeito materialmente constituído pela expressão 'a gente', de valor indefinido", como recurso de indeterminação, assim exemplificado:

*Estudos* (11): 53-74, ago. 1991

*Passando num meio-dia quente, ao trote penoso do cavalo, a gente para ali, olha a sombra e o verde como se fosse para um cantinho do céu...* (Raquel de Queiros, *Tres Romances*, p. 66).

O sujeito de uma oração é considerado indeterminado quando é "de difícil identificação" (ALMEIDA, 1962:384), ou "não se nomeia ou por não se querer ou não se saber fazê-lo" (BECHARA, 1987:200), ou ainda quando "não se pode ou não se deseja, ou não interessa" indicá-lo (KURY, 1986:22), ou "por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento" (CUNHA, 1975:141 e CUNHA-CINTRA, 1985:125). Deste modo, "o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente (...), não importando muito as apresentações gramaticais". (MELO, 1968:193).

Atestando a ausência de um elemento sintático como sujeito na oração, destacam alguns gramáticos a existência de um elemento semântico, o agente verbal:

*Indeterminado: quando o sujeito não existe como elemento na oração, sendo a sua identidade desconhecida realmente, ou escondida propositadamente.*

*Não obstante, sempre existirá o responsável pela ação verbal.* (SACCONI, 1976:178).

Apesar de as definições chamarem a atenção para o desconhecimento ou a não determinação desse agente verbal, na verdade o que se desconhece ou não se pode determinar é a referência do sujeito: é ela que nos estritos limites da oração não está precisada, estabelecida.

A imprecisão das definições — que, entre outros aspectos, não assinala o caráter humano do sujeito indeterminado — vincula-se, entre outras causas, ao fato de a gramática tradicional eleger como objeto de análise as unidades frasais, sem se estender ao contexto frásico-discursivo. Com isso, deixa de admitir que possam ser considerados indeterminados sujeitos que figurem expressamente na oração, a exemplo dos pronomes pessoais — exceção feita apenas para MELO (1968)

*Estudos* (11): 53-74, ago. 1991

que indica entre os recursos indeterminadores um "sujeito materialmente constituído pela expressão 'a gente'", como ficou visto, muito embora não a considere um pronome pessoal.

A maioria dos gramáticos normativos, arrolando de forma sistemática somente dois recursos indeterminadores do sujeito, ignora outros tantos que vigoram e fluem na língua, como comprovam os registros na amostra que adiante analisamos.

### 3 O PROCESSO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

Apreciamos a seguir os traços caracterizadores da indeterminação em sua especificidade dentro da língua, de acordo com o feito por MILANEZ (1982).

Trata-se de processo lingüístico com grande vitalidade na modalidade oral. Um único falante pode fazer uso, em uma mesma enunciação, de mais de um recurso indeterminador, como mais adiante virá exemplificado.

A indeterminação não se restringe unicamente ao elemento gramatical com função sintática de sujeito; ela pode se estender a outros elementos sintáticos da oração, o complemento verbal, por exemplo.

Quando falamos em indeterminação do sujeito, estamos, na verdade, tratando da indeterminação da referência do sujeito, já que o sujeito oracional é uma função sintática indicada pela relação que os vocábulos têm entre si dentro da oração; deste modo, toda oração, à exceção da que contém verbo impessoal, possui sujeito. O sujeito, enquanto elemento gramatical, poderá vir, ou não, expresso sob a forma de variados itens lexicais: sua ausência não se faz imprescindível quando indeterminado.

Por indeterminação da referência do sujeito estamos entendendo o fato de não ser possível, dentro de um contexto discursivo, especificar nominal ou numericamente sua identidade. Isto equivale a

*Estudos* (11), 53-74, ago. 1991

dizer que essa referência não é recuperável, porque não foi precisada ou determinada na totalidade do discurso. Assim, para a interpretação e identificação do sujeito indeterminado, os critérios semântico-pragmáticos devem ser somados aos critérios sintáticos.

Dentre as características delimitadoras da indeterminação do sujeito destaca-se o fato de os recursos indeterminadores ocorrerem unicamente "com verbos que possibilitem subcategorizar a referência do sujeito com o traço [+ humano]"<sup>6</sup>.

Além disso, a indeterminação se opera através de recursos que exprimem generalização: sua abrangência pode atingir uma das PESSOAS do discurso, ou ambas, sendo obrigatório, porém, o envolvimento da NÃO-PESSOA.

A indeterminação "não se apresenta como um fenômeno de natureza absoluta" mas "comporta graus quanto à sua abrangência"<sup>7</sup>. Alguns recursos são mais generalizadores que outros; sua própria forma de expressão pode indicar, em alguns casos, a amplitude de sua generalização. As formas pronominais nós ou a gente, por exemplo, indicam por si sós uma abrangência mais ampla do que a forma eles: nas primeiras se inclui o EU, enquanto a última comporta apenas a NÃO-PESSOA. Entretanto, o contexto em que ocorra um recurso indeterminador é de suma importância para a sua interpretação: o conteúdo de um recurso pode, assim, variar na dependência das condições contextuais em que figure, como ficará demonstrado a partir de exemplos recolhidos aos informantes observados. Se se faz presente, por exemplo, uma referência a um grupo social em que se integra o agente verbal, sua abrangência pode-se restringir, embora, ainda assim, ele continue representando um conjunto aberto de seres.

#### 4 AS FORMAS PRONOMINAIS COMO RECURSOS INDETERMINADORES

No segmento do **corpus** analisado encontram-se numerosos recursos de indeterminação do sujeito que podem ser distribuídos em dois

grupos de acordo com suas características sintáticas: o das formas verbais com sujeito sintático zero ("Dizem que ele é injusto", "Come-se bem naquele restaurante") e o das formas verbais em que o sujeito sintático se faz presente. Neste estudo nos limitamos unicamente ao último, descrevendo os recursos indeterminadores constituídos de pronomes pessoais — expressos ou implícitos — mais as formas verbais que com eles se compatibilizam.

A escolha de trabalhar inicialmente com os recursos indeterminadores em estruturas com sujeitos que figuram expressamente se deve ao fato de estes recursos se apresentarem como a opção mais frequente de que fazem uso os informantes observados.

Estão neste caso as estruturas com as formas pronominais sujeito você, nós / a gente, eles, que também ocorrem como sujeitos determinados, formas a cujo exame, juntamente ao de outras, se vem procedendo em Salvador<sup>8</sup>.

Outros recursos para indeterminar o sujeito, porém, se registram na amostra, embora não sejam aqui focalizados. Além dos generalizadamente apontados pelas gramáticas normativas —  $\emptyset$  + "terceira pessoa do plural" e "terceira pessoa do singular" + se — também estão presentes  $\emptyset$  + "terceira pessoa do singular" e  $\emptyset$  + infinitivo, todos eles constituídos de formas verbais despronominalizadas, isto é, estruturas em que nunca se faz presente o sujeito sintático.

Como recursos de indeterminação do sujeito em que as formas verbais se fazem acompanhar do sujeito sintático documentam-se na amostra estudada duzentas e onze ocorrências com formas pronominais — reunidas no Quadro I com seu número e percentual de ocorrência —, que figuram explicitamente ou podem ser depreendidas implicitamente<sup>9</sup>.

QUADRO I - RECURSOS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO: FORMAS PRONOMINAIS PESSOAIS

PRONOMES INQ./INF.	<u>voce</u>	<u>nós</u>	<u>a gente</u>	<u>eles</u>	TOTAIS POR INQUÉRITO
EF - INF.046 (F1)	16	35	-	01	52 (24,64%)
INF.020 (F3)	-	18	01	03	22 (10,43%)
DID - INF.224 (F1)	59	-	43	01	103 (48,82%)
INF.203 (F3)	-	15	09	10	34 (16,11%)
TOTAIS POR PRONOME	75 (35,54%)	68 (32,23%)	53 (25,12%)	15 (7,11%)	211

4.1 O pronome pessoal voce é o de mais alta frequência na amostra selecionada: são setenta e cinco as suas ocorrências, em um total de duzentas e onze, representando um percentual de 33,54%.

Constituindo-se, na norma em exame, na forma de expressão do NÃO-EU em contextos em que o sujeito é determinado, pode esse pronome comportar conteúdos diversos quando empregado como um recurso in determinador. Consta-se uma abrangência máxima que compreende as duas PESSOAS do discurso somadas à NÃO-PESSOA sem qualquer restrição a um grupo social. Exemplificam este caso

- ... não é favor que a enfermeira faz de contribuir para a formação de... de profissionais da sua... da sua profissão (...). Nem da enfermeira, nem de outro profissional qualquer. (...) Qualquer serviço que voce trabalhe, voce tem obrigação de executar bem suas atividades e, se chega alguma pessoa que queira ter conhecimento daquilo, como é feito

e tal, voce orienta. Não é favor nenhum voce fazer aquilo, e obrigação. (Inf. 046)

- ... ele tem um espaço assim... eh... la... lateral mente, entendeu, como tem assim em frente um espaço assim maior; é antes de voce chegar na rua, mas não chega a se constituir um... entendeu, um espaço assim somente para... É um espaço do edifício, mas que... eh... fica liberado pra qualquer tipo de coisa. (Inf. 224).

Seu conteúdo generalizador pode ainda incluir o EU, o NÃO-EU e o ALIA, dentro, porém, de um grupo que se caracteriza por um aspecto comum, como nos exemplos

- Claro, quanto mais cedo voce descobrir... eh... quem causa a doença e voce isolar esse foco, lógico que que voce está evitando que muitas pessoas fiquem doentes. Quando voce trata os doentes, voce está também eliminando um foco. (Inf. 046)

em que o conjunto [+ EU, + NÃO-EU, + ALIA] se restringe, comportando os profissionais da área de saúde,

- e ... principalmente pra quem tem criança, voce realmente precisa de uma área maior pra que a criança possa ficar mais livre, brincar. (Inf. 224)

em que o [+ EU, + NÃO-EU, + ALIA] abrange os que possuem filho(s).

Se nos exemplos acima a inclusão dos interlocutores na ação verbal é possível, isso não ocorre em exemplos do tipo do transcrito a seguir, em que elementos do contexto estabelecem uma restrição à participação do EU e do NÃO-EU. O pronome indeterminador tem, neste caso, sua amplitude de abrangência bem reduzida, como em

- ... naquela época (...) voce tinha... normalmente, tinha lugar pra voce guardar chapéu, não é, lugar pra voce guardar sombrinha, essas coisas, né? (...) ele era apenas um suporte (...) um suporte com várias hastezinhas, né, como se fosse cabides pra a pessoa somente pendurar o chapéu ou a bolsa na hora que... que normalmente chegasse. (Inf. 224),

que podemos considerar restrita às pessoas que tivessem vivido em uma época anterior àquela dos interlocutores do diálogo.

4.2 Com um percentual de frequência um pouco mais baixo do que o da forma anterior — 32,23% (sessenta e oito ocorrências) — registra-se a forma pronominal nós.

Exprimindo regularmente na determinação o EU AMPLIADO, em que a pessoa do emissor podem se associar o NÃO-EU e/ou a NÃO-PESSOA, o nós, quando utilizado para indeterminar o sujeito, comporta diferentes graus de generalização, incluindo sempre o comprometimento do EU.

Sua abrangência pode ser a máxima, quando ao EU se somam o NÃO-EU e o ALIA, sem qualquer restrição, como nos exemplos:

- . O contágio pode ser através da expectoração, (...) objetos contaminados, alimentos contaminados e também das gotículas de saliva, que são as gotículas de Flugge. Essas gotículas nós eliminamos ao falar, ao tossir, ao espirrar. (Inf. 046)
- . Se Champollion não houvesse decifrado os hieróglifos egípcios, nós continuaríamos até hoje desconhecendo a civilização egípcia. Se as tabletas e a escrita cuneiforme da Mesopotâmia não tivessem sido decifradas, nós até hoje não saberíamos nada a respeito daquela importante civilização. (Inf. 020)
- . Essa parte da frente, esse peitinho, vamos dizer, era pagueado, ou então de fustão e, se nós voltarmos ao século passado, teríamos cola... ah... — como é que chama, o que foi que eu falei?... — peitinho era bordado, com rendinhas, fitinhas. (Inf. 203).

O conjunto constituído de [+ EU, + NÃO-EU, + ALIA] pode estar restrito a um grupo, apresentando assim o pronome nós uma abrangência menos ampla, como em

- . ... nós devemos ter o cuidado de observar se a criança tem qualquer processo infeccioso e também observar que aquelas crianças que ainda (...) são amamentadas, (...) elas não tomem o BCG... eh... logo após o uso do leite ou tomem o BCG e logo em seguida (...) sejam amamentadas. Então, nós devemos ter o cuidado de avisar que deve haver um intervalo de duas horas entre o leite, a amamentação, e o uso ou a aplicação do BCG. (Inf. 224, em aula a estudantes de Enfermagem),

em que se restringe ao grupo dos profissionais da área de saúde, ou nessa outra ocorrência em cujo contexto se registra uma referência implícita à comunidade baiana

- . Entre nós (...) nós temos o que aconteceu com o interior das nossas igrejas, entre elas a Ordem Terceira de São Francisco, que (...) teve todo o interior da capela alterado... (Inf. 020).

Da ampliação do EU pode estar excluído o NÃO-EU, reduzindo-se ainda mais o conteúdo generalizador da forma nós, ficando restrito a [+EU - NÃO-EU + ALIA]. É o que ocorre, por exemplo, em

- . ... quando eu era bem menina, (...) acho que era casaca que usavam naquele tempo, imagine, em plena rua, em pleno dia. E nós achávamos aquilo tão natural, nem... (Inf. 203)

em que se pode supor como agente verbal o emissor e seus contemporâneos na época aludida, entre os quais não se inclui, pela idade, o seu interlocutor no diálogo, fato de que se dá conta o informante.

O mesmo se constata para o nós que está implícito em

- . E faço questão de realçar, não é, o papel e a responsabilidade que tem o arquiteto na preservação dos bens culturais (...) temos, portanto, que criar esta consciência entre os estudantes, de modo que, em qualquer campo que ele vá exercer a sua profissão depois de formado, ele seja um colaborador na proteção dos bens culturais. (Inf. 020),

quando o informante no curso da aula alude a uma responsabilidade que supostamente divide com outros professores de sua área.

4.3 A gente é a forma pronominal que ocupa o terceiro lugar em percentual de ocorrências: elas somam cinquenta e três, com o índice de 25,12%.

A forma cobre, na maioria das ocorrências, o conteúdo generalizador de abrangência máxima, o somatório das duas PESSOAS do discurso mais o ALIA sem restrição a grupos. É o que se vê nos exemplos

- . Então, todos os... os edifícios residenciais, a gente encontra... eh... apartamentos localizados em primeiro, segundo e às vezes até em terceiro subsolo. (Inf. 224)
- . Agora os guarda-chuvas são muito portáteis, vamos dizer (...) Mas, quando começa a chover... daqui que se desdobre tudo aquilo... Ele vira um pedaço pelo avesso, e a gente luta, se molha para conseguir que ele exerça a sua função. (Inf. 203)
- . ... os agentes naturais e do ambiente são muito agressivos para documentos, né, os microorganismos destruidores também proliferam com facilidade, tornando, às vezes, um livro antigo ou um documento, um tijolo inteiramente sólido, que a gente não pode de jeito nenhum virar qualquer página sob pena de destruir. (Inf. 020).

Como ficou visto para o pronome nós, também com a gente o grau de abrangência pode-se reduzir, excluindo-se o NÃO-EU. Serve de exemplo:

... a providência que eu tomei foi colocar daqueles ferrolhinhos antigos, (...) mudei fechadura, essas coisas, porque passei a admitir que o pega-ladrão realmente não estava me dando nenhuma segurança, mesmo quando a gente estava em casa, entendeu? (Inf. 224)

em que o EU se ampliaria incorporando apenas o restrito grupo dos familiares do informante, ou, quando muito, das pessoas que viessem a frequentar sua casa.

4.4 Dentre todas as formas pronominais, eles é a que tem menor frequência de uso entre os falantes — corresponde apenas a 7,11% do total, com quinze ocorrências.

Foram entre elas consideradas, em número de seis, as ocorrências em que o pronome se explicita, fazendo-se acompanhar de uma forma verbal que com ele se compatibiliza, nos casos, obviamente, de ausência de sintagmas nominais anteriormente expressos que possam ser tomados como seu referente. São exemplos:

- . Na França, eles criaram um mecanismo de proteção dos bens culturais que possibilitou vencer justamente este impasse de poucos funcionários habilitados para atender a uma área geográfica muito grande e uma densidade monumental. (Inf. 020)
- . — E tem play-ground, tem áreas assim... (Documentador) (...)
- . — Então, entre... infelizmente eles esqueceram, né, que... que play-ground é um... uma coisa importante. (Inf. 224)
- . Eu não sei, exatamente, de que é que a entretela... ou melhor, ela, em geral é de algodão e o material que eles usam, para que a entretela fique... exerça sua função mesmo eu não sei bem o que é. (Inf. 203).

Nos exemplos dados pode-se atribuir ao eles uma abrangência bem mais reduzida que aquela apontada para os demais pronomes na indeterminação do sujeito: ela comporta unicamente o ALIA, com consequente exclusão do EU e do NÃO-EU, além de se circunscrever a um determinado grupo social. No primeiro exemplo, eles envolve um grupo que se situa espacialmente "na França". Nos outros dois estão implícitos, respectivamente, o dos responsáveis pela construção do edifício a que se referem os interlocutores e o dos fabricantes de entretela.

Estabelecemos, porém, uma distinção nos casos de ocorrência da forma verbal da chamada terceira pessoa do plural sem se fazer acompanhar de um sujeito sintático. Há aqueles em que o contexto discursivo aponta de modo explícito para um grupo social restrito ou fornece elementos que nos permitem sua depreensão, como em

- . A contágiosidade da tuberculose vem de... desde o tempo de Roma, quando Galeno... eh... a considerou como doença que passava de um indivíduo para outro, isto é, doença transmissível, porque, antigamente, ou antes disso, pensavam que um tuberculoso nascia sempre tuberculoso. (Inf. 046)

ou em

- . O bonê é um chapéu pequeno (...) agora, na superfície

cie externa, então, nós colocamos uma... uma parte em forma de meia-lua (...) que é a aba do bonê. (...) É colocada, em geral, pra frente (...) e essa parte é mais dura, não é tão flexível, (...) e em algumas ocasiões, colocam até um... uma parte toda plástica mesmo ou de couro. (Inf.203).

Casos desse tipo foram por nós interpretados como ocorrências de eles implícito. Seu raio de abrangência pertence apenas à esfera do ALIA nos dois exemplos selecionados. Entretanto, o grupo a que se restringe é, no primeiro caso, o dos que viveram "antigamente, ou antes disso" ou ainda "no tempo de Roma", como o próprio informante 046 nos permite localizar; e, na passagem colhida ao informante 203, a referência implícita é aos que confeccionam bonês.

Assim, acrescentamos às seis já mencionadas, mais nove ocorrências da forma pronominal eles como um recurso de indeterminação do sujeito, levando ao total com que figura no Quadro I.

Diferentemente dessas últimas, documentam-se na amostra outras ocorrências da mesma forma verbal de "terceira pessoa do plural", porém em contextos discursivos em que é absoluta a ausência de elementos que permitam precisar um grupo a que se atribuiria a ação verbal. Estas se configuram, a nosso ver, como ocorrências de um outro recurso indeterminador que não se inclui entre os examinados: o constituído de forma verbal de "terceira pessoa do plural" despronominalizada. Sirvam de exemplo:

- A maneira de fechar [o cinto], em geral, é fivela. (...) Mas há um, uns outros processos também, vamos dizer, um fecho que chamam magnético, automático, por contato, né? (Inf. 203)
- — E quanto à parte de calçados? (DOC.)  
— Bom, calçado... Eu acho que foi aqui... foi aquilo em que menos evoluiu foi o calçado. Os sapatos... eu acho que toda vida... pelo menos desde que eu me entendo, que uns tempos usam um sapato mais aberto, outro tempo, um sapato mais fechado; eu acho que nisso a evolução foi pequena. (Inf. 203).

4.5 Se voltamos ao Quadro I e atentamos para o total de ocorrências dos recursos pronominais utilizados no curso de cada inquirido para a indeterminação do sujeito, constatamos que o informante 224 foi aquele que mais os empregou: ele é responsável por 48,22% das ocorrências (cento e três das duzentas e onze). Isto pode ser atribuído ao fato de o locutor encontrar-se bastante distanciado do tema abordado — a casa —, tendo optado tantas vezes pelo descomprometimento do EU nas respostas ao documentador naquela situação dialogal.

Por outro lado, o informante 020 foi o mais parcimonioso no uso de pronomes pessoais para indeterminar o sujeito. Este informante, entretanto, optou largamente pelo emprego do recurso constituído de forma verbal de "terceira pessoa do singular" mais o pronome se no curso de sua aula.

4.6 Constate-se, como observação final, a utilização, por cada um dos informantes, de mais de uma das formas pronominais pessoais em seu discurso, quando indeterminou o sujeito. Muitas vezes, inclusive, essas formas alternam, sejam explícitas, sejam implícitas, num mesmo trecho de fala, portadoras de um mesmo conteúdo generalizador, como se pode ver em

- — O que é que há (...) dentro de uma sala, a sala de uma casa residencial (...)? (DOC.)  
— Bem, depende, porque se a gente tem uma sala só, você pode ter uma sala com dois ambientes, dois tipos de ambiente, né? Um seria aquele que a gente chama assim de s... pra sala de jantar, você normalmente tem mesa, cadeira e armário, uma peça outra onde você possa eh... guardar normalmente coisas que são usadas exatamente para... para esse tipo de ambiente. Numa outra, você pode ter um sofá ou um jogo de... de cadeiras, não é, mais assim, para... eh... receber visitas ou mesmo descansar. Independentemente disso, você pode ter tapetes, quadros, e... e... cortinas, né, normalmente toda sala t... Você teria uma luminária... (Inf. 224)

. De preferência nós visitamos em primeiro lugar o doente faltoso e, em segundo lugar, o doente novo. Claro que, por causa da... do problema da resistência bacteriana, o doente faltoso tem prioridade. É mais importante você trazer o doente ao dispensário do que você iniciar o tratamento. (Inf. 046).

## 5 RECURSOS INDETERMINADORES E VARIÁVEIS SOCIOLINGÜÍSTICAS

Passamos ao exame das relações entre o uso das formas pronominais pessoais como recursos de indeterminação do sujeito e as variáveis categoria de texto e faixa etária do informante.

### 5.1 A CATEGORIA DE TEXTO

Os inquiridos que constituem o segmento do **corpus** objeto deste estudo se distribuem por dois tipos de texto, de acordo com o seu grau de formalidade: dois são discursos de natureza formal (as EFs) e dois são discursos mais próximos da realidade usual da oralidade (os DIDs).

Apesar do reduzido número de informantes e inquiridos, foram possíveis as observações que seguem e que o Quadro II permite acompanhar.

Os dados, tomados globalmente, mostram que o maior ou menor grau de formalidade do discurso está relacionado com o uso de pronomes pessoais na indeterminação do sujeito. Nos DIDs se concentram cento e trinta e sete das ocorrências, o que representa um percentual de 64,93%. Nas EFs essa frequência é mais reduzida; as setenta e quatro ocorrências correspondem ao índice de 35,07%.

Se se atenta para cada uma das formas pronominais, constata-se que, igualmente em situações de maior informalidade, há preferência pelo uso do pronome pessoal você: nos DIDs figuram 78,67% das setenta e cinco ocorrências, enquanto que nas EFs apenas 21,33% (de-

zesseis ocorrências).

O mesmo pode ser observado em relação à forma pronominal eles. Apesar de suas ocorrências serem em número reduzido (quinze) o alto percentual de 73,33% é dos DIDs, ficando as EFs com os 26,67% restantes.

A seleção por parte dos informantes entre as formas nós e a gente ao indeterminar o sujeito está relacionada à situação discursiva. Em situação formal revela-se uma nítida preferência pelo uso do pronome nós: seu percentual é de 77,94% (cinquenta e três ocorrências), ao lado do de 22,06% (quinze ocorrências) colhido para os DIDs. Contrariamente, nos textos dialogais, a preferência quase absoluta é pela utilização de a gente, como revela o alto índice de 98,11% (cinquenta e duas ocorrências), cabendo às EFs o irrisório percentual de 1,89%<sup>10</sup>.

QUADRO II - OS PRONOMES PESSOAIS NA INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E A CATEGORIA DE TEXTO

PRONOMES	CATEGORIA DE TEXTO	
	EF	DID
<u>você</u>	16 (21,33%)	59 (78,67%)
<u>nós</u>	53 (77,94%)	15 (22,06%)
<u>a gente</u>	01 (1,89%)	52 (98,11%)
<u>eles</u>	04 (26,67%)	11 (73,33%)
TOTAIS	74 (35,07%)	137 (64,93%)

A amostra aqui examinada documenta o desempenho de locutores das duas faixas etárias extremas estabelecidas: a faixa 1 — 25 a 35 anos — e a faixa 3 — 56 anos em diante.

O confronto dessa variável sociolinguística com a ocorrência de pronomes pessoais como recurso de indeterminação do sujeito nos informantes — cf. Quadro III — nos permitiu algumas constatações.

Também a faixa etária pode ser considerada uma variável relevante para os dados analisados. Aos falantes da faixa 1 recolhemos cento e cinquenta e cinco ocorrências, que equivalem a um índice de 73,46%. Por outro lado, entre os de faixa 3 o percentual é de 25,54%, isto é, menos de um terço — cinquenta e seis — dos dados globais.

Examinando-se a distribuição de cada um dos pronomes pelas faixas etárias, observa-se que a forma você foi utilizada exclusivamente por falantes da faixa 1. Tal fato, somado ao que constatamos em relação ao tipo de discurso em que este pronome mais ocorreu, nos leva a crer que este recurso de indeterminação, de largo uso na norma em estudo, seja recente na língua.

Eles, entretanto, é forma que obteve maior emprego entre os falantes da faixa etária 3. Aí o índice percentual é de 86,67% (treze ocorrências) contra o de 13,33% na faixa 1 (duas ocorrências).

O pronome nós se distribui equilibradamente pelas duas faixas etárias. Sua frequência é de 51,47% (trinta e cinco ocorrências) e de 48,53% (trinta e três ocorrências), respectivamente nas faixas 1 e 3. A forma a gente, por sua vez, é majoritariamente selecionada pelos locutores da faixa 1, em que obtém o representativo índice de ocorrência de 81,13% (quarenta e três ocorrências), enquanto nos da faixa 3 seu índice é de apenas 18,87% (dez ocorrências).

QUADRO III - OS PRONOMES PESSOAIS NA INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E A FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA PRONOMES	FAIXA 1	FAIXA 3
<u>você</u>	75 (100%)	-
<u>nós</u>	35 (51,47%)	33 (48,53%)
<u>a gente</u>	43 (81,13%)	10 (18,87%)
<u>eles</u>	02 (13,33%)	13 (86,67%)
TOTAIS	155 (73,46%)	56 (26,54%)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto em termos de conceituação e muito menos da quantidade de recursos frequentemente utilizados pelos falantes da norma culta para o que se vem chamando a indeterminação do sujeito, mas procura fornecer subsídios para uma gramática descritiva do português falado.

O fato de a gramática tradicional não mencionar os recursos aqui focalizados atesta a distância que existe entre a gramática da língua escrita — da qual a gramática pedagógica é veículo transmissor — e a gramática da língua oral. Entendemos que o estudante não

deve ser exposto na escola secundária unicamente a um modelo de língua distanciada de sua realidade oral. Isso aponta para a necessidade de dispormos de descrições sistemáticas do português em sua oralidade, para o que esperamos estar contribuindo com o desenvolvimento do projeto "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no corpus do Projeto NURC" ao qual se integra este estudo-piloto.

### RÉSUMÉ

À partir d'un échantillon du corpus du Projet NURC/Salvador, on décrit quelques-unes des ressources usuelles chez des locuteurs de la norme cultivée pour l'expression de l'indétermination du sujet et on constate leur absence dans l'approche grammaticale traditionnelle. On examine le rapport qu'elles entretiennent avec les variables catégorie de texte et tranche d'âge de l'informateur.

### NOTAS

\* O presente trabalho, elaborado por Vera Rollemberg e revisto pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos: lingüísticos e literários* aproveita trabalhos de etapas anteriores. Inicialmente, Cassandra Matos, Cássia Lopes e Cláudia Andrade, então bolsistas do Programa de Iniciação Científica do CNPq, sob a orientação de Vera Rollemberg, estudaram os recursos de indeterminação do sujeito em uma amostra selecionada do corpus do Projeto NURC/Salvador e apresentaram seu resultado ao VIII Seminário Estudantil de Pesquisa da UFBA, em novembro de 1988, sob o título "A indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador". Posteriormente, as bolsistas Cassandra Matos e Cláudia Andrade, sob a mesma orientação, reelaboraram o trabalho anterior, ampliando-o com o acréscimo do exame dos dados em sua relação com variáveis sociolingüísticas.

1. Este projeto visa à descrição das normas depreensíveis do desempenho oral de falantes com formação universitária completa de cinco cidades: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Esses informantes se distribuem proporcionalmente pelos

dois sexos e por três faixas etárias e seu desempenho foi registrado magnetofonicamente nas seguintes situações de discurso: em elocuições formais, em diálogos entre informante e documentador e em diálogos entre dois informantes.

2. O "corpus compartilhado" é constituído de noventa inquiridos — dezoito de cada uma das cinco cidades — distribuídos proporcionalmente pelas três categorias de texto, por dois sexos e pelas três faixas etárias estabelecidas pelo Projeto NURC. O objetivo de sua seleção é possibilitar um confronto entre as normas das cinco cidades objeto de estudo.
3. Esses inquiridos e os informantes são assim identificados no corpus reunido em Salvador: a) EF — M1: Inq. 046, Inf. 046; M3: Inq. 020, Inf. 020; b) DID — M1: Inq. 173, Inf. 224; M3: Inq. 159, Inf. 203. Os dois primeiros são aulas a estudantes universitários sobre os temas "A tuberculose" e "O arquiteto e a proteção dos bens culturais", respectivamente. Os DIDs versam, respectivamente, sobre as áreas semânticas "A casa" e "Vestuário".
4. A exemplo do que se fez em ALBÁN-FREITAS (1981), trabalho também publicado neste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.
5. Dentre os autores consultados estão neste caso: ALMEIDA (1962), CUNHA (1975), CUNHA-CINTRA (1985), KURY (1986), LIMA (1987), SACCONI (1976).
6. Cf. MILANEZ (1982), p. 37.
7. Id. ib., p. 20.
8. Entre os projetos ora em desenvolvimento em Salvador, filiados ao Projeto NURC, inclui-se "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no corpus do Projeto NURC".
9. Os recursos indeterminadores arrolados estão presentes tanto em unidades conversacionais quanto em marcadores conversacionais.
10. Sobre o uso de nós e a gente na norma culta brasileira, consulte-se ALBÁN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. Nós ou a gente?; FREITAS, Judith. Nós e a gente em elocuições formais; ALBÁN et al. Nós e a gente: uma sondagem na norma culta brasileira e FREITAS, Judith. Os pronomes pessoais na norma culta e nos textos pedagógicos, trabalhos que estão publicados neste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÁN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. Eu, você et alia em três diálogos. In: *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 855-858, jun. 1981.

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa* 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 1962.
- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Português: gramática ilustrada*. São Paulo: Moderna, 1974.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31ª ed. São Paulo: Nacional, 1987.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p. 247-259 e 277-283.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 18ª ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. MEC/FENAME, 1975.
- \_\_\_\_\_; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MENDES, Maria Eline; MOTA, Jacyrara; ROLLEMBERG, Vera. A pessoa e a não-pessoa em discursos de informantes do Projeto NURC/Salvador. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ: Discurso e ideologia, 1, 1987, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1989. p. 359-360.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 28ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- MILANEZ, Wânia. *Recursos de indeterminação do sujeito*. Campinas: UNICAMP, 1982. Dissertação de Mestrado.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Gramática em tempo de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Nacional, 1976.

NÓS ou A GENTE?\*

Maria del Rosário Albán  
Judith Freitas  
Universidade Federal da Bahia.

## RESUMO

Examinando o uso das formas pronominais sujeito nós e a gente em um segmento do **corpus** do Projeto NURC/Salvador — três inquiridos do tipo diálogo entre dois informantes — relaciona-se a preferência por uma ou outra dessas formas tanto com a faixa etária dos informantes como com o momento da elocução em que foram emitidas, concluindo-se pelo valor significativo das duas variáveis.

## 1 PRELIMINARES

Dando continuidade ao estudo iniciado em "Eu, você et alia em três diálogos" (ALBÁN e FREITAS, 1980), onde se procedeu ao exame preliminar da categoria de pessoa nas formas pronominais sujeito em três discursos programaticamente dialogados do tipo diálogo entre dois informantes (D2), que constituem uma secção do **corpus** organizado para o Projeto NURC/Salvador<sup>1</sup>, retoma-se o estudo das formas nós e a gente, relacionando-se a seleção de uma ou outra forma pelo informante com as variáveis faixa etária, atitude assumida no diálogo e momento da elocução.

Foi utilizado o mesmo **corpus**, constituído por três diálogos<sup>2</sup>, que são tanto quanto possível informais, com a característica comum de reunirem locutores do sexo masculino de duas faixas etárias — 25 a 35 anos (F1) e 56 anos em diante (F3) —, todos nascidos em Salvador e de nível univer

sitário. Os resultados são conclusões empíricas, limitadas ao âmbito dos textos examinados.

## 2 NÓS E A GENTE COMO AMPLIAÇÃO DO EU

Os pronomes nós e a gente representam, com referência à categoria de pessoa, uma ampliação do EU, que pode abranger, além do EU e do NÃO-EU — pessoas do discurso —, o elemento ALIA, ou seja, a NÃO-PESSOA (BENVENISTE, 1976).

Por outro lado, como foi referido em ALBÂN e FREITAS (1980):

*Todo enunciado tem como ponto de partida um locutor que o emite e que, inevitavelmente, é o centro gerador do processo de comunicação. Em muitas situações, ele pode escolher a maneira de se colocar no discurso: se opta por assumir o discurso como indivíduo isolado, usa a forma eu; se se situa juntamente com outro indivíduo ou com um grupo — quer especificado quer indeterminado —, prefere nós / a gente, como expressão do EU AMPLIADO, ou outras formas.*

Nós e a gente, embora por si sós não especificuem a amplitude que o locutor dá à pessoa EU, pois não apresentam marcas formais que evidenciem essa abrangência, comportam três possibilidades de ampliação do EU:

### a) EU + NÃO-EU

*Eu acho que isso... se meu pai ou o seu fosse um cara desses, eu acho que a gente seria ignorante. (Inf. F1, Inq. 208).*

### b) EU + ALIA

*Fui companheiro de caça de meu pai... Nós, quando armávamos um... uma armadilha... (Inf. F3, Inq. 234).*

### c) EU + NÃO-EU + ALIA

*Assim, eu não poderia dizer de outras unidades. Aqui na Escola... nós não temos esse problema. (Inf. F3, Inq. 156). (Os interlocutores eram professores de mesma unidade universitária).*

Os critérios de seleção entre nós e a gente por parte dos locutores é o objeto central deste estudo.

## 3 A GENTE NA TRADIÇÃO DOS DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS

Dicionários e gramáticas pedagógicas revelam, de um modo geral, certo pudor no tratamento dos fatos que caracterizam a oralidade, não reconhecendo, por vezes, a amplitude e difusão que estes apresentam, com o que contribuem para a consolidação do preconceito às inovações gramaticais. No que se refere à ampliação do EU, a tradição consagra apenas a forma nós.

Nossos dicionários — MORAIS (1945), AULETE (1964), AURÉLIO (1ª ed. - s.d.), Mirador Internacional (1976) — registram a forma a gente sob o verbete gente, substantivo feminino, abonando-a com os mais diversos autores: Castilho, Augusto dos Anjos, Lobato, Mário de Andrade. E entre seus significados indicam o próprio pronome nós. Em Aurélio, por exemplo, sob o verbete gente vem registrado: "... /a gente: a(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós...". Aulete a registra com o significado de nós e acrescenta: "... neste sentido o povo emprega este nome singular, fazendo-o concordar com o verbo no plural: a gente fomos; a gente mandamos...", concluindo: "o que é contra o bom senso gramatical". No verbe te nós, entretanto, sequer remetem à forma a gente.

Quanto às gramáticas, a grande maioria não inclui a gente no rol dos pronomes pessoais. Da relação das

gramáticas observadas, somente duas se referem a essa forma: a Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 1982) — embora o faça apenas entre as observações finais ao capítulo dos pronomes, com abonação de Alexandre Herculano — e a Nova gramática do português contemporâneo (CUNHA e CINTRA, 1985) que, no capítulo "Emprego dos pronomes retos", sob o subtítulo "Fórmulas de representação da primeira pessoa", registra: "no colóquio normal, emprega-se a gente por nós e também por eu...", restringindo seu uso, portanto, à linguagem coloquial.

#### 4 POSICIONAMENTO DO LOCUTOR NO DISCURSO: EU OU EU AMPLIADO

Dos inquéritos que forneceram o **corpus** para este estudo, dois (208 e 234) envolveram pessoas que se viram pela primeira vez e o terceiro (156) reuniu dois professores de uma mesma unidade universitária. Na fala de todos os locutores, considerando tanto as formas explícitas como as implícitas, observou-se maior frequência de uso da forma eu do que das formas nós e a gente, estas expressão do EU AMPLIADO. Do total de 1.211 ocorrências anotadas, a forma eu representa 78%, enquanto nós / a gente apenas 22%, conforme se vê no Quadro I. Essa maior frequência decorre talvez das circunstâncias específicas desses diálogos, como do fato de a maioria dos locutores e documentadores não se conhecerem previamente.

QUADRO I - FREQUÊNCIA DE EU E NÓS - A GENTE

FORMAS PRON.		<u>eu</u>		<u>nós - a gente</u>	
		INQ./INF.			
156	F3	148	(66%)	77	(34%)
	F1	159	(94%)	5	(6%)
208	F3	171	(78%)	49	(22%)
	F1	192	(69%)	85	(31%)
234	F3	251	(88%)	35	(12%)
	F1	26	(67%)	13	(33%)
TOTALIS		947	(78%)	264	(22%)

Continuando a examinar o Quadro I, observa-se que os locutores que se situam nos extremos da escala de preferência pelo posicionamento do EU (94% inf. F1 e 66% inf. F3) encontram-se reunidos no mesmo inquérito, o 156. A audição do diálogo produzido torna evidente o contraste: o informante F1 não demonstra grande envolvimento grupal; apesar de ser participante da única dupla de locutores que se conheciam previamente, posiciona-se quase exclusivamente com o EU EXCLUSIVO (eu), enquanto o informante F3, que revela um alto grau de envolvimento grupal — muito expressamente no seu grupo familiar —, é, ao contrário, o que mais assume o discurso como EU AMPLIADO — nós - a gente (34%, o maior índice nesses locutores).

No inquérito 234 encontram-se reunidos os dois informantes que se seguem na escala de preferência por um

dos posicionamentos no discurso. O informante F3, homem de atividade profissional intensa e variada, aborda os temas propostos — terreno, animais, vegetais — do ponto de vista da sua experiência pessoal, optando decididamente pelo posicionamento do EU (eu - 88%). Já o informante F1, apesar da pouca oportunidade que teve no diálogo<sup>3</sup> revela um certo grau de envolvimento grupal pelo menos no que diz respeito ao interesse de integrar-se no diálogo. É o segundo na escala de crescente de posicionamento do EU AMPLIADO (nós ~ a gente - 33%).

Quanto à dupla do inquérito 208 — o que apresentou participação mais equilibrada dos dois locutores —, o informante F3 revela uma preferência por posicionar-se como EU bastante acentuada (78%), o que também acontece com o informante F1 (69%).

## 5 SELEÇÃO ENTRE NÓS E A GENTE

A preferência, por parte dos seis informantes reunidos nos D2 selecionados, pelo uso das formas nós e a gente para expressão do EU AMPLIADO foi sistematicamente examinada em sua relação com as variáveis faixa etária dos informantes, atitude assumida durante o inquérito e momento da elocução em que foram mobilizados, como se verá a seguir. A distribuição do conteúdo temático ao longo dos diálogos assim como o contexto contíguo às formas nós e a gente foram variáveis que, embora observadas assistematicamente, não forneceram elementos que permitissem estabelecer uma relação consistente com cada uma dessas formas.

### 5.1 A FAIXA ETÁRIA

Por ser a gramaticalização de a gente um fato

relativamente recente na língua portuguesa, procedeu-se ao confronto entre as elocuições dos informantes F3 e F1 no que se refere ao uso dessa forma, como se vê no Quadro II.

QUADRO II - NÓS OU A GENTE E A FAIXA ETÁRIA

INQ.	FAIXA ETÁRIA 3		FAIXA ETÁRIA 1	
	<u>nós</u>	<u>a gente</u>	<u>nós</u>	<u>a gente</u>
156	51 (66%)	26 (34%)	3 (60%)	2 (40%)
208	25 (51%)	24 (49%)	18 (21%)	67 (79%)
234	28 (80%)	7 (20%)	1 (8%)	12 (92%)
TOTAIS	104 (65%)	57 (35%)	22 (21%)	81 (79%)

Entre os informantes F3 é o do inquérito 234 que apresenta preferência acentuada pela forma nós (80% das 35 ocorrências do EU AMPLIADO); seguem-se o do inquérito 156 (66% em 77 ocorrências) e o do inquérito 208, que alterna quase paritariamente entre as duas formas (51% para nós e 49% para a gente).

Por outro lado, o informante F1 do inquérito 234 é o que apresenta maior índice de frequência de a gente (92%); embora seja baixo o total de ocorrências de formas do EU AMPLIADO, sua preferência por a gente é bastante expressiva (12 ocorrências contra apenas uma de nós). A ele se segue o informante do inquérito 208 com 79%. Os dados fornecidos pelo informante F1 do inquérito 156 representam um número irrelevante (apenas 5), com uma diferença inexpressiva entre a frequência de uma e outra forma (3 para nós e 2 para a gente).

No total, os resultados apontam a preferência

dos informantes F3 pelo uso de nós (65%), enquanto que é realmente entre os F1 que se evidencia uma preferência relevante por a gente (79% das ocorrências do EU AMPLIADO).

## 5.2 O MOMENTO DA ELOCUÇÃO

Pressupondo ser o início de uma gravação o momento de maior formalidade, sobretudo no caso de diálogos em que os locutores não se conhecem previamente, procurou-se observar se essa formalidade se estendia à linguagem, influenciando, inclusive, na seleção das formas nós e a gente.

Para verificar a frequência dessas formas nos momentos diversos das elocuições, dividiu-se cada inquérito, programado para 1h e 20 min de duração, em três segmentos ou terços (T). Os resultados numéricos obtidos para cada um de les figuram no quadro a seguir.

QUADRO III - NÓS OU A GENTE E O MOMENTO DA ELOCUÇÃO

INQ. / INF.	1º TERÇO		2º TERÇO		3º TERÇO	
	<u>nós</u>	<u>a gente</u>	<u>nós</u>	<u>a gente</u>	<u>nós</u>	<u>a gente</u>
156 F3	41 (93%)	3 (7%)	8 (67%)	4 (33%)	2 (10%)	19 (90%)
	2 (50%)	2 (50%)	1 (100%)	-	-	-
208 F3	13 (72%)	5 (28%)	4 (36%)	7 (64%)	8 (40%)	12 (60%)
	3 (12%)	22 (88%)	13 (32%)	27 (68%)	2 (10%)	18 (90%)
234 F3	13 (72%)	5 (28%)	4 (80%)	1 (20%)	11 (92%)	1 (8%)
	1 (9%)	10 (91%)	-	2 (100%)	-	-
TOTAIS	73 (61%)	47 (39%)	30 (42%)	41 (58%)	23 (32%)	50 (68%)

Em números globais, as duzentas e sessenta e quatro ocorrências do EU AMPLIADO dividem-se em cento e vinte e seis de nós e cento e trinta e oito de a gente, portanto com uma pequena margem de preferência por esta última.

Observando ainda conjuntamente as duas faixas etárias aqui estudadas, vê-se que nós ocorre em escala descendente na seqüência dos três momentos da elocução (1º T com 61%, 2º T com 42% e 3º T com 32%), enquanto a gente apresenta-se em escala ascendente (1º T com 39%, 2º T com 58% e 3º T com 68%).

Para melhor interpretar estes números, convém examiná-los segundo a faixa etária dos informantes.

Os informantes F3 apresentam sempre maior incidência da forma nós do que da forma a gente no 1º T (inq. 156 com 93%, 208 com 72% e 234 também com 72%). No 3º T foi registrado maior número percentual de ocorrências de a gente nos informantes dos inquéritos 156 (90%) e do 208 (60%). No informante F3 do inquérito 234 este percentual é, entretanto, bastante baixo (8%), mostrando ele marcante e crescente preferência por nós (72%, 80% e 92%) durante todo o decorrer do diálogo. As tendências do terço central do diálogo variam.

Quanto aos informantes F1, verifica-se que o do inquérito 208, a quem se registrou o maior número de ocorrências do EU AMPLIADO nesta faixa (85 num total de 103), não apresenta escala definida para distribuição de nós e a gente pelos três terços da gravação, embora apresente acentuada preferência pela forma a gente (79%), em confronto com nós (21%). Os outros dois informantes da F1 — o do inquérito 156 e o do inquérito 234 — apresentam distribuição diversificada que justifica a interpretação de que não foi constatada relação entre a seleção de uso das formas nós e a gente e o momento da elocução nesta faixa etária.

O resultado decorrente do exame das duas fai-

xas em conjunto é influenciado, certamente, pelo maior número de ocorrências das formas que representam o EU AMPLIADO nos informantes F3, que são os que mais usam da palavra nestes três inquéritos.

Observaremos agora isoladamente a atuação do informante F3 do inquérito 156 — o que apresenta quarenta das cinquenta e uma formas de nós que utiliza concentradas no 1º T deste diálogo — cujo desempenho chama a atenção do documentador no início da gravação pelo seu tom formal. Em sua fala inicial pode-se ouvir

*Meu caro X, a minha infância, eu passei aqui em Salvador...*

Acompanhando o desenvolvimento do discurso, pode-se verificar que nos vinte e dois minutos iniciais usa com exclusividade o nós (35 ocorrências). Afirma então

*Não há esse conflito que se diz, mas aí fora a gente co... nós costumamos ver...*

e logo em seguida

*... e a gente acha... nós achamos que a família hoje é algo muito diferente daquela família dos nossos tempos de criança.*

Após vacilar essas duas vezes diante do uso da forma a gente, passa a utilizá-la cada vez mais, alternando-a com nós, cuja incidência no 3º T (10%) chega a ser suplantada pela de a gente (90%), como já foi visto. Observe-se que o seu interlocutor neste diálogo — que faz um parco uso de formas pronominais de expressão do EU AMPLIADO — tinha selecionado até então apenas nós (2 ocorrências) e vem a usar a gente mas só depois que o informante F3 o faz.

### 5.3 A ATITUDE DO LOCUTOR

As reações de cada locutor no momento da gravação  
*Estudos* (11): 75-89, ago. 1991

ção, são ocasionalmente anotadas nas fichas de catalogação dos inquéritos do Projeto NURC, podem ser conhecidas sistematicamente a partir da sua audição. O comportamento tenso ou descontraído desses seis locutores segundo essas duas fontes — cujo exame já foi realizado, aliás (CARDOSO et alii: 1981) — vem indicado no Quadro IV, relacionado com sua preferência de uso de cada uma das formas em questão.

QUADRO IV - ATITUDE DO LOCUTOR E SELEÇÃO DAS FORMAS DO EU AMPLIADO

Atitude do locutor	INQ. / INF.	<u>nós</u>	<u>a gente</u>
Tenso	156 F 3	66%	34%
	156 F 1	60%	40%
	208 F 1	21%	79%
Descontraído	208 F 3	51%	49%
	234 F 3	80%	20%
	234 F 1	8%	92%

O quadro demonstra que a variável tensão / descontração — tal como foi abordada — não interferiu nos resultados da seleção de nós e a gente, ou seja, esta seleção não parece estar correlacionada com a atitude geral do locutor no ato da entrevista, pelo menos nestes três diálogos.

### 6 CONCLUSÕES

Este estudo, que incide sobre um segmento do

corpus NURC/Salvador, é considerado como parte da programação *lato sensu* do Projeto. Nele observou-se que as entrevistas selecionadas registram ocorrência significativa das formas pronominais nós e a gente, concorrendo certamente para isso o tipo de texto selecionado (D2).

O exame dos dados resultantes dos três diálogos evidenciou que, das variáveis observadas para a seleção de nós e a gente pelo locutor

- a) foi a faixa etária que mostrou resultados mais significativos: os locutores F3, que nesses três inquiridos estão entre 62 e 68 anos, preferiram o uso de nós (65%), enquanto os F1, entre 29 e 31 anos, demonstraram uma expressiva preferência por a gente (79%);
- b) a variável momento da elocução atua apenas nos informantes F3. O primeiro terço das gravações concentra maior número de ocorrências de nós para estes locutores. A preferência pela forma a gente na F1 não apresentou correlação com o momento da elocução;
- c) a atitude do locutor (tenso/descontraído) não demonstrou atuar, nesse conjunto de locutores, no que se refere à seleção entre essas formas.

Assim, a preferência expressiva do uso de a gente pelos locutores F1 e a preferência crescente por essa forma, desenvolvida pelos locutores F3 no transcurso dos diálogos, demonstram a vitalidade do uso em diálogos informais de a gente como forma pronominal no português do Brasil, ainda não devidamente incorporada a dicionários e gramáticas.

## RÉSUMÉ

Après l'examen de l'emploi des formes pronominales sujet nós et a gente, à partir d'un segment du corpus du Projet NURC/Salvador — trois enquêtes du type dialogue entre deux informateurs —, on établit la préférence pour l'une ou l'autre de ces formes à la fois en fonction de la tranche d'âge des informateurs et du moment dans lequel elles ont été émises et on conclut en soutenant la valeur significative des deux variables.

## NOTAS

- \* Este trabalho, em sua primeira versão, foi apresentado à 37ª Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, 1985 e publicada na revista *Estudos; Lingüísticos e Literários* nº 5, Salvador: IL/UFBA, 1986. A presente versão foi revisada pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos; lingüísticos e literários*.
1. O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) vem-se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — e visa a proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo extrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior. O **corpus** deste Projeto divide-se em três diferentes categorias de texto — elocução formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2) — e perfaz um total de 1.870 inquiridos.
2. São eles: os inquiridos de número 156 — informantes 197 (F3) e 198 (F1); número 208 — informantes 273 (F3) e 274 (F1) e o de número 234 — informantes 305 (F3) e 306 (F1).
3. Para que se interpretem com exatidão os dados do Quadro I, leve-se em conta que nestes três diálogos o informante F3 fala por mais tempo que o informante F1, o que provavelmente decorre não só de uma possível maior experiência de vida, mas de uma certa deferência por parte dos mais jovens com seus interlocutores F3. Também duas des

tas gravações — as dos inqueritos 208 e 234 — foram realizadas nas casas destes últimos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÁN, Maria del Rosário ; FREITAS, Judith. *Eu, você et alia* em três diálogos. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980. Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n. 6, p. 855-858, jun. 1981.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1983.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. São Paulo: Moderna, 1979.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1982.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p. 247-259 e 277-283.

CARDOSO, Suzana; NASCIMENTO, Ary; ROSSI, Nelson. Cadastramento do **corpus** NURC/SSA. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980. Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n.6, p. 849-852, jun. 1981.

CEGALLA, Domingos P. *Português para o 2º grau*. São Paulo: Nacional, 1977.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1972.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa. *Mirador Internacional*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

KURY, Adriano da Gama; OLIVEIRA, Ubaldo. *Gramática objetiva*, v.1. São Paulo: Atlas, 1985.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática*. São Paulo: Atual, 1983.

## NÓS E A GENTE EM ELOCUÇÕES FORMAIS\*

Judith Freitas  
Universidade Federal da Bahia

### RESUMO

Com o propósito de observar o uso dos pronomes pessoais sujeito nós e a gente no discurso relativamente formal documentado em quatro inquéritos do Projeto NURC/Salvador do tipo elocução formal em sua modalidade aula, procede-se ao exame da relação entre a preferência revelada por cada uma dessas formas pronominais e algumas variáveis sociolingüísticas. Estabelece-se um confronto com o uso dessas formas em textos dialogados da norma culta de Salvador.

1 Um jornal local, noticiando o encerramento de um congresso de profissionais liberais, focalizou especialmente o discurso proferido na ocasião de encerramento desse evento. A notícia vem parcialmente transcrita a seguir.

"O português que se fala e se escreve atualmente no Brasil é o pior possível."

Ao defender a não-agressão à língua portuguesa, o orador foi aplaudido pelos colegas que estavam no auditório. Ele admitiu que, hoje em dia, o uso generalizado de vícios lingüísticos, tais como a gente ao invés de nós é frequente, não só no rádio e nas emissoras de televisão, mas pelas pessoas que dão entrevistas à imprensa.

Sobre o trecho acima, propositalmente não localizado, podem-se fazer algumas reflexões.

O orador, um falante culto, sente que a alternância entre nós e a gente já está bastante generalizada no português do Brasil. Embora este congresso se tenha realizado no Rio de Janeiro, dele devem ter participado profissionais liberais de diversas regiões do país e os aplausos dados ao discurso demonstram a anuência de todos às idéias manifestadas.

Sua posição diante do uso da forma a gente está claramente definida quando a classifica de "vício lingüístico". Muitos outros brasileiros que se detenham em reflexões sobre a língua que usam possivelmente partilharão deste ponto de vista.

Temos que agradecer ao orador, não só por partilhar conosco da tarefa de refletir sobre a língua que falamos, mas sobretudo por nos ter dado um testemunho espontâneo da vitalidade da forma a gente e de sua não completa aceitação pelo dialeto padrão culto.

O presente estudo pretende examinar a preferência do falante culto, informante do Projeto NURC/Salvador<sup>1</sup>, por uma das formas nós ou a gente quando em situação formal, nas denominadas elocuições formais (EFs).

## 2 NÓS E A GENTE EM ELOCUIÇÕES FORMAIS (AULAS)

Quando o falante se propõe a manifestar seu pensamento posicionando-se no discurso, ao veicular os conteúdos do que se pode considerar, com BENVENISTE (1976)<sup>2</sup>, o EU AMPLIADO, sua forma de expressão poderá resultar da escolha de uma das formas nós ou a gente, possibilidades que oferece a língua a seus usuários.

## 2.1 O CORPUS

Os textos analisados, um segmento do corpus do Projeto NURC/Salvador, são quatro inquiridos do tipo elocução formal (EF) em sua modalidade aula, cuja duração prevista era de 40 minutos, mas que variou a depender do tempo ocupado pelo evento. Os informantes, todos do sexo masculino, se diversificaram pela idade: dois deles — com 30 e 29 anos — pertencem ao que se considerou a faixa etária 1 (de 25 a 35 anos); os outros dois — com 57 e 65 anos — integram a faixa etária 3 (acima de 56 anos)<sup>3</sup>.

## 2.2 ATITUDE DOS INFORMANTES

A seleção para análise de um segmento do corpus do Projeto NURC constituído de EFs do tipo aula evidencia por si própria o propósito de observar o discurso relativamente formal. Um mais alto grau de formalidade seria esperado em elocuições do tipo conferência.

Reunidas pela expectativa de relativa formalidade, as aulas, todas elas ministradas em cursos universitários, apresentam-se bastante diversificadas, como se observa no quadro a seguir.

## QUADRO I — INFORMANTES E INQUÉRITOS

INQ.	F. ETÁRIA DO INF.	CURSO/TEMA	CONTEÚDO DA AULA/ ATITUDE DO PROFESSOR
19	F1	Filosofia e outros. "Ciência da matéria no método experimental".	Exposição da teoria, constatando-se um relacionamento informal entre professor e alunos.
31	F1	Jornalismo. "Dinâmica da reportagem fotográfica".	Relato da evolução do fotojornalismo, enriquecido com a experiência pessoal do professor, de forma absolutamente informal.
20	F3	Arquitetura. "O arquiteto e a proteção dos bens culturais".	Relato da ação do arquiteto na proteção dos bens culturais através dos tempos, acrescido da experiência pessoal do professor, de modo bastante formal.
34	F3	Biologia. "Angiospermas: ordem das papaverales".	Exposição da teoria, seguida de sua aplicação, de modo relativamente formal, sendo o formalismo quebrado no momento em que faz considerações laterais.

**Inquérito 19** — Aula de Lógica. Informante da faixa etária 1. O professor falou a uma sala com sessenta e quatro alunos, dirigindo-se aos mesmos de forma descontraída, restando apenas a formalidade decorrente do tipo de evento aqui observado.

Há momentos relativamente formais que ocorrem

quando da exposição do assunto da aula

*Hoje nós vamos tentar explicar o problema da ciência da matéria no método experimental.*

ou

*Para o empirismo, a mente se comporta de maneira passiva frente ao meio, ou seja, tudo que você conhece é colocado em sua mente pelos sentidos; então através dos sentidos é que você conhece o mundo.*

que alternam com a informalidade dos diversos momentos em que se dirige aos alunos:

*E por que você perguntou? Não era melhor ficar calado? (rindo)*

*Deve ser, eu não conheço; se eu der um fora, aí vocês me emendam.*

*Acorde aí, Adilson.*

**Inquérito 31** — Aula no curso de Jornalismo.

Informante da faixa etária 1. Aula aberta a alunos de outras turmas, em sala completamente lotada com pessoas sentadas em todos os locais possíveis e impossíveis. O professor desloca-se pelo pequeno espaço restante, muitas vezes com material fotográfico nas mãos. Raramente fica sentado, e quando o faz é em cima da própria carteira.

Mesmo nos momentos de exposição do assunto, a não-formalidade se retrata no tom jocoso e mesmo irônico adotado:

*Estou querendo fotografar esta sala, fotografar vocês. Eu não tenho, necessariamente, que ir pra... pra marquise (chega à janela e olha para fora). Por sinal esta sala não tem marquise, ia cair de lá direto.*

*Então, pôxa, eu já sou um cara sozinho,*

meio fraco, com esse equipamento todo, ainda mais com um **zoom** (risos). Quando eu chegar lá não aguento fazer mais nada!

Interrompido a todo momento por perguntas, in-centiva este procedimento de seus ouvintes.

**Inquérito 20** — Aula para o curso de Arquite-tura. Informante da faixa etária 3. Professor extremamente formal que evidencia este formalismo pelo modo de sentar-se à carteira, por sua atitude antes mesmo de começar a falar. A pós a gravação da aula, pediu ao documentador uma cópia da mesma para transformá-la em artigo para uma revista. Assim iniciou:

*De acordo com o nosso plano de curso, hoje nós teremos o assunto relacionado com o arquite-to e a proteção dos bens culturais.*

Durante a aula não foi interrompido e concluiu:

*Se desejam alguma... algum outro esclareci-mento, podem usar da palavra.*

Não houve perguntas por parte dos vinte e seis alunos presentes, nem mesmo diante dessa solicitação final.

**Inquérito 34** — Aula de Botânica. Informante da faixa etária 3, adota uma atitude tradicional e simpática diante de seus cinquenta alunos. No início da aula — parte teórica — fala pausado e esclarece: "Tem que ser devagar: eles escrevem". Desenvolve um esquema que vai colocando gra-dualmente no quadro. Na parte aplicada, o ritmo da aula mu-da, tornando-se mais rápido e fluente.

Quando apresenta o assunto, expressa-se com re-lativa formalidade:

São incisões que podem ser, repito, hori-zontais, verticais ou inclinadas.

Muda de tom quando faz comentários laterais:

*... porque sou velho na idade mas sou moço no juízo: sou pra frente. Não vou ficar com denominação antiga.*

Concluído o assunto da aula, continua conver-sando com os alunos e os documentadores:

*E para encerrar a aula vou lhes contar um fato que se passou aqui na Bahia, na Facul-dade de Medicina, quando Pedro, nosso gran-de imperador, que já era hippie porque crã-ava barba, aqui passou.*

### 2.3 PREFERÊNCIA DOS INFORMANTES POR NÓS OU A GENTE

Os pronomes nós e a gente representam, com re-lação à categoria de pessoa, uma ampliação do EU que pode a-branger, além do EU e do NÃO-EU — pessoas do discurso — a NÃO PESSOA, esta relacionada com o mundo objetivo. (BENVE-NISTE, 1976).

A preferência de uso de uma destas formas as-sim se apresenta nos quatro informantes aqui examinados:

QUADRO II - NÓS OU A GENTE EM EFs (AULAS)

FAIXA ETÁRIA	INQ	<u>nós</u>	<u>a gente</u>	TOTAL
F 1	19	43	-	43
	31	1	28	29
F 3	20	36	1	37
	34	24	1	25
TOTAL		104 (77.6%)	30 (22.4%)	134

Foram cento e trinta e quatro as ocorrências do conteúdo EU AMPLIADO<sup>4</sup> representado por um pronome pessoal sujeito. Em cento e quatro ocorrências (77,6%) foi selecionada a forma de expressão nós e em trinta (22,4%) a forma de expressão a gente, verificando-se, assim, a preferência pelo nós nestes textos.

Reunidos os dados segundo a faixa etária do informante, a preferência pela forma nós se apresenta nos informantes de faixa 1 (61% de nós e 39% de a gente), mas ela é muito mais significativa nos informantes de faixa 3 (97% de nós e apenas 3% de a gente). Os resultados, porém, se revelam com muito maior exatidão quando é examinado cada inquérito isoladamente.

O informante 20 (faixa 3) nas trinta e sete oportunidades de escolha da forma de expressão do EU AMPLIADO, só uma vez preferiu a forma a gente, já na parte final da aula, quando diz:

*... tornando às vezes um livro antigo ou um documento, um tijolo inteiramente sólido que a gente não pode, de jeito nenhum, virar qualquer página sob pena de destruir.*

Assim, em 1 hora e 8 minutos de aula, só uma vez aparece, e durante o desenvolvimento do tema, a forma a gente.

O informante 34, também faixa 3, apesar dos momentos de quebra da relativa formalidade durante ou após a aula, chegando mesmo a contar um "caso", se afasta da forma associada a um maior nível de formalidade, o nós, uma única vez, no final da aula, ou melhor, já concluída a aula:

*... a culpa não é minha, é da Universidade que não paga o que a gente merece.*

Já os informantes faixa 1 apresentam um quadro diversificado.

O informante 19, apesar da informalidade com

que trata os alunos ("Acorde aí, Adilson"), das quarenta e três vezes que usa um pronome pessoal para exprimir o EU AMPLIADO, nem uma vez seleciona a forma a gente.

Finalmente o informante 31 que faz um relato histórico do fotojornalismo, enriquecendo-o com sua experiência de profissional da área, mostra-se informal no agir e no vestir, não excetuando o falar ("... todas essas frescuras, ouviu?"). A única vez que aparece em seu discurso de 1 hora e 10 minutos a forma nós é na seguinte passagem:

*... a gente está sempre — nós, os fotojornalistas — está sempre dependendo destas coisas, diferentemente do jornalista.*

em que nós vem isolado e a frase tem sua continuidade concordando com a gente.

Destaque-se que em uma dessas EFs não ocorre a gente e em duas outras registra-se essa forma apenas uma vez. A quarta EF apresenta, entretanto, resultado inverso: só uma ocorrência da forma nós.

Que elementos diferenciadores terão agido no inquérito 31?

Não se pode argumentar com a variável idade, pois o informante do inquérito 19, também da faixa etária 1, oferece o resultado contrário mais incisivo: nem uma ocorrência de a gente.

O grau de formalidade não atingiu os informantes faixa 3, pois ambos, a despeito das diferenças individuais bastante marcantes, apresentam resultados iguais quando se trata de preferência de uso entre nós e a gente: apenas uma ocorrência deste último.

Que fatores influíram na fala do informante 31? Seu grau de informalidade mais acentuado? Seu enfoque do tema apresentado, associando o histórico do jornalismo a um depoimento de sua prática profissional? Seu estilo pessoal?

Provavelmente estes fatores e mais outros que não nos foi possível perceber no âmbito deste estudo.

### 3 NÓS OU A GENTE EM TEXTOS DIALOGADOS

Em estudo anterior, quando foram examinados três diálogos entre dois informantes (D2) da norma culta de Salvador em relação ao uso das formas nós e a gente<sup>5</sup>, verificou-se que

a) a faixa etária foi a variável mais significativa pois, enquanto os informantes da faixa etária 3 usaram a forma nós em 65% das possibilidades de representação do EU AMPLIADO, os da faixa 1 preferiram a forma a gente, usando-a em 79% das oportunidades;

b) a variável momento da elocução mostrou-se significativa, mas apenas em relação aos informantes da faixa etária 3: dividindo-se cada inquirido em três terços, verificou-se um uso percentual decrescente para a forma nós (84%, 57% e 40%), enquanto que a gente, ao contrário, apresentou percentuais de uso crescente (16%, 43% e 60%);

c) a variável atitude do locutor pareceu não atuar, nos seis informantes dos inquiridos examinados.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta os dados provenientes de três inquiridos tipo D2, diálogos travados entre informantes faixa 1 e faixa 3, e comparando seus resultados com os retirados de quatro inquiridos do tipo EF, sendo dois de informantes faixa 1 e dois de faixa 3, pode-se chegar às seguintes

conclusões:

a) a variável faixa etária, que se mostrou atuante no discurso do tipo D2, parece não ser pertinente para as EFs examinadas;

b) a variável momento da elocução, atuante nos D2 quando os informantes são da terceira faixa etária, não pôde ser observada nas EFs de informantes dessa mesma faixa etária por se ter constatado para cada um deles uma única ocorrência da forma não preferida;

c) a atitude do locutor, que não se mostrou atuante nos textos dialogados, talvez seja a variável pertinente nas EFs, pelo menos no que concerne aos informantes mais jovens. Seria, porém, a preferência pela forma pronominal a gente em EFs tipo aula um traço idioletal do informante 31? Esta dúvida não pôde ser dirimida no âmbito deste estudo, devendo aguardar o exame de um número maior de inquiridos desse tipo.

Caso seja esta última a interpretação correta, a forma nós seria a mais freqüente, sem distinção de faixa etária, em EFs do tipo aula, pelo menos a julgar pelos locutores dos inquiridos aqui examinados.

Na verdade, observada no conjunto de textos mais formais (EF aula) e menos formais (D2), a opção de uso pelas formas nós ou a gente parece ser ditada preferencialmente pelo tipo de texto; dentro de cada um desses tipos é que as outras variáveis se organizam e atuam.

### RÉSUMÉ

Dans le but d'observer l'emploi des pronoms personnels sujet nós et a gente dans le discours relativement

formel documenté en quatre enquêtes du Projet NURC/Salvador du type élocution formelle dans sa modalité classe, on procède à l'examen du rapport entre la préférence révélée par chacune de ces formes pronominales et quelques variables sociolinguistiques. À partir de là s'établit une confrontation avec l'usage de ces mêmes formes dans des textes sous forme de dialogues de la norme cultivée de Salvador.

## NOTAS

- \* Este trabalho, em sua primeira versão, foi apresentado à XV Reunião Nacional do Projeto NURC, São Paulo, 1989. A presente versão foi revisada pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.
1. O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) vem-se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — e visa a proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior em cada uma destas cidades. O corpus deste Projeto distribui-se por três diferentes categorias de texto: elocuições formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2) e perfaz um total de 1.870 inquiridos.
  2. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976, p. 247-59 e 277-83.
  3. Os inquiridos selecionados foram os de número 19 (informante F1), 20 (informante F3), 31 (informante F1) e 34 (informante F3).
  4. Neste trabalho, foram computados apenas os pronomes pessoais — implícitos ou explícitos — sujeito das formas verbais finitas.
  5. Cf. ALBÁN, Ma. del Rosário; FREITAS, Judith. *Nós ou a gente?* In: REUNIÃO NACIONAL DA SBPC, 37, 1985. Belo Horizonte. *Estudos: lingüísticos e literários*, Salvador: UFBA/Instituto de Letras, n.5, p.179-193, dez. 1986. Republicado neste número que reúne trabalhos sobre a classe sintática dos pronomes.

## NÓS E A GENTE :

## UMA SONDAÇÃO NA NORMA CULTA BRASILEIRA\*

Maria del Rosário Albán  
Rosineide R. da Cruz  
Ivoneite Oliveira  
Francelina Passos  
Carola Rapp  
Universidade Federal da Bahia

## RESUMO

Com base em uma amostra constituída de cinco inquiridos do tipo diálogo entre informante e documentador, recolhidos nas cidades brasileiras em que se desenvolve o Projeto NURC — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre —, focaliza-se a alternância entre as formas pronominais nós e a gente e analisam-se os contextos lingüísticos que representam diferentes possibilidades sintáticas de ocorrência dessas e de outras formas de expressão do EU AMPLIADO.

## I - INTRODUÇÃO

A alternância entre nós e a gente como formas de expressão da chamada primeira pessoa do plural é um fenômeno geral no Brasil. Dois estudos anteriores sobre esse tema (ALBÁN e FREITAS, 1981 e 1985) analisaram a fala de seis locutores em inquiridos programaticamente dialogados do tipo diálogo entre dois informantes (D 2) do sexo masculino de Salvador de duas faixas etárias — maiores de 55 anos (faixa 3) e de 25 a 35 anos (faixa 1) — e apontaram para uma preferência pela forma a gente pela faixa 1 e por nós pela faixa 3, para essa última em sentido decrescente com relação ao decorrer do inquirido.

Este trabalho<sup>1</sup> examina o uso dessas formas em

cinco locutores procedentes das cinco cidades brasileiras que integram o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (NURC), exame esse feito como sondagem inicial da diatopia desse uso. O segmento do **corpus** selecionado é constituído de cinco diálogos entre informante e documentador (DID), registrados a informantes do sexo masculino com mais de 55 anos (H 3)<sup>2</sup>. Dando-se continuidade aos aludidos estudos que tomaram por base a proposta teórica de BENVENISTE (1976) sobre a categoria de pessoa, utilizam-se aqui as noções de EU e de EU AMPLIADO, correspondentes aproximadamente as tradicionalmente consideradas primeira pessoa do singular (P 1) e primeira pessoa do plural (P 4).

A heterogeneidade do material lingüístico examinado certamente não decorre apenas da procedência geográfica dos informantes. Decorre também das diferentes situações criadas na interação verbal documentador-informante e da própria individualidade de cada um dos locutores, que têm como um possível fator de homogeneização a faixa etária comum, na medida em que a faixa 3 se tem mostrado, de um modo geral, mais conservadora, usando preferentemente nós. Observou-se no conjunto dos inquéritos um aspecto de ordem mais ou menos geral, que é a formalidade do tratamento, de que só escapa o informante de São Paulo, pois este trata o documentador de você. Todos os demais locutores adotam as formas cerimoniais o senhor, a senhora, chegando o do Rio de Janeiro a empregá-las na abstratização do plano do discurso, como no exemplo:

- (1) *Geralmente o s... a senhora recebe uma conta de que a senhora recebe por mês...*  
(NURC/RJ)

onde a indeterminação do sujeito expressa por a senhora se coloca no plano do não concreto, da hipótese, da generalização.

Note-se que em São Paulo, onde a descontração

foi maior, a considerar pelo tratamento você, predominou o uso de nós (75%) sobre a gente. No Rio, onde predominou o tratamento cerimonioso a senhora, há uma preferência, embora pouco significativa, pela forma a gente, o mesmo acontecendo com Porto Alegre, que tem 93% desse uso. O **corpus** não apresentou, pois, uma correlação entre a formalidade e a seleção de nós (como se esperaria do discurso formal) e a gente (previsível na fala informal, coloquial).

Para a indeterminação do sujeito constata-se ainda em São Paulo o uso de outras formas de expressão como se, você, o indivíduo, o sujeito, a pessoa, todo mundo, que podem alternar com nós e a gente, ficando por isso reduzido o número de ocorrências das duas últimas formas.

## II - O POSICIONAMENTO NO DISCURSO

O fato de o locutor se posicionar como EU ou como EU AMPLIADO parece decorrer em parte da condução do inquérito: perguntas dirigidas sobre o mundo objetivo podem levar a um desempenho com baixa ocorrência das formas eu e nós / a gente em conjunto, como é o caso do inquérito de Salvador (42 ocorrências de eu e 27 de nós / a gente em números absolutos) como se vê no Quadro 1. No caso do Rio e de Recife, por exemplo, as perguntas são dirigidas ao informante sobre as suas experiências de vida, e os dados indicam as mais altas participações do EU (184 e 181 ocorrências de eu, respectivamente) no total de inquéritos, ao lado dos menores números de nós e a gente (16 e 15, respectivamente), como se demonstra no Quadro 1.

Trata-se de um aspecto que diz respeito basicamente à análise do discurso e não à variação diatópica. Os percentuais indicados confirmam o que já se observou nos tra

balhos supra citados: a probabilidade de ocorrência de nós e a gente em diálogos é sempre inferior à de eu. Isso reduz os dados observáveis quando se trata das formas pronominais da ampliação do EU.

QUADRO 1 - O POSICIONAMENTO NO DISCURSO

FORMAS PRONOMINAIS \ INQUÉRITOS	INQUÉRITOS				
	SSA	POA	SP	RJ	RE
<u>nós</u> / <u>a gente</u>	27 (37,5%)	47 (25,8%)	24 (23,1%)	16 (8,0%)	15 (7,65%)
<u>eu</u>	42 (62,5%)	135 (74,2%)	80 (76,9%)	184 (92,0%)	181 (92,35%)

### III - OS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS

Foram apreendidos dez contextos que representam diferentes possibilidades sintáticas de expressar o EU AMPLIADO desde as formas pronominais ditas retas, passando pelas oblíquas, pelas formas preposicionadas e pelos possessivos, até as formas verbais que expressam morfologicamente a noção de pessoa. Verificou-se que a alternância nós / a gente não é uma alternância simétrica, na medida em que certos contextos são favorecidos pelo emprego de formas verbais em -mos. Sendo a forma verbal que se compatibiliza com a gente uma forma não-marcada, de morfema número-pessoal zero na maioria dos tempos verbais, a supressão do sujeito a gente só funciona em situações especiais.

Os dados quantitativos constam do Quadro 2:

QUADRO 2 - OS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS

FORMAS PRONOMINAIS \ CONTEXTOS	INQUÉRITOS									
	RE	SSA	RIO	SP	POA	RE	SSA	RIO	SP	POA
<u>nós</u> / <u>a gente</u>	6	18	6	9	1	6	7	3	9	1
Pronome explícito	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pronome implícito	3	9	3	9	2	3	-	2	2	10
<u>eu</u> + <u>α</u> - _____	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<u>que</u> (suj.) + - _____	2	1	-	2	-	-	-	-	-	-
<u>nosso</u> / <u>de a gente</u>	2	9	-	-	-	1	2	-	-	-
<u>nos</u> / <u>a gente</u>	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-
<u>nos</u> / <u>à</u> - <u>para a gente</u>	1	1	-	3	-	-	-	-	-	1
Explicativo	1	3	-	7	-	-	2	-	-	-
Imperativo	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Espec. + <u>nós</u> / <u>a gente</u>	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

Esses dados não permitem avaliar em sua totalidade de a assimetria da distribuição de uso de nós / a gente, mas o exame do próprio material lingüístico possibilitou uma proveitosa reflexão sobre cada contexto, que passamos a referir:

### 1 PRONOME EXPLÍCITO (SUJEITO)

- (2) ... antigamente nós colocávamos o dinheiro zinho no banco... (NURC/SSA).
- (3) Então é um dos maiores golpes que a gente vê aí, volta e meia um cara emite cheque, o cara vai ver lá, vai retirar. (NURC/POA).

As ocorrências arroladas mostram a evidência da alternância, mas seria necessário verificar o grau de probabilidade de ocorrência de ambas as formas, pois o fato de ser redundante a indicação de P4 (nós e -mos) certamente reduz o uso de nós explícito em relação a a gente.

### 2 PRONOME IMPLÍCITO (SUJEITO)

- (4) Eu era diretor do Instituto de Polícia Técnica e... apreendemos umas cédulas... (NURC/RE).
- (5) ... automóvel a gente compra, e às vezes consegue vender; quando vai comprar um novo, por um preço superior aquele que comprou... (NURC/RE).

Ocorrências como (4) mostram claramente a impossibilidade de comutar a gente com nós nesse contexto — a primeira oração de P4 depois de outra ou outras não P4.

- (6) \*Eu era diretor do I.P.T. e ... apreendeu umas cédulas...

Tal ocorrência seria, evidentemente, uma construção inaceitável

vel. Já (5) é a ocorrência ilustrativa do contexto que permite a supressão de a gente — orações que se seguem imediatamente a outra com pronome explícito.

### 3 EU + α SUJEITO COMPOSTO COM A INCLUSÃO DE EU EXPLÍCITO

- (7) Eu e outros colegas éramos professores do Liceu. (NURC/SP).

As duas únicas ocorrências no **corpus**, ambas no inquérito de São Paulo, ilustram a aplicação de uma das regras de concordância verbal do uso padrão, no qual só a forma de P4 está prevista para esse contexto — sujeito composto com a inclusão de eu explícito. Admitimos que a probabilidade de ocorrência de P3 nesse contexto é quase nula em falantes urbanos ditos cultos, mas não se pode descartar inteiramente a sua realização, freqüente em outros dialetos sociais.

### 4 QUE (SUJEITO) + - \_\_\_\_\_

- (8) ... nós, que trabalhávamos em... com estabelecimentos particulares... (NURC/SP).

### 5 NOSSO / DE A GENTE

- (9) Indiscutivelmente a nossa moeda estava, graças à inflação, desordenada. (NURC/SSA).
- (10) ... eles recebem o dinheiro da gente é, com extrema facilidade. (NURC/SP).

### 6 NOS / A GENTE (OBJETO DIRETO)

- (11) ... uma inflação que nos amedronta um pouco... (NURC/SSA).

7 NOS / À GENTE, PARA A GENTE

(12) ... porque a gente tem que guardar o dinheiro em algum lugar; começa que a Universidade já nos paga obrigatoriamente pelo Banco... (NURC/SP).

(13) ... então ela leva e dá um palpite para a gente, que a gente não tinha muita tarimba na coisa. (NURC/POA).

Os contextos arrolados como 4, 5, 6 e 7 apresentam a possibilidade de ocorrência das duas formas em confronto e, mesmo que não tenha ocorrido a contraparte a gente para os exemplos (8) e (11), é inteiramente aceitável o seu uso em seqüências do tipo

(14) ... a gente, que trabalha em... com estabelecimentos particulares...

(15) ... uma inflação que amedronta um pouco a gente...

mas certamente não se trata de um uso sistemático, como poderia sugerir a ocorrência (12) em que P3 verbo e P4 pronome alternam em seqüências muito próximas.

## 8 EXPLICATIVO

(16) Quando o indivíduo tem um provento anual, não é, fixo de um... de um... de um... de uma... eh... de um emprego fixo, vamos dizer, professor: ganha mil e oitocentos contos, não é? (NURC/RJ).

(17) ... os organismos empresariais, sobretudo, é que têm necessidade de ter relações, digamos, mais... mais constantes e... (NURC/SP).

Inseridas no discurso como recursos para o processo explicativo, o **corpus** apresentou nove ocorrências que se caracterizam pela presença do verbo dizer ou similar em formas de P4. Trata-se de formas lexicalizadas com o valor de explicativos — note-se a possibilidade de alternarem com isto é, por exemplo — e que perderam a sua função verbal<sup>3</sup>.

Tais formas não podem alternar com outras de P3: (a gente) vai dizer ou (a gente) diga.

## 9 IMPERATIVO

(18) Digo: "olha, vamos parar por aí". (NURC/POA).

Das ocorrências levantadas nos cinco inquéritos, quatro apresentam-se no de Porto Alegre, precisamente aquele em que o informante se revelou um falante característico do uso de a gente. Trata-se também, nesse caso do imperativo, de um uso de P4 que não mantém uma possível alternância com P3.

Para a interpretação inequívoca das formas de P4 em casos como (18) muito teria valido a audição dos inquéritos<sup>4</sup>. Na falta dessa possibilidade, entretanto, recorreu-se aos demais dados textuais disponíveis e verificou-se que em todos eles o valor de P4 correspondia a "Emissor + Receptor" e configurava uma proposta de participação na ação verbal.

10 ESPECIFICADOR + NÓS / A GENTE

(19) ... Todos nós (...) sabemos que não há governo... (NURC/SSA).

(20) E triste de nós se não fosse assim. (NURC/SSA).

As duas únicas ocorrências, no inquérito de Salvador, tiveram seu contexto definido como especificador + nós, em que o entendimento de especificador segue proposta de MATEUS (1986) para dados do português de acordo com o desenvolvimento que MILNER (1975, 1978) apresentou para essa categoria, englobando expressões quantitativas como todos e

afetivas como triste de. Essas construções não são, entretanto, simétricas quanto à alternância nós / a gente: se por um lado seria aceitável a seqüência triste da gente, a construção toda a gente corresponde a outro significado, que não inclui o EU.

Esta abordagem é preliminar e convida a outras investigações no **corpus** NURC ou em **corpora** programados para a observação da alternância nós / a gente.

#### IV - NÓS E A GENTE EM FUNÇÃO DE SUJEITO

Na análise das ocorrências em função de sujeito procurou-se observar como atuava a variável momento do discurso, confrontando os resultados apresentados por estes informantes H3 com os depreendidos dos informantes da mesma faixa nos D2 estudados anteriormente por ALBÁN e FREITAS (1981, 1985), quando de um certo modo se confirmou a hipótese de haver por parte dos falantes dessa faixa etária um pre conceito — que agia mais marcadamente no início dos inquêri tos — contra o uso da forma a gente.

Também para este estudo dividiram-se os textos em três partes aproximadamente iguais, tomando-se como referência o número de páginas datilografadas<sup>5</sup>. A variável momento do discurso, entretanto, não atuou significativamente no resultado desses inquêritos.

Segue-se a descrição dos resultados quantitativos em ordem decrescente do uso de nós, levando em consideração o momento do discurso. A leitura do Quadro 3 permite observar que em três dos inquêritos predominou o uso de nós sobre a gente. No inquêrito de Salvador o informante usa nós com exclusividade para representar o EU AMPLIADO. Apesar de o documentador usar alternadamente nós e a gente não se veri

ficou nenhuma interferência nesse sentido. No de São Paulo o informante empregou três vezes mais nós (75%) do que a gente, ocorrendo esta forma apenas nas duas últimas partes do texto. Já o informante de Recife usa nós em 73,3% das vezes em que opta pelo EU AMPLIADO contra 26,7% de a gente, sendo que esta forma ocorre uma única vez explicitamente, seguida, de imediato, de três ocorrências de uso implícito, logo na primeira parte do inquêrito, sem que se possa depreender um fator condicionante para esse uso. No inquêrito do Rio já não encontramos mais o predomínio de nós; em 56,25% das ocorrências do EU AMPLIADO o informante usa a gente, com maior concentração na segunda parte do discurso. Trata-se de um informante bastante formal, dirigindo-se sempre ao documentador com a senhora, que lhe retribui a cerimônia tratando-o de o senhor, como aliás estabelece a convenção social para pessoas da faixa etária 3. É de supor, portanto, que tivesse evitado o uso de a gente na primeira parte do diálogo. Finalmente, no inquêrito de Porto Alegre, um informante de 66 anos usou a gente em 93,6% dos casos contra 6,4% apenas de uso de nós (três ocorrências). Quanto a essas três ocorrências de nós, não parecem resultar de preconceito contra a forma a gente, uma vez que, embora duas delas tenham ocorrido na primeira parte do inquêrito, o fato de esta rem na página dez afasta qualquer influência do fator momento do discurso. Mas o que se observou de mais inesperado, além do fato de usar predominantemente a forma inovadora a gente — foi este exemplo único nos cinco inquêritos:

(21) Nós já tinha ido à aula. (NURC/POA)

que mostra na fala de um informante dito culto a inovação sintática que recentemente foi estudada por NARO et alii (1984).

QUADRO 3 - NÓS E A GENTE (SUJEITO)

INQUÉRITOS FORMAS PRONOMINAIS	SSA	SP	RE	RJ	POA
<u>nós</u>	27 (100%)	18 (75%)	11 (73,3%)	7 (43,75%)	3 (6,4%)
<u>a gente</u>	- ( 0% )	6 (25%)	4 (26,7%)	9 (56,25%)	44 (93,6%)

## V - CONCLUSÕES

Como se pode ver, a heterogeneidade dos resultados confirma a heterogeneidade observada no desenvolvimento dos inqueritos, apesar de terem em comum as variáveis faixa etária, sexo, tipo de elocução e tema do diálogo. Dos fatores que atuaram para essa heterogeneidade no que se refere ao uso de nós e a gente destacaram-se:

- . a condução do inquerito pelo documentador;
- . o posicionamento no discurso;
- . a competição de outras formas para expressar a indeterminação do sujeito.

Quanto à diversidade diatópica sugerida no trabalho pela própria seleção dos inqueritos estudados, há sobretudo dois desempenhos dignos de nota: o do locutor de Salvador, que se apresenta como o falante mais conservador do conjunto, e o de Porto Alegre, que, apesar de ser H3 de 66 anos, revelou um desempenho inovador no que se refere ao uso

de a gente, em contraposição à possível norma baiana. Estaremos então nos dois casos, Salvador e Porto Alegre, diante de fenômeno relacionado com a diatopia? O peso que estas observações podem apresentar vai depender de sua confirmação em outros corpóra.

## RÉSUMÉ

À partir d'un échantillon constitué par cinq enquêtes du type dialogue entre informateur et documentaliste, recueillies dans les villes brésiliennes concernées par le Projet NURC — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo et Porto Alegre —, l'attention est portée sur l'alternance entre les formes pronominales nós et a gente et on analyse les contextes linguistiques qui représentent les différentes possibilités syntaxiques de l'occurrence de ces formes et d'autres formes d'expression du JE AMPLIFIÉ.

## NOTAS

- \* Este trabalho, em sua primeira versão, foi apresentado ao I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil, (Salvador, UFBA/Instituto de Letras, 1986) e publicado nas ATAS do Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil, Salvador, UFBA/Instituto de Letras, 1986:147-154). A presente versão foi revista pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.
1. Projetado como uma iniciação didática à pesquisa lingüística, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, "Problemas de morfossintaxe no estudo de normas urbanas brasileiras", dele participaram quatro estudantes sob a orientação da Profa. Maria del Rosário Albán.
  2. São os seguintes os inqueritos: NURC/Recife, Inq. 010; NURC/Salvador, Inq. 120; NURC/Rio de Janeiro, Inq. 077; NURC/São Paulo, Inq. 250 e NURC/Porto Alegre, Inq. 259.

3. Na análise da conversação, essas formas se caracterizam como marcadores conversacionais e, como tais, vêm sendo analisadas em trabalhos posteriores a este.
4. Quando da realização deste trabalho, dispunha-se unicamente da transcrição grafemática dos inquiridos de Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.
5. Embora a transcrição de cada texto oferecesse número diferente de páginas, aplicou-se esse critério partindo do princípio de terem todos os inquiridos do tipo DID a mesma duração - 40 minutos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÁN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. *Eu, você et alia* em três diálogos. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980. Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n.6, p. 855-858, jun. 1981.
- \_\_\_\_\_. *Nós ou a gente?* In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 37, 1985. Belo Horizonte. *Estudos; Lingüísticos e Literários*. Salvador: UFBA/Inst. de Letras, n.5, p. 179-193, dez. 1986.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral* (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p. 247-259 e 277-283.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Morphosyntaxe des langues romanes*. Actes du XVII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Aix-en-Provence, 1983. Publications Université de Provence, 1986.
- NARO, Anthony *et alii*. Uma mudança lingüística em curso: a concordância com o sujeito *nós / a gente*. In: ENCONTRO SOBRE VARIAÇÃO EM SINTAXE, 1, 1983, Rio de Janeiro. *Variação na sintaxe do português*, Rio de Janeiro, p.28-52, ago. 1984.

#### O PROJETO NURC/SSA E O ENSINO DO 1º GRAU (DIALETO DO ALUNO E DESCRIÇÃO GRAMÁTICAL)\*

Judith Freitas  
Universidade Federal da Bahia

#### RESUMO

Após reflexões sobre a gramática que deve ser ensinada a alunos do 1º grau, chama-se a atenção para o distanciamento entre o elenco dos pronomes pessoais sujeito registrado em gramáticas pedagógicas e em livros destinados ao ensino da língua portuguesa e o depreendido a partir de um segmento do *corpus* do Projeto NURC/Salvador. Destaca-se a necessidade de estabelecer, com base em dados reais e adequados, o padrão que, por imposição social, deve ser o adotado na escola.

Um dos problemas no ensino da língua materna é o choque sofrido pelo aluno, especialmente o de 1º grau, quando não reconhece os fatos da gramática normativa que lhe é ensinada, por não corresponderem, em muitos itens, à gramática presente em seu dialeto. Para que não se crie um impasse, o professor necessita conhecer bem a gramática pedagógica, sendo capaz de analisá-la criticamente, para saber selecionar o conteúdo adequado ao ensino além de dominar o dialeto que pretende ensinar. Outro elemento a observar é o dialeto falado pelos alunos.

As considerações que se seguem têm por objetivo levar o professor a refletir sobre o ensino da gramática em alguns de seus aspectos.

## I - CONSIDERAÇÕES SOBRE A GRAMÁTICA QUE DEVE SER ENSINADA

Na busca da teoria gramatical adequada aos objetivos do ensino do 1º grau, deverão ser levados em conta aspectos diversos dessa teoria, que deve ser examinada:

- . do ponto de vista da descrição selecionada;
- . do ponto de vista da coerência e exatidão da teoria e
- . do ponto de vista da seleção do **corpus** tomado como base para a descrição.

### 1 DO PONTO DE VISTA DA DESCRIÇÃO SELECIONADA

O ensino da gramática em todo o 1º e 2º grau vem sofrendo, se não reformulação, pelo menos definição mais clara de seus objetivos.

Sob influência da teoria lingüística que considera cada dialeto (mesmo em suas variações diastráticas ou diatópicas) como um meio de interação completo e eficiente, passou a escola — ou pelo menos a parte dela que, bem ou mal, é atingida por novas idéias — a não interferir na forma de língua usada pelo aluno.

Em etapa posterior procurou-se associar a perspectiva lingüística à função social da escola. Admitindo-se que é sua tarefa tornar aquele que a frequenta participante dos bens culturais e materiais do grupo em que vive, não se pode esquecer que esta delimitação de cultura é estabelecida pela classe social dominante e, conseqüentemente, terá por base os seus usos, costumes, convenções, entre os quais está a língua. Portanto, não participação significa exclusão.

Do ponto de vista dos professores de Português que lecionam nestes graus iniciais, o problema poderia ser assim formulado:

O professor de Português estaria em face a um dos conflitos com que convive em seu dia-a-dia: em decorrência de sua formação lingüística, vê, no dialeto estigmatizado, apenas uma forma de língua não coincidente com a oficialmente consagrada. O respeito ao meio de expressão de um dado grupo poderia levá-lo a não interferir.

Mas os indivíduos vivem em sociedade e buscam, na escola, um veículo de integração. Quem não participar do dialeto padrão culto sofrerá discriminações que poderão ir além do ridículo, chegando a ser empecilho para o acesso profissional ou para uma efetiva integração social. (FREITAS, 1978).

Para o estabelecimento da modalidade de gramática a ser ensinada no 1º e 2º grau estudiosos de Lingüística e sociolingüistas vieram a se pronunciar. Defendendo o conhecimento de diversas variedades de linguagem — para os portadores de dialeto estrático discriminado — e seu emprego adequado, assim se manifestou HEAD (1967):

*Deste aspecto das línguas decorrem várias conseqüências para o problema de correção da linguagem. Não se devem condenar categoricamente como "incorretas" certas formas ou estruturas que os alunos possam empregar: se as empregam, é sinal de sua existência e utilidade para a comunicação, pelo menos em certas situações. Tal processo de ensinar a "correção" deve considerar-se contraproducente: tende a inibir o desenvolvimento da expressão verbal, e pode tornar artificial, aos olhos do aluno, a instrução sobre o vernáculo, na medida em que esta não corresponde à própria experiência verbal lingüística. É mais eficaz cultivar a competência comunicativa, estimulando a capacidade de reconhecer diversas variedades de linguagem e empregar as mesmas de uma forma adequada, de acordo com a situação e os fins do ato da fala.*

LEMLE (1984) também se pronuncia sobre a questão, dizendo:

A meta educacional será a de conduzir o educando a uma atitude relativista na avaliação das produções lingüísticas. A essência desta atitude é a capacidade de perceber a adequação de uma ou outra variedade dialetal ao ato de comunicação em curso.

Uma diretriz prática, visando a orientar docentes do 1º grau, parte de GERALDI (1982) que afirma:

*Como saída prática, nos parece que cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar a seus alunos o domínio de uma outra forma de falar (a padrão) sem que isto signifique a depreciação ou abandono da forma de falar de seu grupo social.*

Nesse mesmo artigo, esse A. cita, endossando, considerações mais incisivas sobre o assunto, feitas por GNERRE (1978):

*A começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder.*

O pensamento de GNERRE (1985) vem assim explicitado:

*Assim como o estado e o poder são apresentados como entidades superiores e "neutras", também o código aceito "oficialmente" pelo poder é apontado como neutro e superior, e todos os cidadãos têm que produzi-lo e entendê-lo nas relações com o poder.*

*Os cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida.*

Reflexões e pronunciamentos, na verdade, apresentam uma definição da gramática a ser ensinada no 1º e 2º grau (a normativa, pedagógica ou como se queira chamar) e seus objetivos: tornar o aluno apto a utilizar o dialeto pa

*Estudos* (11): 117-132, ago. 1991

drão culto (se já não o utiliza), pois:

*A outra opção seria deixar que os alunos conservassem seu dialeto de origem, para que, posteriormente, os portadores de dialetos estráticos discriminados reivindicassem o direito de expressão através dos meses. Haveria o risco de, no fim do curso, o aluno estar diante de um fato consumado e seu direito de opção ter sido exercido pelo professor. (FREITAS, 1979).*

A forma de fazê-lo deve ser sempre regida pelo princípio de respeito ao dialeto do aluno (principalmente se ele não utiliza o padrão dito culto) para que sua forma de expressão não torne ainda mais penosa a sua trajetória pela escola, uma aventura no mundo da cultura da classe dominante.

Faz-se necessário, como diz ROSSI (1980):

*... no mínimo, que essa necessidade [a de adquirir o domínio da língua padrão] seja reconhecida como o que de fato é: consequência injusta, por discriminatória, de uma típica relação de dominação. Esse reconhecimento é o passo primeiro, a condição sine qua non, para uma política lingüística no Brasil que se possa considerar realmente democrática.*

## 2 DO PONTO DE VISTA DA COERÊNCIA E EXATIDÃO DA DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Incoerências da descrição gramatical, quer pela conservação indevida dos modelos greco-latinos ou mesmo de épocas posteriores, mas já não aplicáveis à etapa atual da língua, quer por inúmeros outros motivos, figuram entre as causas da dificuldade de acesso do aluno do 1º grau à aprendizagem da gramática. Esta questão, no entanto, não será o objeto deste estudo<sup>1</sup>.

### 3 DO PONTO DE VISTA DA SELEÇÃO DO CORPUS TOMADO COMO BASE PARA A DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Pode já haver consenso sobre a forma de língua a transmitir no ensino do 1º e 2º grau. Mas quais as fontes da descrição deste dialeto? Como falam os indivíduos ditos cultos? De que fontes dispõem os professores para basear o seu ensino?

#### II - O CORPUS UTILIZADO PARA A DESCRIÇÃO GRAMATICAL

O exame da divergência entre o dialeto do aluno de 1º grau (5ª a 8ª séries) de Salvador e muitos dos fatos gramaticais que lhe são apresentados pelas gramáticas e principalmente por livros didáticos quando tratam do ensino da gramática será objeto de reflexão nesta segunda parte do trabalho, em especial no que se refere aos pronomes pessoais sujeito.

Os dados aqui utilizados foram tomados a três diferentes fontes: o dialeto, em registro coloquial, do aluno de 5ª a 8ª séries, obtido através da observação direta e assistemática; gramáticas normativas e livros didáticos de tendências variadas e mais um trabalho de análise de fragmentos do corpus do Projeto NURC/SSA<sup>2</sup>.

#### 1 FONTES DA DESCRIÇÃO DA NORMA URBANA CULTA

##### 1.1 AS GRAMÁTICAS

O usuário da língua portuguesa, para resolver as dúvidas que lhe surgem no uso do seu instrumento de ex-

pressão, geralmente de referência à modalidade escrita, recorre às gramáticas, tentando esclarecer-se. O corpus em que se baseia a descrição das gramáticas normativas caracteriza-se por ser:

- . tomado a textos escritos, o que pode ser adequado se o esclarecimento buscado for oriundo de dúvida no momento de escrever;
- . abonado, muitas vezes, com exemplos de textos que já não correspondem ao estágio atual da língua;
- . inadequado, muitas vezes, como modelo para a modalidade oral de linguagem e
- . inadequado por privilegiar sobretudo o registro formal, desconhecendo outros usos.

Na verdade, há gramáticas e gramáticas, e as características mencionadas variam de uma para outra, a depender dos objetivos e convicções de seu autor, mas mesmo as melhores não fogem a todas as características mencionadas.

CUNHA (1985) em sua constante preocupação com os rumos dos estudos sobre a língua portuguesa, assim se expressa:

*Para o Brasil, a língua portuguesa foi trazida em duas modalidades. A modalidade escrita continuou a seguir padrões determinados, tanto assim que, logo no primeiro século, um poeta de língua espanhola e apreciável humanista, o Padre José de Anchieta, pôde também escrever poemas edificantes, cartas e sermões em português, obediente a normas que vigoravam na língua literária do tempo.*

*É essa língua literária, observada em sua morosa evolução, que, bem ou mal, tem sido descrita pelas gramáticas do idioma.*

##### 1.2 O PROJETO NURC

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urba-

na Culta no Brasil / Salvador visa ao estabelecimento, com base em um **corpus** de 307 horas de gravação, distribuído por três categorias de texto (elocuições formais, diálogos entre dois locutores e diálogo entre locutor e documentador), num total de 360 gravações feitas com 461 locutores, dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pela estrato social considerado culto na cidade do Salvador.

Alguns objetivos deste Projeto, formalmente aprovados na VI Reunião Nacional em Porto Alegre (1973) são os seguintes:

- . Ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade lingüística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do país.
- . Basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados lingüísticos cientificamente estabelecidos.
- . Conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos lingüísticos inoperantes.

## 2 DESCRIÇÃO GRAMATICAL DOS PRONOMES PESSOAIS SUJEITO

A depender da fonte que se busque, pode-se chegar a diferentes elencos dos pronomes pessoais-sujeito. Estes figuram sistematizados nas gramáticas, fontes dos livros didáticos, e é com eles que o aluno entra em contacto em suas aulas de português. Nos mesmos livros didáticos, os pronomes integram os textos, por vezes de forma não inteiramente concordante com a descrição gramatical que o acompanha.

### 2.1 REGISTRO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Foram examinados quatro livros didáticos, como se vê a seguir. Os dois primeiros foram escolhidos por serem muito adotados em Salvador e os outros dois pelo trato especial que dão a fatos de língua. Desses, será identificado apenas o último.

. Livro A - 5ª série.

O elenco dos pronomes pessoais-sujeito é apresentado em forma de quadro:

	SINGULAR	PLURAL
QUEM FALA (1ª pessoa)	<u>eu</u>	<u>nós</u>
QUEM OUVI (2ª pessoa)	<u>tu</u>	<u>vós</u>
DE QUEM SE FALA (3ª pessoa)	<u>ele, ela</u>	<u>eles, elas</u>

Neste livro, vem mencionada a forma ocê como pronome de tratamento, usado no tratamento familiar e assim definido: "Pronomes de tratamento são pronomes pessoais usados no trato cortês e cerimonioso das pessoas".

Ele também apresenta a conjugação de verbos, como, por exemplo, cantar, assim registrada: "eu canto / tu cantas / ele canta / nós cantamos / vós cantais / eles cantam", aliás exatamente de acordo com a tradição gramatical.

. Livro B - 5ª série.

Livro em que predominam exercícios sem posterior sistematização, nele se encontra esta menção: "Veja o

quadro dos pronomes pessoais caso reto : eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas)". Exercícios complementares usam estas formas e também ocê: "Se eu cuidar.../Se tu cuidares.../Se ocê cuidar.../ Se ele cuidar.../ Se nós cuidarmos.../ Se vós cuidardes.../ Se ocês cuidarem.../ Se eles cuidarem...", sem comentários.

Outra menção ao pronome ocê surge apenas ao serem mencionados os pronomes de tratamento, quando é dado como usado no "tratamento familiar".

#### . Livro C - 5ª série.

Este A. registra as formas ocê e ocês precedidas da seguinte observação:

*OS PRONOMES DE TRATAMENTO são usados em lugar dos pronomes retos da 2ª pessoa (pessoa com quem falamos). Eis os mais comuns, de acordo com o grau de cerimônia que temos com quem falamos: ocê, ocês, ...*

Também faz menção ao pronome a gente, em forma de observação:

*O pronome nós é frequentemente substituído em linguagem familiar pela forma de tratamento a gente, que leva o verbo à 3ª pessoa do singular.*

Ainda assim, quando menciona sistematicamente os pronomes pessoais, inclui apenas as formas tradicionalmente arroladas: eu, tu, ele, nós, vós, eles; da mesma forma procede quando registra a conjugação dos paradigmas verbais: "Eu falo, tu falas, ele fala, nós falamos, vós falais, eles falam".

Apesar da clara percepção do elenco dos pronomes pessoais em uso, independente do grau de formalidade da fala, o A. prefere manter-se dentro da tradição das gramáticas normativas quando sistematiza o assunto.

#### . Livro D - 7ª série - SOARES (1982)

Você assim é comentado:

*Inclui-se ocê no quadro dos pronomes pessoais sujeito como pronome de 2ª pessoa; também nos volumes 5 e 6, no estudo dos pronomes pessoais e de flexões verbais, ocê foi considerado pronome de 2ª pessoa, pois assim é empregado em quase todo o país. Seria desconhecer a realidade linguística brasileira insistir-se em classificar ocê como pronome de tratamento, que já não é. As modernas gramáticas brasileiras já reconhecem, no pronome ocê, um pronome de 2ª pessoa: veja-se, por exemplo, Celso Cunha. Gramática de Base, Rio de Janeiro, FENAME, 1978. p. 172-3.*

Coerentemente com a observação registrada, o paradigma para a conjugação verbal inclui, quando menciona a 2ª pessoa do singular ou do plural, os pronomes pessoais sujeito seguidos das formas verbais: "tu falas / ocê fala ou vós falais / ocês falam". Tradição e uso atual foram objeto de registro sistemático.

Observe-se que este foi o único livro didático, pelo menos dentre os examinados, que assim procedeu.

#### 2.2 ALGUNS RESULTADOS DO PROJETO NURC/SALVADOR

No mencionado estudo sobre os pronomes pessoais sujeito foi levantado o seguinte elenco de formas utilizadas por seis locutores, em textos dialogados<sup>3</sup>. O conteúdo destes pronomes foi definido segundo a teoria de BENVENISTE (1976)<sup>4</sup>.

CONTEÚDO	EXPRESSÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS
E U	<u>eu</u>	914
N Ã O - E U	<u>você</u> , <u>vocês</u>	116
	( <u>tu</u> )	10
	<u>o senhor</u> , <u>a senhora</u>	13
	<u>as senhorinhas</u>	1
	<u>as senhoritas</u>	1
E U AMPLIADO	<u>nós</u>	125
	<u>a gente</u>	114

OBS: Como este estudo referia-se à categoria de pessoa, a chamada 3ª pessoa, considerada a não-pessoa, foi excluída.

Nesse quadro, o NÃO-EU é representado pelas formas você e vocês com cento e dezesseis ocorrências, enquanto que a forma tu, outra possibilidade de concretização do mesmo conteúdo, só aparece implícita e em forma verbal de imperativo — olha<sup>5</sup> — com evidente valor fático. Todas as suas dez ocorrências localizam-se em informantes da faixa etária 3.

A forma a gente foi registrada cento e quatorze vezes, ao lado de nós, com cento e vinte e cinco ocorrências, ambas como expressão do EU AMPLIADO.

Por conseguinte, constatou-se o uso quase absoluto de você para expressar o NÃO-EU, e o uso equilibrado de nós e de a gente no momento de representar o EU AMPLIADO, quando os dados são examinados globalmente.

### III - CONCLUSÃO

Comparando as formas do pronome pessoal sujeito utilizadas pelos alunos de 5ª e 6ª séries (eu, você, ele / ela, nós / a gente, vocês, eles / elas), com o elenco dos pronomes registrados nos livros didáticos, pode-se concluir que o aluno, ainda utilizando preferencialmente a língua em sua forma dialogada, geralmente relacionada com um menor grau de formalidade, terá dificuldade de reconhecer, no elenco das formas dos pronomes pessoais sujeito neles apresentadas, as mesmas da língua por ele utilizada, mesmo se tendo presente que a primeira é proveniente da linguagem oral e a segunda uma sistematização a partir de textos escritos, já que isso não vem explicitado nos livros didáticos em geral.

A presença de duas formas que ele não usa (tu e vós) e a ausência de outras utilizadas (você, vocês, a gente), acrescida das peculiaridades da concordância, podem dar-lhe a impressão de que a gramática não é uma descrição da língua por ele utilizada.

Ao realizar a comparação entre as formas de pronome pessoal sujeito usadas pelos alunos e as usadas por falantes da norma urbana culta (informantes do Projeto NURC/SSA), vê-se que o dialeto do aluno não se distancia do almejado padrão culto neste aspecto, embora esta impressão lhe seja dada — a de que a fala do aluno pouco tem a ver com a gramática de sua língua — pela descrição gramatical que lhe é apresentada.

Sem uma descrição do padrão que se quer ensinar, com base em dados reais e adequados, o ensino da gramática tornou-se ilógico e contraditório, tornando muito penosa a sua assimilação, já que não ousaria dizer aprendido.

E o que resta de positivo para o aluno?

## RESUMÉ

Après certaines réflexions portant sur la grammaire qui doit être enseignée aux élèves du premier degré, cette étude attire l'attention sur l'écart existant entre l'inventaire des pronoms personnels sujet proposé par les grammaires pédagogiques et les livres destinés à l'enseignement de la langue portugaise et celui dégagé à partir d'un segment du corpus du Projet NURC/Salvador. Fondé sur des données réelles et adéquates, on met en relief le besoin d'établir le modèle qui, par imposition sociale, doit être adopté à l'école.

## NOTAS

- \* Este trabalho, em sua primeira versão, foi apresentado ao IX Simpósio de Estudos e Pesquisa em Educação, Salvador: FAGED/UFBA, dez. de 1985 e publicado no *Boletim* n. 3, v.3 desta mesma instituição, abr-jul. 1988. p. 49-67. A presente versão foi revisada pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos*.
1. A coerência e a exatidão da descrição gramatical vem sendo estudada por PERINI (Cf. Referências Bibliográficas).
  2. "Eu, você et alia em três diálogos" de ALBÁN e FREITAS (1980) que faz uma abordagem inicial dos pronomes pessoais sujeito em Salvador, também publicado neste número de *Estudos*: lingüísticos e literários.
  3. O segmento do *corpus* utilizado é constituído por três inquéritos: os de número 156, 208 e 234, do tipo diálogo entre dois informantes (D2), sendo um homem da faixa etária 3 (mais de 55 anos) e um homem da faixa etária 1 (de 25 a 35 anos).
  4. Essa teoria estabelece que a categoria de pessoa só abrange os participantes do diálogo — considerados o EU e o NÃO-EU —, identificando-se como a NÃO-PESSOA o que não é emissor nem receptor, isto é, a chamada 3ª pessoa do discurso. A 1ª pessoa do plural é tida como manifestação do EU AMPLIADO, ou seja, um EU ao qual é somado ou o

NÃO-EU ou a NÃO-PESSOA ou ambos. A PESSOA, no plural, não expressa multiplicação, apresentando-se ampliada e difusa.

5. As formas de imperativo com valor fático são classificadas pela análise da conversação como marcadores conversacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÁN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. *Eu, você et alia em três diálogos*. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980. Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n. 6, p. 855-858, jun. 1981.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p. 247-259 e 277-283.
- CUNHA, Celso. *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 24.
- FREITAS, Judith. Orientação para uma etapa do ensino da ortografia. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2, 1978. Salvador: UFBA/Faculdade de Educação, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Ortografia gramatical: concordância em número*. Salvador: UFBA, 1979. p. 27. Dissertação de Mestrado em Letras, programa de Pós-Graduação.
- GERALDI, J. Wanderley. Possíveis alternativas para o ensino de língua portuguesa. *Ande*, São Paulo, n.4, p. 54, 1982.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem e poder: subsídios à proposta curricular de língua portuguesa*. São Paulo: Secretaria de Educação, 1978. v.4.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 6 e 7.
- HEAD, Brian. A teoria da linguagem e o ensino do vernáculo. *Revista Vozes*, Petrópolis, Vozes, n.5, p. 66, 1967.
- LEMLE, Mirian. *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984. p. 87.

PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 1985.

ROSSI, Nelson. A realidade lingüística brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: USP, n. 22, p. 37, 1980.

SOARES, Magda. *Novo português através de textos*. Livro do professor. São Paulo: Abril, 1982.

## OS PRONOMES PESSOAIS NA NORMA CULTA E NOS TEXTOS PEDAGÓGICOS\*

Judith Freitas  
Universidade Federal da Bahia

### R E S U M O

Estabelece-se em textos dialogais de falantes das cinco cidades brasileiras em que se desenvolve o Projeto NURC — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — a preferência pelo uso das formas de expressão tu e/ou você para a pessoa NÃO-EU e nós e/ou a gente para o EU AMPLIADO e confronta-se com o inadequado elenco de pronomes pessoais contido na prescrição normativa.

1 A partir do exame de textos dialogados registrados nas cinco cidades brasileiras integrantes do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC)<sup>1</sup>, procura-se constatar a distribuição geográfica da preferência de uso, pelo falante considerado culto, de formas que representam a categoria de pessoa — os pronomes pessoais sujeito tu / você e nós / a gente. A seguir, faz-se um confronto com o elenco das formas pronominais pessoais apresentado em livros didáticos de Português para o 1º grau, da 5ª à 8ª séries, analisando a sua adequação.

Como amostra da norma culta foi utilizado o segmento então disponível do **corpus** do Projeto NURC, constituído de cinco inquéritos do tipo diálogo entre dois informantes (D2) do sexo masculino, com idade entre 36 e 55 anos (H2), que versam sobre o mesmo tema: "Transportes e viagens. Meios de comunicação e difusão. Cinema, televisão, rádio, teatro".<sup>2</sup>

Com dez informantes da mesma faixa etária, do mesmo sexo, participando de um mesmo tipo de texto e falando sobre o mesmo tema, o **corpus** deste trabalho prestigia a variável geográfica pela diversidade de procedência de seus informantes: dois de cada uma das cidades integrantes do Projeto. As variáveis sexo, faixa etária, grau de instrução e naturalidade foram, portanto, neutralizadas.

Os resultados deste estudo têm seus limites fixados pela exigüidade do segmento de **corpus** analisado e pelo fato de se haver podido dispor apenas do registro magnetofônico do inquérito de Salvador, tendo-se trabalhado exclusivamente com a transcrição grafemática dos demais.

## 2 PREFERÊNCIA DO LOCUTOR

O levantamento da preferência de uso de tu e/ou você e nós e/ou a gente por parte de dez informantes naturais das cinco cidades em que se executa o Projeto NURC permite explorar a distribuição geográfica dessas formas pronominais, para o que contribui o fato de as variáveis sexo, faixa etária e grau de instrução dos informantes terem sido neutralizadas.

### 2.1 TU E VOCÊ

A forma pronominal tu, explícita, não foi documentada nos informantes de Recife, Salvador, Rio e São Paulo, tendo tido, entretanto, ocorrência quase absoluta nos dois informantes de Porto Alegre. Em Salvador ela não se registra sequer implícita.

Quanto a você, à exceção de Porto Alegre, é forma que predomina nas outras quatro cidades, sendo exclusiva em Salvador.

O quadro a seguir reúne ocorrências das formas

pronominais tu e você, quer explícitas, quer implícitas, nas cinco cidades objeto de exame.

QUADRO I - TU E VOCÊ NAS CINCO CIDADES: FORMAS EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS

PRONOMES PESSOAIS SUJEITO	RE		SSA		RJ		SP		POA	
	INF.		INF.		INF.		INF.		INF.	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
<u>tu</u>	EXPLÍCITO	-	-	-	-	-	-	-	26	9
	IMPLÍCITO	13	3	-	-	2	5	4	9	-
<u>você</u>	EXPLÍCITO	58	88	89	96	34	75	7	1	-
	IMPLÍCITO	27	14	20	30	3	10	38	-	-

As ocorrências implícitas do pronome tu dos inquéritos de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo merecem alguma atenção. Todas elas são depreensíveis de formas verbais de imperativo, claramente fáticas, como em

*Escuta, em Paris a... o número de missas negras... (RE, Inf. 1)*

e, ainda do mesmo informante, em

*X, olha X, o Brasil havia erradicado...*

Apesar de não se ter registrado o tu explicitamente junto a formas do tipo escuta, olha nos citados inquéritos, essa forma pronominal foi considerada implícita conforme determina a tradição gramatical.

Em Recife, ao lado da forma olha documenta-se também olhe, como em

*Olhe, quando eu falei que não gostava de comunicação... (Inf. 1),*

sendo que para essa segunda forma verbal foi considerado implícito o pronome você, ainda segundo a tradição gramatical.

No Rio de Janeiro, apesar de não se ter registrado aos seus dois informantes o pronome tu explícito, é interessante observar a presença da forma átona te, documentada treze vezes, muitas delas no mesmo segmento em que aparece você, em seqüências do tipo

*Você quer que eu te sirva? (Inf. 2).*

*Olha, eu vou te dar um aumento... Mas eu preciso que você chegue às oito e meia. (Inf. 1),*

tendo a forma átona lhe ocorrido apenas uma vez:

*Não, eu lhe levo lá. (Inf. 2).*

O texto gravado em São Paulo apresenta algumas peculiaridades, uma das quais a de o informante 2 não utilizar uma única vez formas dirigidas ao receptor, quer os pronomes tu e/ou você explícitos, quer implícitos. Quanto ao informante 1, ao se dirigir ao seu receptor usou a forma verbal olha por quatro vezes; ao lado disso, sete vezes empregou o você explícito e nas trinta e oito realizações restantes usou o você implícito, sendo que a forma verbal enunciada foi entendeu?, em função fática, possível de comutar com entendeste?, no caso não realizada.

Nos dois informantes gaúchos, o uso de tu é quase exclusivo, só havendo uma ocorrência de você:

*Você é mais cinemeiro do que eu. (Inf. 1).*

As ocorrências da forma tu se apresentam segundo a discriminação no Quadro II.

QUADRO II - TU EM COMBINAÇÃO COM FORMAS VERBAIS DE 2ª E 3ª PESSOAS EM PORTO ALEGRE

PRONOME + VERBO	I N F O R M A N T E S		TOTALS
	1	2	
<u>tu</u> + 2ª pessoa	13	6	19
( <u>tu</u> )* + 2ª pessoa	7	-	7
<u>tu</u> + 3ª pessoa	11	3	14
( <u>tu</u> )* + 3ª pessoa	4	-	4

\* O parênteses indica ser a forma pronominal implícita.

O pronome tu aparece explícito em trinta e três das ocorrências, combinado em dezenove delas com a forma verbal de 2ª pessoa, como em:

*... não sei se tu chegaste a ver. (Inf. 2)*

*E se tu fores pro Uruguai... (Inf. 1)*

e, nas quatorze restantes, com as formas verbais da chamada 3ª pessoa:

*Isso tu pode falar melhor do que eu. (Inf. 1)*

*Tu não tem, eu sei que tu não tem... (Inf. 2).*

Quando figuram formas verbais referentes ao receptor desacompanhadas do pronome pessoal sujeito (e aparecem sete de 2ª pessoa e quatro de 3ª), com base no total de ocorrências de tu (33), comparado com o de você (1), e na possibilidade já concretizada muitas vezes neste diálogo de

o pronome tu vir acompanhado de uma forma verbal de 3ª pessoa, computou-se como implícita a forma tu.

Observando-se os dados globais, que no Quadro III se apresentam, pode-se dividir em dois grupos as cidades brasileiras participantes do Projeto NURC, considerando-se a sua preferência de uso por tu ou você:

. Recife, Salvador, Rio e São Paulo, que selecionam preferentemente você com índice que varia entre 91,8% e 100%.

. Porto Alegre, onde a forma você ocorre uma única vez, sendo os outros contextos em que cabe um pronome representando o receptor preenchidos por tu, com um percentual de 97,8%.

A área geográfica de uso de tu ou de você mostra-se, assim, claramente delimitada: Recife, Salvador, Rio e São Paulo, com o uso de você, podem constituir uma área inovadora, enquanto que Porto Alegre, mantendo o tu, pode ser considerada conservadora, apesar de que a concordância que por vezes utiliza, como ficou visto, para esta forma — tu + 3ª pess. sing.) — se revela francamente inovadora.

QUADRO III - TU E VOCÊ NAS CINCO CIDADES: SÍNTESE

PRONOMES PESSOAIS SUJEITO	RE	SSA	RJ	SP	POA	TOTAIS
<u>tu</u>	16 7,9%	- -	07 5,4%	04 8,2%	44 97,8%	71 10,6%
<u>você</u>	187 92,1%	244 100,0%	122 94,6%	45 91,8%	1 2,2%	599 89,4%

## 2.2 NÓS E A GENTE

Em relação às formas pronominais nós e a gente a preferência dos dez informantes representativos das cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, reunidos dois a dois em diálogos informais, manifestou-se como registra o quadro que se segue.

QUADRO IV - NÓS E A GENTE NAS CINCO CIDADES: FORMAS EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS

PRONOMES PESSOAIS SUJEITO	RE		SSA		RJ		SP		POA		
	INF.		INF.		INF.		INF.		INF.		
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	
<u>nós</u>	EXPLÍCITO	13	7	27	17	11	15	8	15	21	8
	IMPLÍCITO	6	-	17	5	12	27	9	7	16	5
<u>a gente</u>	EXPLÍCITO	19	4	3	20	7	19	11	21	39	35
	IMPLÍCITO	-	3	-	5	-	2	-	-	1	3

Em Recife, coincidentemente, cada informante emprega igual número de vezes as formas nós e a gente: o informante 1, que usa nós dezenove vezes, também usa a gente em igual proporção; o mesmo acontece com o informante 2, com um número mais baixo de ocorrências. Em Salvador, o informante 2 seleciona um pouco mais a forma a gente, ao contrário do informante 1 que revela marcada preferência pelo nós. Já no Rio de Janeiro, ambos os informantes selecionam majoritariamente a forma nós, embora não a utilizem com exclusividade. Os dois informantes de São Paulo preferem, embora com pequena margem de diferença, a forma nós. Só em Por

Estudos (11): 133-145, ago. 1991

to Alegre, a forma a gente foi a preferida pelos dois informantes, apesar de esta escolha só ser algo marcante no informante 2. Assim sendo, apenas três informantes manifestam preferência pela forma a gente e só no informante 2 de Porto Alegre esta diferença é significativa.

Cabe observar o pequeno número de ocorrências de a gente como forma implícita, possivelmente pela impossibilidade de identificar este pronome se ele não vier próximo à forma verbal a que se relaciona.

Examinando os números globais das cinco cidades, vamos encontrar os seguintes resultados:

QUADRO V - NÓS E A GENTE NAS CINCO CIDADES: SÍNTESE

PRONOMES PESSOAIS SUJEITO	RE	SSA	RJ	SP	POA	TOTAIS
<u>nós</u>	26 50%	66 70%	65 69%	39 55%	50 39%	246 56%
<u>a gente</u>	26 50%	28 30%	28 31%	32 45%	78 61%	192 44%

Tomando o número total de ocorrências por cidade, a maior percentagem de ocorrências de nós está em Salvador (70%) e a menor em Porto Alegre (39%). Inversamente, o menor percentual de ocorrências de a gente está em Salvador (30%) e o maior em Porto Alegre (61%).

Em gradação decrescente, Salvador, Rio e São Paulo apresentam, nestes informantes, maior incidência de nós, Recife manteve equilíbrio exato entre essas duas formas

pronominais e só Porto Alegre globalmente apresentou preferência por a gente.

### 3 TU / VOCÊ E NÓS / A GENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS

Foram examinados cinco livros didáticos de Português, da 5ª à 8ª séries do 1º grau, dos quais só será citada nominalmente aquele que traz inovações na sistematização do assunto gramatical ora tratado.

Como resultado deste exame, obteve-se, de quatro dos cinco livros, o elenco dos pronomes pessoais sujeito que se segue, aliás idêntico ao que se encontra nas gramáticas normativas.

	singular	plural
1ª pessoa	<u>eu</u>	<u>nós</u>
2ª pessoa	<u>tu</u>	<u>vós</u>
3ª pessoa	<u>ele, ela</u>	<u>eles, elas</u>

O mesmo elenco de pronomes se depreende quando esses livros apresentam a conjugação verbal, como, por exemplo, a do verbo cantar: "Eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam", também dentro da tradição gramatical.

Destes cinco livros, quatro não mencionam o pronome pessoal sujeito a gente em sua sistematização gramatical e o quinto só o faz em nota, classificando-o como "forma de tratamento".

Também você, em quatro dos livros, só é mencionado entre os pronomes de tratamento, ao lado de o senhor, a senhora e outros e definido como de uso na "linguagem familiar" ou "cortês e cerimoniosa". Um destes livros até registra que estes pronomes — você e vocês — são usados "em lu-

gar dos pronomes retos de 2ª pessoa".

No quinto livro (SOARES, 1982), define-se claramente a classe da forma você, que alterna com tu no rol dos pronomes pessoais e na conjugação dos verbos e registra-se também a concordância de uso, explicitando os fundamentos para esta posição no Livro do professor:

*Você foi considerado pronome de 2ª pessoa pois assim é empregado em quase todo o país; seria desconhecer a realidade linguística brasileira insistir-se em classificar você como pronome de tratamento, que já não é, e negar-se a reconhecê-lo como o pronome de 2ª pessoa mais amplamente usado no Brasil. As modernas gramáticas brasileiras reconhecem este fato. Veja-se, por exemplo, Celso Cunha, Gramática de Base (Rio de Janeiro, FENAME, 1973, p.172-173).*

Coerentemente com a observação registrada, o paradigma para a conjugação verbal inclui, quando menciona a 2ª pessoa do singular ou do plural, as formas você / vocês: "... tu falas / você fala... vós falais / vocês falam". Tradução e uso atual foram objeto de registro sistemático. Este foi o único, dentre os livros didáticos examinados, a assim proceder.

Mas o uso atual se impõe. Um dos livros que não inclui você no inventário dos pronomes pessoais o faz nos exercícios: um deles pede que este pronome seja sublinhado em frases propostas para identificação do pronome pessoal sujeito. Outro, na conjugação dos verbos irregulares, assim põe o imperativo: "Sê tu, seja você, sejamos nós, se de vós, sejam vocês". Que interpretação pode ser dada a esta última formulação?

Ao lado disso, como não podia deixar de ser, as formas você e a gente estão presentes nos textos literários ou informativos dos livros didáticos.

Ausentes da sistematização gramatical, os pro-

nomes pessoais você e a gente começam a aparecer, a despeito dos autores de livros didáticos, nos exercícios, e a se impor através dos textos literários.

#### 4 CONCLUSÃO

Os livros didáticos, em sua sistematização gramatical, excluem a forma a gente, de amplo uso em todo o país e impõem o uso exclusivo da forma tu, predominante apenas em Porto Alegre. Entretanto, estas formas se fazem presentes nos textos literários integrantes dos mesmos livros.

O fato de a gramática normativa não registrar mudanças que se operam na língua — como a ampliação do quadro dos pronomes pessoais e muitas outras —, vem aumentando a distância entre ela e a linguagem dita culta, modalidade de língua a ser ensinada na escola. O aluno, mesmo que falante da norma culta, pode não identificar em certas passagens da gramática ensinada pela escola os elementos de sua fala habitual.

Só uma descrição adequada desta norma e ampla divulgação dos estudos já existentes sobre o assunto poderão levar a uma atualização da descrição gramatical contida nas gramáticas normativas, fonte primeira dos livros didáticos e material básico para o ensino da língua materna, pelo menos no 1º grau.

#### RÉSUMÉ

On établit dans des textes-dialogues des locuteurs des cinq villes brésiliennes où se réalise le Projet NURC — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo et Porto

Alegre — la préférence de l'emploi des formes d'expression tu et/ou você pour la personne NON-JE et nós et/ou a gente pour le JE AMPLIFIÉ, en la comparant à la liste inadéquate des pronoms personnels présentée par la prescription normative.

## NOTAS

\* Este trabalho reúne as comunicações Tu e você na escola (NURC/BR), da autoria de Judith Freitas e Alba V. Silva (estudante) e Nós e a gente na escola (NURC/BR), da autoria de Judith Freitas e Dione Franco e Ricardo G. Cardoso (estudantes), apresentadas ao Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil (Salvador, IL/UFBA, 1986) e publicadas nas *Atas* do mesmo simpósio. A versão atual foi reelaborada pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos: Lingüísticos e Literários*.

1. O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) vem-se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — e visa a proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo extrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior. O **corpus** deste Projeto divide-se por três diferentes categorias de texto: elocução formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2) e perfaz um total de 1.870 inquéritos.
2. Os inquéritos são os seguintes: NURC/Recife, Inq. 005; NURC/Salvador, Inq. 098; NURC/Rio de Janeiro, Inq. 219; NURC/São Paulo, Inq. 255 e NURC/Porto Alegre, Inq. 159. Os informantes de cada inquérito serão identificados no curso do trabalho pelos números 1 e 2.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÁN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. Eu, você et alia em três diálogos. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 32, 1980. Rio de Janeiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n.

6, p. 855-858, jun. 1981.

ALBÁN, Maria del Rosário ; FREITAS, Judith. Nós ou a gente? REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 37, 1985. Belo Horizonte. *Estudos; Lingüísticos e Literários*. Salvador: UFBA/IL n.6, p. 179-194, dez. 1986.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. (Tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p. 247-259 e 277-283.

FREITAS, Judith. O Projeto NURC e o ensino do 1º grau (diá-  
leto do aluno e descrição gramatical). In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 9, 1978. Salvador: UFBA/Faculdade de Educação.

SOARES, Magda. *Novo português através de textos*. Livro do professor. São Paulo: Abril, 1982.

A NORMA CULTA BRASILEIRA E AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS:  
COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS\*

Tânia Lobo  
Dante Lucchesi  
Univ. Estadual de Feira de Santana  
Jacyra Mota  
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

O trabalho analisa o item colocação dos pronomes oblíquos átonos em cinco gramáticas normativas da língua portuguesa, confrontando as prescrições gramaticais com os dados obtidos em segmentos do **corpus** do Projeto NURC de Salvador e de São Paulo.

1 PRELIMINARES

O plano empírico em que se baseia este estudo é constituído pelo confronto entre a síntese das prescrições contidas em cinco gramáticas normativas<sup>1</sup> sobre a colocação do pronome-complemento átono com um só verbo e os dados fornecidos por um segmento do **corpus** do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC)<sup>2</sup>.

O segmento do **corpus** analisado é constituído por dezoito inquéritos, nove do Projeto NURC/Salvador — três do tipo elocução formal (EF) e seis do tipo diálogo entre informante e documentador (D1D) — e nove do Projeto NURC/São Paulo — seis EFs e três do tipo diálogo entre dois informantes (D2)<sup>3</sup>.

Preliminarmente, precisaremos o entendimento dos conceitos de norma padrão e norma culta, assaz importante para a compreensão da questão que aqui se colocará.

Para o conceito de norma, adotamos a visão expressa por CO-SERIU (1961), segundo a qual a norma se configuraria pela variação fa

cultativa normal, ou seja, por modelos sem valor funcional dentro do sistema lingüístico, fixados pelo costume, hábito ou pela tradição. Dessa forma, a partir de um mesmo sistema lingüístico, observam-se várias normas, sendo que essas normas operariam uma restrição, no dizer desse autor, "às possibilidades oferecidas pelo sistema, dentro do marco fixado pelas realizações tradicionais"<sup>4</sup>.

Isso posto, apresentamos para o conceito de norma culta o mesmo entendimento que norteou a constituição do corpus do Projeto NURC, ou seja, a norma culta compreenderia os modelos comuns à fala das pessoas possuidoras da cultura do tipo formalizado, isto é, a cultura sistematizada e difundida pelo sistema de educação formal. Por outro lado, a norma padrão compreenderia os modelos apresentados e prescritos pelas gramáticas normativas.

Essa distinção entre norma padrão e norma culta nem sempre é feita. Antes, pelo contrário, as duas expressões são muitas vezes apresentadas como equivalentes, sendo comum ouvir-se "norma padrão ou culta". Uma intuição inicial, realmente, apontaria nesse sentido, ou seja, é de se esperar que a norma ensinada e difundida pelo sistema de educação formal venha a coincidir com a norma apreendida dos atos de fala das pessoas formadas por esse sistema. Mas, como poderemos perceber adiante, nem sempre os dados se mostram dóceis às nossas primeiras intuições, por mais plausíveis que elas pareçam ser. Além disso, não nos pareceu razoável adotar um pressuposto que em última instância se funda em um raciocínio tautológico, posto que pode ser apresentado nos seguintes termos: a norma culta ou padrão é aquela utilizada pelas pessoas "cultas" e as pessoas "cultas" são aquelas que utilizam a norma padrão ou culta.

Assim, o que faremos a respeito da colocação dos pronomes oblíquos átonos junto a formas verbais simples é estabelecer um confronto entre o modelo da norma culta, apreendido da amostra do corpus do Projeto NURC, e o modelo da norma padrão, obtido pela síntese das prescrições contidas nas cinco gramáticas anteriormente referidas.

## 2 O SINCLITISMO PRONOMINAL NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

A elaboração da síntese das prescrições das gramáticas não se constitui tarefa fácil, pois nem sempre a questão é tratada de forma clara e precisa pelas gramáticas observadas.

Destacamos, inicialmente, três gramáticas que fazem uma afirmação geral inicial, que aqui reproduzimos:

*Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição normal é a ÊNCLISE.* (CUNHA, 1981:221)

*Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal é a ÊNCLISE.* (CUNHA/CINTRA, 1985:300)

*A posição normal dos pronomes átonos é depois do verbo (ênclise).* (LIMA, 1976:225).

Em seguida, o sinclitismo é apresentado a partir de determinados contextos sintáticos que favoreceriam, ou indicariam, uma das possibilidades de colocação do pronome-complemento átono. A depreensão objetiva desses contextos e sua prescrição correspondente constitui-se tarefa das mais delicadas. Em primeiro lugar, por não haver total acordo entre as cinco gramáticas observadas e, em segundo lugar, pela existência de uma série de notas, comentários, observações e afins nos textos das gramáticas, que se contrapõem a prescrições anteriormente feitas pelos autores de maneira explícita ou implícita.

Em face disso, adotamos o seguinte procedimento: arrolar to da prescrição explicitada em pelo menos uma das gramáticas, desde que não houvesse em outra gramática uma prescrição explícita ou implícita mente contrária. Não consideramos as já referidas notas, observações, comentários e afins, pois, se o fizéssemos, essa síntese resultaria nula. Não obstante, procuraremos tratar, mesmo que brevemente, desses "apêndices", mais adiante.

Entretanto, há de se destacar CUNHA/CINTRA (1985)<sup>5</sup> que, no item "A colocação dos pronomes átonos no Brasil" faz - de referência ao *Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

português falado no Brasil e, também, do português falado nas repúblicas africanas — as seguintes indicações que se contrapõem às prescrições aqui arroladas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com os pronomes oblíquos átonos, em especial com a forma me;

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação.

### 3 O SINCLITISMO PRONOMINAL NO CORPUS DO PROJETO NURC EM CONFRONTO COM AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS

Na apresentação das prescrições normativas em que se encaixam os exemplos encontrados no **corpus**, restringimo-nos aos contextos previstos para a ênclise, pelas seguintes razões:

. a exposição dos contextos previstos para a próclise pronominal seria muito mais cansativa que produtiva, na medida em que sendo a próclise predominante no **corpus** (os proclíticos perfazem quase 90% das ocorrências de pronomes-complemento átonos), houve uma quase total consonância entre os dados observados e as prescrições gramaticais — com poucas exceções de que trataremos a seguir;

. não ocorreu no **corpus** nenhum exemplo de contexto previsto para a colocação mesoclítica.

Apresentamos a seguir, juntamente com os resultados obtidos no **corpus**, os contextos em que as prescrições normativas indicam a ênclise, discriminando os autores que explicitamente o fazem:

(a) Verbo iniciando período ou oração assindética (LIMA, BECHARA e CEGALLA).

Uma observação se faz necessária: os gramáticos Bechara e Cegalla restringem esta regra para início de período. Entretanto, com relação ao **corpus**, preferimos utilizar o critério mais abrangente e

*Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

de aplicação mais objetiva de verbo em início de oração assindética.

Dados do **corpus**: setenta e duas ocorrências de pronomes átonos, sendo quarenta e seis proclíticos e vinte e seis enclíticos. Assim, a colocação prescrita correspondeu a apenas 36% do total. Esse dado é bastante significativo, pois esta é a prescrição "mais conhecida" (CUNHA, 1981:225).

Ex.: ... não há uma atribuição de alma a objetos ou a plantas... supõe-se que estas plantas... os objetos e o mundo inteiro... é animado de certas forças, compreendem? (SP, EF nº 124)

Meu amigo Joseph (Winter)... uma vez teve um argumento... me pareceu na hora de... muito contundente... (SP, EF nº 124).

(b) Verbo imediatamente precedido por sujeito nominal (LIMA)

Dados do **corpus**: oitenta e três ocorrências, sendo sessenta e seis casos de próclise e dezessete de ênclise. Ou seja, a regra verificou-se em apenas 20% das ocorrências.

Ex.: A censura tornou-se muito restritiva. (SP, EF nº 153)

O biriba me atrai muito mais. (SSA, DID nº 280).

Observação: Rocha Lima indica também a ênclise para os casos de verbo precedido de sujeito pronominal; essa regra, no entanto, não foi por nós arrolada entre os "critérios de ênclise", porque se contrapõe inclusive aos exemplos dados por outras gramáticas. E, sendo testada no **corpus**, indicou a incidência de 100% de proclíticos nas sessenta e seis ocorrências verificadas.

Ex.: Eu me lembro que não me atraía... (SSA, DID nº 280)

Vocês se lembram que o tema... (SP, EF nº 405).

(c) Verbo precedido unicamente por conjunção coordenativa (LIMA).

Dados do **corpus**: trinta e oito ocorrências, sendo trinta e três casos de próclise e cinco de ênclise, o que confere à prescrição

*Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

a insignificante marca de treze pontos percentuais.

Ex.: *Os testes foram muito úteis e se desenvolveram.* (SP, EF nº 377)

*Filmava-se em São Paulo com aquelas dificuldades to das que eu aludi mas filmava-se em São Paulo; no Rio...* (SP, EF nº 153).

(d) Orações reduzidas de gerúndio, excetuando-se as introduzidas pela preposição em (LIMA, CEGALLA).

Dados do **corpus**: vinte e uma ocorrências, seis casos de próclise e quinze de ênclise. Aqui há uma inversão do modelo até então predominante, pois a prescrição normativa obtém um percentual de 71% das ocorrências do **corpus**.

Ex.: *É uma série de entrevistas (...) sobre a::a:: a evolução da pintura (...) sobretudo sobre a::a dissolução da pintura como ele via... ali se transformando de pintura cubista em pintura abstrata...* (SP, EF nº 156)

*Falando-se em fruta, vamos dizer o seguinte... e falando-se também em... em propriedades...* (SSA, DID nº 081).

(e) Pausa entre o verbo e o termo antecedente que "pode convocar a próclise" (CUNHA, CUNHA/CINTRA, CEGALLA e LIMA).

Dados do **corpus**: trinta ocorrências, sendo vinte e um casos de próclise e nove de ênclise. Aqui o modelo predominante no **corpus** volta a prevalecer, tendo a colocação prescrita correspondido a apenas 30% dos casos.

Ex.: *Então, se faz a mastectomia alargada...* (SSA, EF nº 049)

*... o volley sempre é... me atraiu como um dos jogos de... de pouca violência.* (SSA, DID nº 280).

Em dois outros contextos listados — (f) pronome o(s), a(s) com verbo no infinitivo regido pela preposição a e (g) verbo no imperativo afirmativo — não houve ocorrências suficientes para permitir inferências.

O quadro a seguir resume as ocorrências de próclise e de ênclise documentadas no **corpus** nos contextos em que as gramáticas preconizam a colocação enclítica do pronome-complemento átono.

CONTEXTOS	COLOCAÇÃO PRONOMINAL		TOTAL DE OCORRÊNCIAS
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	
(a)	46 (64%)	26 (36%)	72
(b)	66 (80%)	17 (20%)	83
(c)	33 (87%)	05 (13%)	38
(d)	06 (29%)	15 (71%)	21
(e)	21 (70%)	09 (30%)	30
(f)	-	01 (100%)	01
(g)	02 (100%)	-	02

#### 4 CONCLUSÕES

Feita a necessária exposição dos resultados obtidos no confronto entre as prescrições gramaticais e os dados do **corpus** do Projeto NURC aqui analisados, podemos apresentar algumas conclusões.

A primeira constatação que se impõe é a de que existe para a sínclise pronominal uma significativa disparidade entre o modelo prescrito pelas gramáticas normativas — que aqui representam a norma

padrão — e o modelo encontrado no corpus, aqui considerado como amostra da norma culta. Dessarte, a distinção feita inicialmente entre norma padrão e norma culta não só se mostra adequada à realidade estudada, como também se constitui um importante ponto de partida para reflexões ulteriores.

Sobre essas reflexões, que consideramos sobremaneira importantes para todos aqueles que se ocupam do conhecimento científico e do ensino/aprendizagem da língua, deixamos aqui um questionamento: a síncrise pronominal é apenas um dentre os itens em que a norma padrão e a norma culta são conflitantes? Como, então, pode-se justificar o paradoxo de que a norma prescrita e ensinada no sistema de educação formal não corresponda, em diversos aspectos, à norma apreendida da fala de pessoas formadas por esse mesmo sistema?

Por outro lado, a identificação que as gramáticas, em geral, vão estabelecer entre norma padrão e norma culta constituirá um dos traços ideológicos presentes nessa variante do conhecimento formalizado da língua, que é a gramática.

A disparidade entre a colocação dos pronomes átonos prevista nas gramáticas e a encontrada na amostra estudada, posta, inicialmente, de maneira bem simples, assenta nos seguintes termos: as gramáticas normativas em última instância baseiam-se em uma norma em que predomina a ênclise, ao passo que na norma apreendida nos atos de fala das pessoas "cultas" no Brasil a próclise predomina. Senão vejamos por quê.

A predominância da ênclise é prevista, implícita ou explicitamente, pelas próprias gramáticas.

Explicitamente quando afirmam que a ênclise é a posição "normal" do pronome. O significado do adjetivo não pode ser outro senão o de habitual, costumeiro, comum.

Implicitamente o fazem, com maior ou menor ênfase, quando apresentam os contextos em que se deve usar a próclise. A interpretação desse fato não pode ser outra senão a de que existe uma concepção subjacente na qual a ênclise predomina, tornando-se importante somer-

*Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

te destacar os contextos em que ocorre a próclise, já que o "normal" é a ênclise.

Mas onde estaria essa norma na qual se fundamentam as nossas gramáticas?

Essa norma de colocação pronominal já começa a se delinear no português antigo, por volta dos séculos XIII e XIV, conforme atestam vários trabalhos, como, por exemplo, o de HUBER (1986) e o de SILVA (1989).

Entretanto, se a norma observada em textos do português antigo coincide em grande parte com a norma contida nas gramáticas, perceber-se-á na primeira uma maior flexibilidade na colocação pronominal. Tal fato, que também se verifica em textos do português clássico, será igualmente tratado por diversos outros autores.

Mas o modelo de colocação pronominal que aqui nos interessa só vai ganhar seus contornos mais nítidos e rígidos, posteriormente, quando o português europeu deixou de ser uma língua de "homens assentados" — para usar a famosa expressão de Fernão de Oliveira — tornando-se, assim, "na elocução européia, uma língua acelerada, pelo obscurecimento das vogais pretônicas e postônicas". (CUNHA, 1968:60).

Esse enfraquecimento das vogais em distribuição não-acentuada será, então, o principal fator para a fixação, no português europeu, do modelo de colocação pronominal contido nas gramáticas. Isso porque, em Portugal, "a pronúncia tende a incorporar" os pronomes oblíquos — então, realmente átonos — ao verbo, deles "fazendo uma espécie de sufixos numa palavra morficamente complexa". "A partícula pronominal átona enclítica é, então, por assim dizer, um sufixo a mais, ao lado de sufixos temporais e modais, cuja insignificância fonética não perturba seu alto valor semântico." (CÂMARA JR., 1972:51).

No português do Brasil, o que se deu foi exatamente o contrário. Ao invés de ter ocorrido o enfraquecimento das vogais não-acentuadas, houve na pronúncia brasileira o seu fortalecimento. Isso fez dos nossos pronomes oblíquos átonos, não partículas realmente átonas, e sim partículas semitônicas. Assim, o deslocamento do pronome

*Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

para antes do verbo predominou, entre outros fatores, pela tendência, na pronúncia brasileira, de "intensificação da primeira consoante do vocábulo fonético, que nele funciona como um corte na cadeia da fala" (CÂMARA JR., 1972:50-51). Tal intensificação põe em relevo a partícula pronominal proclítica no vocábulo fonético verbal.

Dessa forma, na fala brasileira ocorreu uma grande modificação do modelo proposto pelas gramáticas normativas, que, sobre a sínclise pronominal, descrevem a norma européia do português.

Para concluir, gostaríamos de afirmar que este trabalho não deve ser visto como um ataque ao trabalho dos gramáticos aqui citados. Compreendemos que as mudanças que se fazem necessárias nesse campo específico do saber transcendem a esfera da atuação individual dos gramáticos, pois implicam não só em mudanças na mentalidade e no pensamento predominantes dentro e fora do círculo específico desse estudo, como também em mudanças nas próprias relações sociais, as quais esse pensamento e essa mentalidade expressam.

Não obstante, a visão crítica e a disposição para o debate nos círculos de estudo constituem um instrumento fundamental para a consecução dessas mudanças, que, acreditamos, todos nós almejamos.

## RÉSUMÉ

Le travail analyse le thème place des pronoms personnels atones dans cinq grammaires normatives de la langue portugaise, en confrontant les prescriptions grammaticales avec les données obtenues dans des segments du corpus do Projet NURC de Salvador et de São Paulo.

## NOTAS

\* Em uma versão mais ampliada, sob o título "Gramática e Ideologia", este trabalho — elaborado pelos então bolsistas Dante Lucchesi e

*Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

Tânia Lobo, com orientação de Jacyra Mota — foi apresentado ao I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ — *Discurso e Ideologia*, Rio de Janeiro, set. 1987. Posteriormente, foi publicado em *Sitientibus*: revista da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, ano 5, n.8, p. 73-81, 1988. A versão aqui apresentada foi revista pelos responsáveis pela organização deste número de *Estudos*: lingüísticos e literários.

1. As cinco gramáticas utilizadas são as que constam das referências bibliográficas, nas edições ali indicadas.
2. O Projeto NURC, desenvolvido conjuntamente em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) inquiriu informantes com curso superior completo, naturais da capital estudada, preferentemente filhos de pais da mesma capital, de ambos os sexos e de três faixas etárias — faixa 1, de 25 a 35 anos; faixa 2, de 36 a 55 anos e faixa 3, de mais de 55 anos.
3. Os inquéritos de Salvador são as EFs nº 046, 049 e 020 e os DIDs nº 280, 277, 173, 100, 135 e 081. Os de São Paulo são as EFs nº 388, 377, 124, 405, 153 e 156 e os D2 nº 343, 255 e 333, publicados em CASTILHO, A.T. de; PRETI, D. (Org.), citado nas referências bibliográficas. Sobre as normas utilizadas na transcrição dos inquéritos de São Paulo, confira a referida publicação.
4. Cf. pág. 74.
5. Cf. págs. 307-308.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa* — cursos de 1º e 2º graus, 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dispersos*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CASTILHO, Ataliba; PRETI, Dino (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo* — materiais para seu estudo. v.1 — Elocuções formais; v.2 — Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986-1987.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Livr. Editora Ltda., 1981.
- COBERTO, Eugênio. *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral: cinco estudos*. Tradução de Agostinho Dias Carneiro; revisão técnica de *Estudos* (11): 147-158, ago. 1991

Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

\_\_\_\_\_. *Gramática do Português Contemporâneo*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora Ltda., 1981.

\_\_\_\_\_. e CINTRA, L.F.Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Tradução portuguesa de Maria Manuela G. Delille. Lisboa: Fundação Callouste Gulbenkian, 1986.

LIMA, C. Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

ROSSI, Nelson; SILVA, Myrian Barbosa da; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. O Projeto NURC e o Nordeste. In: CASTILHO, A.T. de (Org.): *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Universidade de Campinas, 1989, p. 15-22.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Estruturas Trecentistas (Elementos para uma gramática do português arcaico)*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

## ANÁLISE DE VARIÁVEIS SOCIOLINGÜÍSTICAS NA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS\*

Dante Lucchesi  
Univ. Estadual de Feira de Santana  
Jacyrá Mota  
Universidade Federal da Bahia

### R E S U M O

O trabalho analisa a interferência de variáveis sociolingüísticas no comportamento de falantes do Projeto NURC, com relação ao item colocação dos pronomes átonos junto a formas verbais simples, levando em consideração as prescrições gramaticais a respeito do assunto.

### 1 PRELIMINARES

A análise da relação entre variáveis sociolingüísticas e o desempenho de informantes do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC)<sup>1</sup>, com referência à colocação dos pronomes átonos junto a formas verbais simples, dá prosseguimento ao estudo da sínclise pronominal na norma culta brasileira<sup>2</sup> e complementa especificamente trabalho anterior em que se estuda a sínclise pronominal nesses falantes em confronto com as prescrições normativas de gramáticas pedagógicas<sup>3</sup>.

O *corpus* em que se baseia este trabalho é constituído por vinte e um inquéritos, sendo doze do Projeto NURC/Salvador e nove do Projeto NURC/São Paulo<sup>4</sup>, e documenta três tipos de texto elocucional — elocução formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2) —, assim distribuídos: três EFs e nove DIDs de Salvador e seis EFs e três D2 de São Paulo.

Participam desses inquéritos doze informantes de cada uma das cidades, de ambos os sexos e de três faixas etárias: faixa 1 (de

25 a 35 anos), faixa 2 (de 36 a 55 anos) e faixa 3 (de mais de 55 anos).

## 2 AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS E OS DADOS DO CORPUS

2.1 Foram consultadas cinco gramáticas normativas do português<sup>5</sup>, elaborando-se, a partir delas, uma síntese das prescrições a respeito da colocação do pronome átono junto a formas verbais simples.

Merece destaque, inicialmente, a afirmação geral de três gramáticas (CUNHA, 1981; CUNHA e CINTRA, 1985 e LIMA, 1976) de que a posição "normal" do pronome átono objeto direto ou indireto do verbo é a enclítica<sup>6</sup>.

Em seguida, o sinclitismo pronominal é apresentado a partir de determinados contextos sintáticos que indicariam ou favoreceriam uma das possibilidades de colocação do pronome-complemento átono.

Como não há total acordo entre as cinco gramáticas analisadas, foi adotado o seguinte procedimento: considerou-se como contexto indicador de próclise ou de ênclise aquele citado em pelo menos uma das gramáticas, desde que não se encontrasse em outra gramática prescrição explícita ou implicitamente contrária.

Os dados lingüísticos são reunidos e apresentados de acordo com a coincidência ou não com as prescrições gramaticais de próclise ou de ênclise.

Destacam-se, na abordagem dos dados, dois contextos: um de les — verbo no infinitivo — por admitir, segundo as gramáticas, tan to a ênclise quanto a próclise do pronome átono; o outro — forma ver bal precedida por sujeito pronominal — por não haver concordância en tre o que consta em uma das gramáticas, que preconiza a ênclise nesse caso (LIMA, 1976), e o que se encontra nas demais<sup>7</sup>.

A colocação mesoclítica não é apresentada, uma vez que ela não se documenta no **corpus** analisado.

2.2 Os dados depreendidos dos vinte e um inquéritos tomados globalmente ratificam a afirmação feita em trabalhos anteriores<sup>8</sup> de ser a próclise a colocação pronominal predominante na norma urbana culta no Brasil. Nos números totais de proclíticos e enclíticos, observa-se uma preferência por aqueles na ordem de quase 90% num universo de novecentas e oitenta e oito ocorrências registradas. (Cf. Quadro I).

QUADRO I - OCORRÊNCIAS DE PRÓCLISE E DE ÊNCLISE NO CORPUS

	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL
OCORRÊNCIAS	878 (88,9%)	110 (11,1%)	988

Nos contextos sintáticos em que as gramáticas normativas prescrevem a ênclise, os números são expressivos e indicam uma desobediência à prescrição, na norma culta, em mais de 70% das ocorrências.

Sendo a anteposição do pronome átono ao verbo o procedimento lingüístico normal entre os falantes cultos, nos contextos sintáticos em que a gramática reforça essa colocação, os proclíticos alcançam 97,3% das ocorrências. (Cf. Quadro II).

QUADRO II - COINCIDÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DADOS DO CORPUS E AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS

PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS	DADOS DO CORPUS		
	COINCIDEM	DIVERGEM	TOTAIS
CONTEXTOS QUE INDICAM ÊNCLISE	75 (27,2%)	201 (72,8%)	276
CONTEXTOS QUE INDICAM PRÓCLISE	500 (97,3%)	14 (2,7%)	514

No contexto apresentado pelas gramáticas como indiferente quanto à colocação pronominal — forma verbal no infinitivo — assim como no contexto arrolado por apenas um dos gramáticos como característico de colocação enclítica — forma verbal precedida de sujeito pronominal — também predomina a próclise com percentuais muito elevados: 83,7% e 98,7%, respectivamente. (Cf. Quadro III).

**QUADRO III - DADOS DO CORPUS NOS CONTEXTOS: (a) FORMA VERBAL NO INFINITIVO; (b) FORMA VERBAL PRECEDIDA DE SUJEITO PRONOMINAL**

DADOS DO CORPUS CONTEXTOS	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAIS
(a)	103 (83,7%)	20 (16,3%)	123
(b)	74 (98,7%)	01 (1,3%)	75

### 3 AS VARIÁVEIS SOCIOLINGÜÍSTICAS

Dentre as variáveis sociolingüísticas contempladas na constituição do **corpus** do Projeto NURC, examinam-se aqui a naturalidade e a faixa etária do informante e a categoria de texto.

Para a análise de cada uma dessas variáveis foram delimitados **corpora** específicos, a partir do número de informantes, de modo a precisar a interferência da variável em questão, neutralizando as demais.

A variável sexo do informante não foi levada em consideração.

### 3.1 A NATURALIDADE DO INFORMANTE

Para o estudo dessa variável foram considerados nove informantes de cada cidade, registrados em quinze inquiridos, assim distribuídos: seis EFs — três de Salvador e três de São Paulo — e nove diálogos — seis DIDs de Salvador e três D2 de São Paulo — desprezando-se uma possível diferença quanto ao grau de formalidade entre os inquiridos do tipo DID e do tipo D2.

Os informantes distribuem-se pelas três faixas etárias — seis em cada uma delas, sendo três de cada cidade.

É bastante significativa a similitude entre os dados colhidos nos **corpora** de Salvador e de São Paulo. A diferença percentual entre a opção depreendida em cada uma das cidades não chega a 2%, tanto nos contextos de ênclise como nos de próclise: a ocorrência da próclise verifica-se em 73,7% em Salvador e 75,25% em São Paulo, em contextos em que as gramáticas indicam a ênclise, e 98,4% em Salvador e 97,9% em São Paulo, em contextos em que prescrevem a próclise. (Cf. Quadro IV).

**QUADRO IV - COINCIDÊNCIAS / DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DADOS DO CORPUS E AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS QUANTO À VARIÁVEL NATURALIDADE DO INFORMANTE**

DADOS DO CORPUS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS	SALVADOR		SÃO PAULO	
	COINCIDEM	DIVERGEM	COINCIDEM	DIVERGEM
CONTEXTOS QUE INDICAM ÊNCLISE	25 (26,3%)	70 (73,7%)	25 (24,75%)	76 (75,25%)
CONTEXTOS QUE INDICAM PRÓCLISE	180 (98,4%)	03 (1,6%)	188 (97,9%)	04 (2,1%)

Não se observa também grande diferença percentual nos dados relativos ao contexto 'forma verbal no infinitivo' — 86,7% de prócli

se em Salvador e 82,1% em São Paulo. Quanto ao contexto 'forma verbal precedida de sujeito pronominal', documenta-se a colocação proclítica na totalidade dos casos registrados, tanto em uma quanto em outra cidade. (Cf. Quadro V).

**QUADRO V - DADOS DO CORPUS NOS CONTEXTOS (a) FORMA VERBAL NO INFINITIVO E (b) FORMA VERBAL PRECEDIDA DE SUJEITO PRONOMINAL E A VARIÁVEL NATURALIDADE DO INFORMANTE**

DADOS DO CORPUS CONTEXTOS	SALVADOR		SÃO PAULO	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	PRÓCLISE	ÊNCLISE
(a)	26 (86,7%)	04 (13,3%)	46 (82,1%)	10 (17,9%)
(b)	22 (100%)	-	27 (100%)	-

Analisando-se os dados nos sete contextos em que a ênclise é preconizada em pelo menos uma das gramáticas consultadas, sem que haja em outra gramática prescrição explícita ou implicitamente contrária, observa-se que não há um único contexto, com um número representativo de ocorrências, em que essa colocação seja majoritária nos **corpora** das duas cidades. Em consequência, os proclíticos perfazem, nos totais de cada cidade, assim como nos totais gerais, mais de 65% das ocorrências. (Cf. Quadro VI).

São os seguintes os contextos considerados como indicadores de ênclise, na ordem em que aparecem no quadro VI: (a) verbo em início de oração; (b) verbo precedido por sujeito nominal; (c) verbo precedido por conjunção coordenativa; (d) verbo no gerúndio não precedido de preposição ou advérbio; (e) verbo no infinitivo regido pela preposição a, seguido dos pronomes o(s), a(s); (f) verbo no imperativo afirmativo; (g) verbo separado por pausa de palavra que determine próclise.

**QUADRO VI - DADOS DO CORPUS NOS CONTEXTOS EM QUE É PRECONIZADA A ÊNCLISE E A VARIÁVEL NATURALIDADE DO INFORMANTE**

DADOS DO CORPUS CONTEXTOS	SALVADOR		SÃO PAULO	
	COINCIDEM	DIVERGEM	COINCIDEM	DIVERGEM
(a)	10 (32,25%)	21 (67,75%)	06 (23%)	20 (77%)
(b)	09 (29%)	22 (71%)	05 (14%)	30 (86%)
(c)	01 (7%)	13 (93%)	04 (23,5%)	13 (76,5%)
(d)	04 (44%)	05 (66%)	04 (100%)	-
(e)	-	-	01 (100%)	-
(f)	-	-	-	02 (100%)
(g)	01 (10%)	09 (90%)	05 (31%)	11 (69%)
TOTAIS	25 (26%)	70 (74%)	25 (25%)	76 (75%)

Pode-se então inferir, a partir dos dados analisados, que não há diferença marcante no comportamento lingüístico dos falantes considerados cultos de Salvador e de São Paulo em relação à sínclise pronominal.

## 3.2 A FAIXA ETÁRIA DO INFORMANTE

Para a análise dessa variável foram considerados os vinte e um inquiridos que constituem o **corpus** deste trabalho, uma vez que nele se encontram oito informantes para cada faixa etária, distribuídos pelos três tipos de inquirido.

A variável faixa etária revela-se pertinente com relação à colocação do pronome átono. Assim, nos contextos em que as gramáticas preconizam a ênclise, observa-se um progressivo e quase simétrico aumento do índice de coincidência entre os dados do **corpus** e as prescrições normativas ao passar-se da faixa de falantes mais jovens para a faixa dos falantes mais idosos.

Enquanto na faixa 1 a preferência pela ênclise nesses contextos é de apenas 13,5%, na faixa 2 ela já atinge 25,3%, para, na faixa 3, chegar a 38,3% do total. Convertendo o percentual de enclíticos, em relação às ocorrências da faixa 1, à unidade (1), observamos que esse número relativo, na faixa 2, quase duplica (1,87) e, na faixa 3, quase triplica (2,84).

Nos contextos em que a norma gramatical indica a próclise, assim como naquele em que admite tanto a próclise quanto a ênclise (forma verbal no infinitivo), no entanto, o maior percentual de colocação enclítica encontra-se em falantes de faixa 2, fato que os dados aqui analisados não explicam. (Cf. Quadros VII e VIII).

No contexto 'forma verbal precedida por sujeito pronominal' registra-se apenas um caso de ênclise, na faixa 3. (Cf. Quadro VIII).

QUADRO VII - COINCIDÊNCIAS / DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DADOS DO CORPUS E AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS QUANTO À VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA

DADOS DO CORPUS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS	FAIXA 1		FAIXA 2		FAIXA 3	
	COINCIDEM	DIVERGEM	COINCIDEM	DIVERGEM	COINCIDEM	DIVERGEM
CONTEXTOS QUE INDICAM ÊNCLISE	10 (13,5%)	64 (86,5%)	24 (25,3%)	71 (74,7%)	41 (38,3%)	66 (61,7%)
CONTEXTOS QUE INDICAM PRÓCLISE	109 (99,1%)	01 (0,9%)	201 (94,4%)	12 (5,6%)	190 (99,5%)	1 (0,5%)

QUADRO VIII - DADOS DO CORPUS NOS CONTEXTOS (a) FORMA VERBAL NO INFINITIVO E (b) FORMA VERBAL PRECEDIDA DE SUJEITO PRONOMINAL E A VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA

DADOS DO CORPUS CONTEXTOS	FAIXA 1		FAIXA 2		FAIXA 3	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	PRÓCLISE	ÊNCLISE	PRÓCLISE	ÊNCLISE
	(a)	44 (91,7%)	04 (8,3%)	38 (76,0%)	12 (24,0%)	21 (84,0%)
(b)	14 (100%)	-	32 (100%)	-	28 (96,5%)	01 (3,5%)

### 3.3 A CATEGORIA DO TEXTO

A análise da variável categoria de texto verificou-se no mesmo segmento de **corpus** utilizado para a variável naturalidade do informante: quinze inquiridos (seis EFs, seis DIDs e três D2) cujos dezoito informantes – seis em cada tipo de inquirido – distribuem-se pelas três faixas etárias e representam as duas cidades. Entretanto, diferentemente do que foi feito em relação àquela variável, distinguiram-se os dois tipos de diálogo.

Os dados do **corpus** confirmam a semelhança entre DID e D2 com relação à sínclise pronominal, uma vez que não há diferença significativa nos percentuais de ocorrência de ênclise entre um ou outro tipo de inquirido.

Nos inquiridos do tipo DID e D2, os falantes fazem a opção pela colocação pós-verbal do pronome átono apenas em cerca de 20% das ocorrências registradas, nos contextos em que as gramáticas indicam essa colocação, enquanto nos inquiridos do tipo EF, o percentual dessa opção dobra, atingindo a ênclise a marca expressiva de 43,3%.

Nos contextos em que se preconiza a próclise a ocorrência de ênclise é insignificante nos três tipos de inquirido. (Cf. Quadro IX).

No contexto 'forma verbal no infinitivo' também não há diferença marcante entre EF, DID e D2 e no contexto 'forma verbal precedida de sujeito pronominal' a próclise é documentada na totalidade das ocorrências. (Cf. Quadro X).

QUADRO IX - COINCIDÊNCIAS / DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DADOS DO CORPUS E AS PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS QUANTO À VARIÁVEL CATEGORIA DE TEXTO

DADOS DO CORPUS	E F.		D I D		D 2	
	COINCIDEM	DIVERGEM	COINCIDEM	DIVERGEM	COINCIDEM	DIVERGEM
PRESCRIÇÕES GRAMATICAIS						
CONTEXTOS QUE INDICAM ÊNCLISE	39 (43,3%)	51 (56,7%)	10 (20%)	40 (80%)	15 (22,4%)	52 (77,6%)
CONTEXTOS QUE INDICAM PRÓCLISE	139 (97,2%)	04 (2,8%)	108 (98,2%)	02 (1,8%)	147 (98,2%)	03 (1,8%)

QUADRO X - DADOS DO CORPUS NOS CONTEXTOS: (a) FORMA VERBAL NO INFINITIVO E (b) FORMA VERBAL PRECEDIDA DE SUJEITO PRONOMINAL E A VARIÁVEL CATEGORIA DE TEXTO

DADOS DO CORPUS	E F		D I D		D 2	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	PRÓCLISE	ÊNCLISE	PRÓCLISE	ÊNCLISE
CONTEXTOS						
(a)	23 (79,3%)	06 (20,7%)	30 (88,2%)	04 (11,8%)	25 (73,5%)	09 (26,5%)
(b)	18 (100%)	-	21 (100%)	-	20 (100%)	-

Ao término deste trabalho, podem ser apontadas algumas conclusões como:

a) A anteposição do pronome-complemento átono à forma verbal apresenta-se como a norma lingüística dos falantes considerados cultos, das cidades de Salvador e São Paulo — tomando-se aqui o conceito de norma adotado por COSERIU (1961), segundo o qual a norma compreenderia modelos sem valor funcional no sistema lingüístico, fixados pelo costume, hábito ou tradição.

O desempenho lingüístico desses falantes sobrepõe-se de maneira significativa ao procedimento apontado como padrão pelas gramáticas pedagógicas de pospor o pronome clítico ao verbo.

Nesse caso, evidencia-se a diferença entre a norma culta — que compreenderia os modelos comuns à fala das pessoas representantes da cultura sistematizada e difundida pelo sistema de educação formal — e a norma padrão — apresentada e prescrita pelas gramáticas normativas.

b) Visto no plano horizontal da diatopia, esse comportamento lingüístico referente à colocação dos pronomes átonos apresenta-se de modo bastante homogêneo, sem alterações dignas de nota, na norma das duas capitais estudadas.

c) A observação da variável faixa etária indica uma progressiva consolidação, entre os falantes mais jovens, do procedimento normal vigente nas cidades em causa, em detrimento da norma padrão.

d) No estudo da variável categoria de texto, depreende-se uma presença relativa maior da norma lingüística padrão nos momentos de maior formalidade, o que demonstra a tentativa do informante em adequar seus atos de fala aos padrões lingüísticos, perdendo assim o seu caráter espontâneo.

Finalmente, deve-se observar que as conclusões aqui apresentadas são preliminares e podem ser confirmadas, modificadas ou complementadas em trabalhos posteriores, não só com a ampliação do **corpus**

*Estudos* (11): 159-175, ago. 1991

sob análise, mas, principalmente, com o cruzamento das variáveis sociolingüísticas examinadas e a inclusão de outras variáveis que poderão se revelar pertinentes.

#### RÉSUMÉ

Le travail analyse l'interférence des variables sociolinguistiques dans le comportement de locuteurs du Projet NURC, par rapport à la question de la place des pronoms personnels compléments atones auprès des formes verbales simples, en tenant compte des considérations des prescriptions grammaticales à ce sujet.

#### NOTAS

\* A versão inicial deste trabalho foi apresentada como relatório de pesquisa ao CNPq pelo então bolsista do Programa de Aperfeiçoamento Científico, Dante Lucchesi. A presente versão foi reelaborada por Jacyra Mota para este número de *Estudos: lingüísticos e literários* e revista pelos responsáveis pela sua organização.

1. Este projeto — desenvolvido em cinco cidades brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) — analisa o desempenho de falantes com curso superior completo, naturais da capital estudada, preferentemente filhos de pais da mesma cidade, de ambos os sexos e de três faixas etárias.

2. Este estudo foi realizado sob a orientação de Jacyra Mota pelos bolsistas do Programa de Iniciação Científica (inicialmente) e de Aperfeiçoamento (em etapa posterior): Carola Rapp (de 1986 a 1987); Tânia Lobo e Dante Lucchesi (de 1986 a 1988).

3. Cf. LOBO, Tânia, LUCCHESI, Dante, MOTA, Jacyra. A norma culta brasileira e as prescrições gramaticais, também publicado neste número de *Estudos: lingüísticos e literários*.

4. Os inquiridos de Salvador são as EFs nº 046, 049 e 020 e os DIDs nº 280, 277, 173, 100, 135, 081, 283, 159 e 356. Os de São Paulo são as EFs nº 388, 377, 124, 405, 153 e 156 e os D2 nº 343, 255 e 333, publicados em CASTILHO, A.T.de; PRETI, Dino (Org.), citado nas referências bibliográficas.

5. As cinco gramáticas utilizadas são as que constam das referências bibliográficas, nas edições ali mencionadas.

*Estudos* (11): 159-175, ago. 1991

6. Cf. págs. 221, 300 e 225, respectivamente.
7. Nas outras gramáticas consultadas, não há referência a essa regra entre as prescrições de ênclise e há exemplos que a contradizem.
8. Cf., além do que se indica à nota 3: LOBO, Tânia; LUCCHESI, Dante; RAPP, Carola; MOTA, Jacyra (Orientador). Colocação dos pronomes átonos na norma urbana culta de Salvador. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1, 1986. Salvador. Atas... Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 183-204.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa* — cursos de 1º e 2º graus. 27ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- CASTILHO, Ataliba; PRETI, Dino (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo* — materiais para seu estudo. V.1 - Elocuções formais. V.2 - Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986-1987.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livr. Editora Ltda., 1981.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral: cinco estudos*. Tradução de Agostinho Dias Carneiro; revisão técnica de Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- \_\_\_\_\_. *A Questão da Norma Culta Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Gramática do Português Contemporâneo*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora Ltda., 1981.
- \_\_\_\_\_, CINTRA, L.F.Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- LIMA, C. Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala, um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- Estudos* (11): 159-175, ago. 1991

ROSSI, Nelson. *Variação Diatópica e Sociolingüística*. In: CONGRESSO DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA, 2, 1984. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras.

\_\_\_\_\_. SILVA, Myrian Barbosa da; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O Projeto NURC e o Nordeste*. In: CASTILHO, A.T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Universidade de Campinas, 1989, p.15-22.

ENTREVISTA

ENTREVISTA

**ESTUDOS: LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**  
**ENCONTRA BERNARD POTTIER**

Entrevista concedida  
em setembro de 1990, em Paris,  
a Celina Scheinowitz (editor)

Lingüista francês nascido em 1924, Bernard Pottier realiza sua formação acadêmica no início da década de quarenta, na Sorbonne, especializando-se como hispanista, junto, notadamente, ao professor Marcel Bataillon. Seu interesse se volta, desde então, para os estudos de Filologia e de Lingüística e é como monitor de filologia, no Grupo de Estudos de espanhol, que conhece Huguette Navarro, com quem se casa posteriormente. Entre seus mestres figuram ainda Albert Dauzat, Mario Roques, Pierre Fouché, Marguerite Durand, André Martinet, R. L. Wagner, Michel Lejeune e sobretudo Gustave Guillaume, lingüista que lhe fornece as ferramentas de base para construir sua reflexão intelectual em torno da problemática da linguagem.

Bernard Pottier conseguiu conciliar admiravelmente seus encargos de professor e de pesquisador. Sua ampla produção científica e suas publicações, na França e em traduções, atestam por si só o valor de seu pensamento como cientista da linguagem. Já "agrégé" de espanhol, defende, na Sorbonne, sua tese de Doutorado sobre a sistemática dos elementos de relação, dentro de uma orientação guillaumiana, perante uma banca formada por Robert-Léon Wagner (relator da tese principal), Charles Bruneau (relator da tese complementar), Michel Lejeune e Jean Boutière, sob a presidência de René Poirier, estudo este que representará um impacto na romanística da época. Exerceu o magistério superior inicialmente em Bordeaux e Strasbourg, tendo sido nomeado professor de espanhol na Universidade de Paris-Nanterre, em 1964, por ocasião da criação desta. *Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

Em 1968, ocupa a cátedra de Linguística hispânica na Universidade de Paris III (Sorbonne Nova) e em 1974, a de Linguística geral na Universidade de Paris IV (Paris-Sorbonne), onde proferiu, em 1990, sua aula final. Entre suas atividades anexas ao ensino, faz-se indispensável lembrar sua participação nos seminários sobre as línguas ameríndias no Instituto de Altos Estudos da América Latina de Paris (1964/1967), na Escola Prática de Altos Estudos (IV Seção) (1969/1988), na Universidade de Paris VIII (Vincennes) (em 1971/72) e no ERA 431 (depois UA 1026) de Etnolinguística do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França (CNRS) (1972/1985).

Difícilmente um mestre poderá, em nosso entender, ultrapassar Bernard Pottier em sua capacidade de explicitar seus ensinamentos, ouvir os estudantes, captar-lhes o pensamento e respeitar-lhes a individualidade, estabelecendo, assim, uma pedagogia viva e ativa, ancorada no diálogo, na discussão e na tolerância. Seus seminários das quintas-feiras, realizados no anfiteatro Michelet da Sorbonne, eram frequentados por um público numeroso, composto de estudantes de cerca de cinquenta nacionalidades, além de ex-alunos e pós-doutores. As manhãs das quartas-feiras, dedicava-as a atendimento individual aos estudantes, com vistas a esclarecimentos e orientação, demonstrando o mestre sempre grande disponibilidade e confirmando sua generosidade. Somam-se a perto de trezentas as teses de doutorado que orientou.

Além de participação em Comissões de Direção de uma dezena de revistas especializadas, Bernard Pottier foi presidente de várias associações científicas e assumiu ainda cargos na defesa e promoção da pesquisa, tanto no plano internacional, como a Presidência da Comissão Permanente de "Humanidades" da Fundação Europeia da Ciência (1982/1987), quanto nacional (Diretor Científico para as Ciências Humanas no C.N.R.S., de 1972 a 1976; membro do Conselho Consultivo das Universidades, 1958/1973; 1973, 1975, 1980; membro da *Co Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

missão Nacional do C.N.R.S., 1967/1972; 1980; presidente da Comissão de Direção do Instituto Nacional da Língua Francesa do C.N.R.S., 1978/1985; membro da Comissão Nacional de Avaliação das Universidades, 1985/1989, entre outros cargos importantes).

Em reconhecimento ao valor científico e profissional de Bernard Pottier, seus colegas organizaram duas coletâneas de Miscelâneas publicadas em sua homenagem: o número especial 6 da revista *Amerindia: Pour une histoire de la linguistique amérindienne en France, Hommage à Bernard Pottier*, sous la responsabilité de S. Auroux e de F. Queixalos, Paris, A.E.A., 1984 e os dois volumes de *Hommage à Bernard Pottier*, organizados por Jean-Louis Benezech, Patrick Charau deau, Bernard Darbord, Jean Roudil e Jack Schmidely e publicados em Paris, pela Editora Klincksieck, em 1988. Nesta última publicação pode ser encontrada, às páginas 13-40 do 1º volume, bibliografia de Bernard Pottier, organizada por Michel Dessaint, à qual remetemos o leitor.

- P. No dia 17 de maio de 1990, o senhor pronunciou sua aula final, no anfiteatro Michelet da Sorbonne, na presença do Presidente da Universidade de Paris IV, de inúmeros colegas, ex-alunos e estudantes. Isto significa que sua atividade de professor, iniciada em 1944, está se encerrando?
- R. Quando se vive na pesquisa linguística há tantos anos, seria difícil parar, pelo menos voluntariamente. Descobrimos, a cada dia que passa, novos centros de interesse e tentamos melhorar incessantemente nossa própria visão das coisas, sabendo que é uma busca sem fim.
- P. Como situar Bernard Pottier dentro das vertentes da linguística contemporânea?
- R. O essencial, para mim, é que eu me recuso a aparecer com *Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

uma etiqueta particular porque é prejudicial querer agru par os lingüistas em pequenos círculos ideológicos que, no final das contas, sob a noção de escola, nivelam as originalidades. Nós somos todos, em nossa história pessoal na lingüística, discípulos de um certo número de lingüistas e vários entre estes marcaram nossa formação científica. Mas o que é próprio de um lingüista é que sua experiência, que pode ser extremamente variada, segundo os acasos da vida, permita-lhe aproveitar esta formação inicial e formar-se com uma originalidade que me parece necessária. O que me aflige é quando um lingüista diz: "Sou discípulo de fulano, portanto...", pois ele se acha obrigado a conservar orientações estritas. Sou a favor de uma liberdade intelectual muito ampla, ao tempo em que reconheço que todos nós sofremos influências de mestres. Situam-me algumas vezes entre os "guillaumianos"; é verdade e não é. É verdade porque Guillaume é provavelmente o lingüista que mais me marcou e é falso porque não estou de acordo com os que são chamados de "guillaumianos ortodoxos". Não se deve ser ortodoxo em lingüística.

- P. Qual a atualidade da teoria de Gustave Guillaume?
- R. Os fundamentos da teoria guillaumista são sólidos, mesmo se convém re-pensar muitas das suas apresentações. É desta forma, dispondo de toda a liberdade, que o conhecimento deve progredir.
- P. O que o senhor chama de teoria lingüística?
- R. A palavra teoria aparece em meus dois últimos livros: Linguistique générale: Théorie et description (1974) e Théorie et analyse en linguistique (1987). Isto quer dizer para mim que a reflexão teórica, isto é, generalizante, a partir das línguas, é indispensável para permitir uma melhor análise lingüística. Não se descreve uma lín  
*Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

gua sem ter idéias na cabeça. Estas idéias são as que nasceram pouco a pouco de estudos particulares de fenômenos ou de línguas e depois volta-se à análise para melhor teorizar. É uma ida e volta, uma espécie de diálogo permanente entre a reflexão e a observação.

- P. Quais são os objetivos de suas pesquisas?
- R. Meus objetivos são os de todos os lingüistas: compreender melhor o funcionamento da linguagem e das línguas naturais. Se posso fazer uma pequena crítica é a de que muitos lingüistas pensam que com sua língua materna podem generalizar, fazer uma lingüística teorizante. Sempre fui contra as adjetivações para a palavra "lingüística". O único adjetivo que admito é: "lingüística geral", porque isto não quer dizer praticamente nada. Não concebo que se possa trabalhar com uma lingüística "adjetivada", qualquer que seja o adjetivo me parece prejudicar a disciplina. Somos lingüistas e tentamos compreender como as línguas funcionam, este é o objetivo, o único. A partir daí, naturalmente, podemos nos perguntar se o que fazemos pode ser aplicável ao ensino, à tradução, à psicologia, à sociologia... por que não? Se a reflexão lingüística fundamental é suficientemente válida, achar-lhe-emos imediata e facilmente aplicações. Trabalhei, pessoalmente, no campo da tradução automática, foi minha lingüística "normal", se assim posso dizer, que foi a mais útil e as imposições do computador me fizeram progredir em semântica, porque coloquei-me problemas que não me teria talvez colocado com tanto rigor se não tivesse tido a imposição do computador. Da mesma forma, ensinei por muito tempo a alunos do liceu (escola secundária francesa) e foi a imposição da clareza na exposição da gramática que me fez melhor tomar consciência do que era uma coerência de um funcionamento de sistema gra  
*Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

matical, etc....

- P. Sua reflexão sobre o funcionamento da linguagem dentro da mensagem complexa tem evoluído constantemente. Qual o mais novo desenvolvimento que o senhor empreendeu para explicitá-lo?
- R. Parece-me necessário integrar o máximo de dados que envolvem e condicionam a linguagem. O risco é perder-se na periferia, mas deve-se sobretudo evitar o "formalismo em si próprio".
- P. Por que razão o senhor privilegia a Semântica na análise dos fenômenos lingüísticos?
- R. A motivação e a finalidade do uso da língua é a transmissão do sentido. Todo o resto (a sintaxe, o fônico, o léxico) está a serviço do sentido. É esta hierarquia que deve ser preservada.
- P. Sua proposta de lexia foi muito bem aceita no meio dos especialistas. Por que? O que é uma lexia?
- R. O termo de lexia existia, mas o sentido que lhe dei foi útil e foi retomado em diferentes línguas. Tive o prazer de encontrá-lo no dicionário Espasa (lexia). O que é memorizado pelo falante não são palavras, são seqüências de palavras, o menor número de palavras sendo "um", a palavra simples é uma unidade de memorização, as seqüências de duas, três, quatro, "n" palavras são elementos memorizados e, naturalmente, um provérbio é memorizado, uma prece é memorizada... é um fenômeno geral que é muito mais vasto do que o fenômeno da existência independente de um signo.
- P. Que termos o senhor acha necessários para compreender sua proposta de conceitualização?
- R. Há termos necessários à teorização, à conceitualização  
*Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

porque, se eu tomasse uma justificativa muito prática, seria que a tradução supõe a passagem por algo que não pertence a nenhuma das duas línguas em questão, por uma espécie de representação mental semântica, de uma semântica geral, abstrata, e qualquer tradutor sabe bem, mais do que um intérprete que está mais ligado diretamente ao texto, que ele leva um tempo para compreender o texto, ele o faz funcionar mentalmente e o recompõe depois em uma outra língua. Há aí uma passagem, que se situa em um nível da representação mental, conceitual, e sendo concebida como necessária, para a tradução, ela é igualmente uma necessidade no nível da teorização lingüística para o sujeito enunciador e para o sujeito receptor. É necessário ter meios, instrumentos, para falar desta conceitualização e, se possível, fora das palavras da língua. Utilizo uma técnica, a da visualização dos fenômenos semânticos. Não se trata evidentemente de visualizar o cinzeiro, a mesa ou a janela, mas de visualizar acontecimentos que são espécies de relações que se estabelecem entre seres, coisas, entidades. Nisso, inspirei-me na teoria das catástrofes de René Thom, não em função do interesse matemático, que, provavelmente, existe, mas porque tem um grande valor pedagógico de expressão visual, que me parece a mais apropriada para simular o que pode, talvez, se passar em nosso espírito quando falamos. Trata-se, pois, de um instrumento de representação que é da mesma ordem que o do matemático que explica a geometria e que, se não tivesse a possibilidade de desenhar um círculo ou um triângulo ou uma bissetriz não seria compreendido por seus alunos.

- P. Dentro de sua concepção da lingüística, como o senhor veria os tropos da retórica tais como a sinédoque, a metonímia e a metáfora?

- R. Desenvolvi, em minha obra de 1987 (Théorie et analyse en linguistique), o conceito de ortonímia, para melhor dar conta dos tropos. O termo faz parte do percurso onomasiológico, que se supõe que o falante cumpra. Isso retoma a antiga idéia do que é a norma com relação aos desvios mas, tendo em vista que todos admitem as figuras: as metonímias, as metáforas, ..., é preciso que haja um ponto de partida. Este ponto de partida, esta referência inicial, é o signo, ou o conjunto de signos, que se impõe ao leitor quando este não tem nenhuma intenção particular de ser original. Se diante de mim vejo uma folha de papel, posso de qualquer forma dizer: "É uma folha de papel", se eu disser: "É um relatório", "É uma beleza", eu teria outra coisa na cabeça, o mesmo referente pode ser designado de várias maneiras. Há, todavia, em uma dada comunidade, hábitos de denominações imediatas, é o que chamo de ortonímia. Creio que é um conceito útil porque ao mesmo tempo permite situar melhor os outros conceitos que gravitam em torno dele.
- P. Gostaria que o senhor explicasse o paradoxo aparente que levou às vezes a formulações abusivas do tipo "a filosofia grega é apenas uma ilustração da língua grega" e que decorre do fato de que o falante não pode se expressar fora das categorias de sua língua, embora esta não predestine o pensamento.
- R. As línguas inventam constantemente soluções para que o locutor possa sair das imposições de sua língua: as perífrases, as palavras compostas, as valorizações entoativas, a ordem das palavras, etc. ... O falante faz explorar estas imposições e utiliza sem cessar seus espaços de liberdade. Que haja interações "língua-pensamento", certamente que sim. Mas nunca uma se torna o escravo do outro.

- P. Como o senhor procede em suas observações?
- R. Na mais completa desordem: abrindo os olhos e os ouvidos. Desde que sou estudante anoto em pequenas cadernetas, em pedacinhos de papel, em seguida esse material se distribui mais ou menos em pastas e, de vez em quando, coloco-os em ordem. A observação chega na medida em que se está atento para tudo o que se pode ler, para tudo o que se possa ouvir. Estamos cercados de manifestações da linguagem, é preciso saber utilizá-las. Espero que todos os linguistas trabalhem ao mesmo tempo com o oral e o escrito. Seria dramático dizer: "Eu, sou um especialista da língua oral" ou "Eu, da língua escrita". A linguagem é oral e escrita, em nossa cultura, em nossa civilização e em nosso nível intelectual. Não gosto da oposição entre um francês oral e um francês escrito. Em mim, tenho apenas uma competência, faço-a variar para o oral, para o escrito, mas é a mesma competência, não há dois tipos de francês. Oponho-me totalmente aos que gostariam de fazer acreditar que há uma disjunção entre os dois. Há sub-competências, alguns falam como escrevem e outros escrevem como falam, creio que é preciso tentar não fazer isto, que a espontaneidade do oral é uma coisa e que o tempo, que é uma necessidade, é uma outra coisa, assim as conseqüências linguísticas são diferentes. Eis porque, quando se trata do espanhol, dou exemplos das gravações de El habla culta de las grandes ciudades e, em francês, houve outrora as enquetes do francês fundamental, que não eram desprovidas de interesse, e que mostram qual é a flexibilidade de uma língua: a partir de um conjunto normatizado e que se encontra freqüentemente na língua escrita, temos uma competência de tolerância, que faz com que possamos nos afastar de um modo legítimo destas normas se estivermos em condições de espontaneidade.

- P. O que significa o exemplo para o senhor?
- R. Para mim, o exemplo é uma palavra muito forte. O "bom exemplo" é uma síntese teórica. Em uma boa gramática latina, você tem em negrito: "Credo Deum esse sanctum". Se você entendeu isto, você entendeu uma regra de gramática. Não vale a pena explicar-lhe que um verbo de modalidade pode vir seguido de uma oração, a qual ficará no acusativo, portanto o infinito etc. ... Tudo isto já está no exemplo, se o exemplo for bom e sintético. Guillaume tinha exemplos do tipo: "Um homem entrou, o homem estava vestido..." Compreendeu-se que havia um mecanismo de cronologia entre o desconhecido: "Um homem entrou" e "o homem" com o anafórico. Você tem aqui um dos funcionamentos do artigo em francês. O exemplo é, portanto, importante. Agora, podemos perguntar-nos se o exemplo pode ser fabricado ou se devemos tomá-lo sempre em V. Hugo, Proust ou Flaubert. Depende; se tivermos muito tempo e paciência, podemos achar sempre nos autores o bom exemplo. Não há nenhuma razão para que ele não apareça, mas não é uma condição necessária. Pode-se também fabricar exemplos bons. Devo dizer que muitas vezes encontro textos que me oferecem bons exemplos e é esta a razão pela qual recorro cada vez mais aos textos reais de autores para ilustrar problemas de gramática: eles têm a vantagem de ser muitas vezes mais ricos do que o exemplo que eu teria podido fabricar.
- P. Com formação de hispanista, o seu percurso intelectual partiu dos estudos românicos para chegar às elucubrações da lingüística geral. A publicação, em 1988, de seu livro La langue espagnole. Eléments de grammaire historique, pela editora Nathan, em co-autoria com Bernard Darborl, representa um retorno às origens ou, se há coexistência de diferentes interesses, de que forma se faz a
- Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

- imbricação desses no campo de suas investigações?
- R. A lingüística geral só existe se ela se fundamenta no conhecimento das línguas naturais. Permaneci, assim, fiel às línguas românicas e acrescentei a estas o campo das línguas ameríndias. Em todos os cursos que continuo a dar, em particular na Espanha, reúno estes dois componentes.
- P. Como se fez essa passagem das línguas românicas para as línguas indígenas da América?
- R. Comecei a trabalhar com o francês e o espanhol, naturalmente, tendo acrescentado o português quando passei pelo Brasil. Pouco a pouco, fui-me interessando pelas línguas indígenas da América porque o Brasil e o Paraguai me conduziram para a prática, a experimentação em trabalho de campo. Eu tinha começado com um estudo livresco do guarani em Paris, tive a oportunidade de ir ao Paraguai, onde eu o ouvi. Tenho colegas, nesse país, que eram especialistas desta língua. Depois, passei ao quéchua que tinha a grande vantagem de ser uma língua de tipo aglutinante e que tinha, sobretudo, uma morfologia extremamente rica e um comportamento bastante diferente de nossas línguas. Corresponde ao que seria na Europa o turco, língua não indo-européia, que desnativiza suficientemente. Os estudos do guarani e do quéchua, em particular, permitiram-me ter acesso a outros tipos de categorizações, de paradigmas semânticos e gramaticais interessantes e acredito que um lingüista deve deslocar-se de sua língua nativa, não propriamente falar dez línguas, mas conhecer fatos e funcionamentos de línguas variadas.
- P. Em que medida as pesquisas sobre as línguas indígenas da América realizadas nas diferentes instituições onde o senhor atuou como professor contribuíram para o desenvolvi
- Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

mento dos estudos das línguas indígenas brasileiras?

- R. A equipe de pesquisa do CNRS que eu criei em 1974 foi um bom trampolim para os jovens pesquisadores, alguns dos quais trabalharam no Brasil. O contacto com os pesquisadores brasileiros foi benéfico para todos. Trata-se de uma comunidade científica pouco extensa, que precisa colaborar entre si.
- P. Em 1948, o senhor apresentou uma comunicação ao VI Congresso Internacional de Lingüistas, intitulada "Existem categorias que sejam comuns à universalidade das línguas humanas?" e publicada no ano seguinte nos Anais desse encontro. Como o senhor antevia, na época, a questão dos universais postulada pela gramática gerativa? Houve convergência ou divergência em suas posições, a partir das novas formulações?
- R. O desenvolvimento dos conhecimentos de numerosas línguas afastadas dos padrões indo-europeus fez progredir os estudos de tipologia e a reflexão sobre os universais. A-bordei este problema em Semântica geral que deve ser publicado pelas P.U.F. (Presses Universitaires de France), no final de 1991.
- P. Em seu modo de pensar, qual o futuro da gramática gerativa?
- R. A senhora quer falar das gramáticas gerativas. Elas deram por demais lugar a escravidões intelectuais e nisto foram nefastas para alguns. Já outros souberam tirar proveito delas, sobretudo na sintaxe. Como sempre, uma escola traz alguma coisa, com a condição de que seus adeptos saibam fazê-la evoluir e não acreditar que ela é a única válida.
- P. O que o senhor acha do formalismo em lingüística?

- R. É uma boa idéia, como ponto de partida, bastante utópica e que pode se revelar perigosa. É boa, como ponto de partida, porque é certo que a língua tem um funcionamento que é controlado por regras, em uma certa medida, e o essencial é saber em que medida ele é assim regulado, isto é, quais são os campos do funcionamento lingüístico susceptíveis de serem submetidos a regras e, portanto, de serem formalizáveis. Se estudarmos as orações relativas, então diremos "isto é formalizável" porque é uma espécie de mecanismo estrito e previsível. Agora, se afastarmos-nos desta sintaxe secundária, derivada, vamos encontrar diante de problemas muito difíceis, nem que seja ao dizermos: o que é uma frase ou um enunciado em francês? Devíamos ter regras: "para que exista um enunciado válido, é preciso que..." Ninguém poderá dizê-lo, pois, ou eu formalizei os enunciados de forma estrita perfeita, que não acontecem senão em alguns romances, ou então vou querer falar "francês". Nesse momento, saio à rua, vejo um cartaz e o que está no cartaz não é conforme ao que eu tinha previsto porque há a liberdade de colocar o texto em situação: em que medida as contextualizações, as situações, as intenções modificam muito fortemente a previsão formalizante? Se eu tenho um livro de poesias cujo título é a preposição "de", não era previsível que uma preposição pudesse funcionar como enunciado independente. Ora, entretanto, é verdade, isso existe. Vou, pois, do totalmente imprevisível ao totalmente obrigatório: quanto mais eu estiver do lado do obrigatório, tanto mais é formalizável. Mas eu estou em um continuum, uma gramática formalizada do francês é impossível por natureza. A língua não pode ser formalizável, posso somente formalizar certos campos da língua. Dizem-me sempre que uma gramática científica deveria ser formal, mas as gramáticas científicas que eu vi se limitam sempre aos

mesmos tipos de problemas. Sei por natureza que um signo será polivalente, polissêmico, etc. ... Posso, no limite, talvez, formalizar um pouco o núcleo, mas o núcleo consiste na 10ª ou 50ª parte da virtualidade de uma palavra. Será mesmo sério falar-se de formalização neste caso?

No campo fônico e no campo de uma sintaxe estrita, deve-se formalizar, mas não é próprio da linguagem ser formalizada. O exemplo da lógica é claro. A lógica é formalizada mas a lógica cada vez que se aplica à linguagem reduz a linguagem a uma espécie de pensamento sempre verdadeiro, nunca polissêmico, etc. ... É como quando se fala dos laços entre poder e dever em semiótica, posso fazer uma bela combinatória com um quadrado semiótico, o resultado é que não me coloco nunca o problema da polissemia de poder, nem de dever. Tomo uma espécie de arquiconceito que não se realiza nunca na linguagem. Se eu disser que dois e dois são cinco, é lingüístico, não é lógico. Se eu disser: "eis um círculo que parece com um quadrado", é um pouco absurdo, mas ao mesmo tempo é uma frase banal, porque a linguagem está aí para imaginar, para criar, para deformar, para brincar e o jogo não está na lógica deste ponto de vista.

- P. Quais são as questões com as quais o senhor trabalhou e trabalha atualmente?
- R. De fato, isto se relaciona um pouco com uma outra questão, ou seja, que a finalidade dos lingüistas é compreender melhor o conjunto do funcionamento das línguas, de forma que qualquer questão, com a qual se pode trabalhar momentaneamente, não passa de um elo de um conjunto mais vasto. Tento agora construir uma espécie de quadro um pouco geral, ordenado e que se pode percorrer em diferentes direções, dos grandes campos das operações lingüísticas
- Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

cas. O ideal seria que toda a gramática que está em pedacinhos nas descrições, nas gramáticas usuais, que todos estes elementos possam achar seu lugar em uma certa coerência, em uma certa interdependência. Todos sabem, quando se faz tipologia lingüística, que os casos estão em ligação com a determinação, com o aspecto e vê-se que o caso é uma marca morfológica em latim e em alemão. A determinação pode ser o artigo ou o dêitico em francês, a transitividade, etc. ... Tudo isto é interdependente, não se pode estudar separadamente estas categorias, deve-se tentar ver porque um máximo de determinação, um máximo de ação, um máximo de peso semântico contribuem para o aparecimento do fenômeno. O caso típico do espanhol é o "a" diante do objeto que não aparece senão se certos parâmetros co-ocorrem. São todos os casos em que o falante tem a liberdade de escolher uma ou outra solução que são os mais interessantes. Os casos de restrições correspondem a uma liberdade em uma outra época. Atualmente, temos outros sistemas de liberdades que não eram os da Idade Média, por exemplo: "Il est probable qu'il viendra" e "Il est probable qu'il vient". A "probabilidade" é uma palavra, a palavra não rege o modo, sou eu, como falante quem, na quantidade de "provável", vou decidir quanto à presença do indicativo ou do subjuntivo. Como o francês ou o português são línguas ruins para a teoria dos casos, é necessário ir ver outras línguas, línguas com ergativos, como por exemplo o basco, línguas do Cáucaso ou da Austrália. O interesse em estudar línguas diversas é que cada língua tem categorias explícitas, que se manifestam, e categorias que são implícitas, que não aparecem. Se eu disser que "jument" (égua) é uma palavra feminina, em "jument" feminino de "cheval" (cavalo), são categorias cobertas, pelo contrário, com "chien" (cachorro) e "chienne" (cadela), é uma cate

*Estudos* (11): 179-195, ago. 1991

goria aberta. Aqui, é simples. Se se tratar do funcionamento casual, é diferente, temos que ir procurar em línguas que têm outras características tipológicas.

- P. E quais são os campos nos quais o senhor não trabalha?
- R. Há campos em que trabalhei e em que não trabalho mais. É talvez porque tenho a impressão, não de que os esgotei, mas de que, para mim, eles estão mais ou menos esgotados, como por exemplo: a fonética e a fonologia. Trabalhei com estas, penso que é bom que se façam estudos sobre elas, mas, são campos em que, sobretudo na fonologia, atinge-se um certo limiar. Um fonólogo que entendeu bem o sistema fonológico, não pode ir além. Em com pensação, a fonética, na medida em que é experimental, é tributária dos descobrimentos científicos de instrumentos de análise. Sendo a fonologia uma matéria de reflexão, a partir de um certo momento, se conhecemos o sistema fonológico de uma língua ou os métodos de análise fonológica, não vamos mais longe. A fonologia gerativa não foi uma revolução porque a fonologia não se prestava a isto. Em compensação, há campos que são muito mais vastos e que não têm limites reais, como o campo da semântica e o campo da pragmática, palavra que está em moda, simplesmente porque se percebeu que, reduzindo-se a semântica à semântica estrutural, havia lugar para uma espécie de semântica da comunicação e reativou-se o termo de "pragmática" que permitiu publicar um certo número de obras, mas sobre campos muito conhecidos. Basta considerar os antigos esquemas de Jakobson para verificar que aí já tínhamos todas as funções essenciais da intercomunicação. Quiseram dar um status mais forte a fenômenos de natureza semântica, do conhecimento, conhecimento da língua, conhecimento do mundo, conhecimento dos outros que permitiram renovar a análise. Mas quando digo

"conhecimento do mundo", é o referencial, quando digo "conhecimento do outro", não faço psicanálise, é simplesmente porque o lingüista, já que ele estuda a língua como função de representação, função de expressão e função de comunicação, inclui naturalmente tudo o que é o meio ambiente, o que envolve o mundo e o que envolve as situações de comunicação.

- P. Por detrás dos grandes homens, há sempre uma grande mulher. A sabedoria popular explícita nesse adágio se aplica a Bernard Pottier?
- R. É uma grande verdade. A vida não pode ser unicamente um procedimento científico. O homem é um todo e a harmonia de um casal é fundamental. Não posso imaginar o que seria um sem o outro.

H

Impresso na Gráfica Univer  
sitária do Centro Editorial e Didático da  
UFBA, Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus  
Universitário da Federação, 40.210 Salva  
dor, Bahia, Brasil. Atendemos pelo reembol  
so postal.

Capa: Larry Guerra Santos  
Composição gráfica: Maria da Conceição M. Tourinho